

Unidade & Crescimento

Na busca da maior unidade possível da alma e mente, com conseqüente crescimento interno, vejo com clareza quanto o Surf nos ajudou e ajuda neste sentido. O Surf é a verdadeira unidade, integralizada no ato, no fazer e no sentir. A unidade do que acreditamos e fazemos é determinante no trato básico das nossas frustrações. Já que partimos do ponto de vista que esta vida é basicamente frustrante, parece até que fomos concebidos para frustrar. Vamos quebrar este terrível ciclo, surfando, surfando e surfando. Crescer é uma dinâmica que pode ser medida por vários padrões e o nosso é sempre qualitativo, pois nossas crenças são qualificativas em todos os aspectos. Para começar é só ver nossa proposta. Gostaríamos de deixar para vocês a sensação serena de constatar que as tendências de crescimento do mercado mundial estão positivas e visam a consolidação. Como analogia, quando um ser, uma empresa ou um segmento se desenvolve para dentro é um claro sinal de amadurecimento e consistência. A essência é o que se busca neste processo. Sendo assim, cada vez mais, os que não possuem esta preciosidade, terão que comprá-la e, se o cosmos permitir, desta vez os nossos irmãos de praia, que têm de sobra a tão desejada essência, terão seu valor sagrado e de direito bem pago. Está chegando a hora dos oportunistas se frustrarem

Alma Surf /Surf Essência

Romeu Andreatta Filho

16

Viagem

Peru: Saiba como, quando, onde e por que?

26

Gerry Lopez

Um dos surfistas mais importantes da história

38

Polinésia

Os primeiros habitantes do Hawaii

48

Puro Surf

A primeira a gente nunca esquece. Quatro moleques zoando no México

54

Moronha

A nova e a velha escola reunidas no mesmo evento

60

Fotografia

Tahiti: O dia do Século

72

Moda

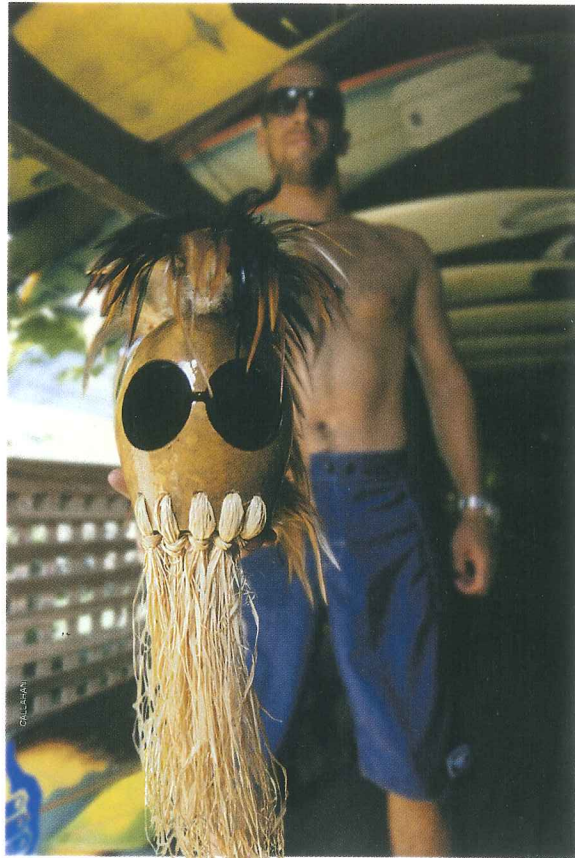
Danças, rituais e dopamina

Capa: Gerry Lopez. O zen surfista.
Retrato: Beto Paes Leme,
onda: Tim Mc Kenna,
insert: Adriano "Mineirinho" por Motaury

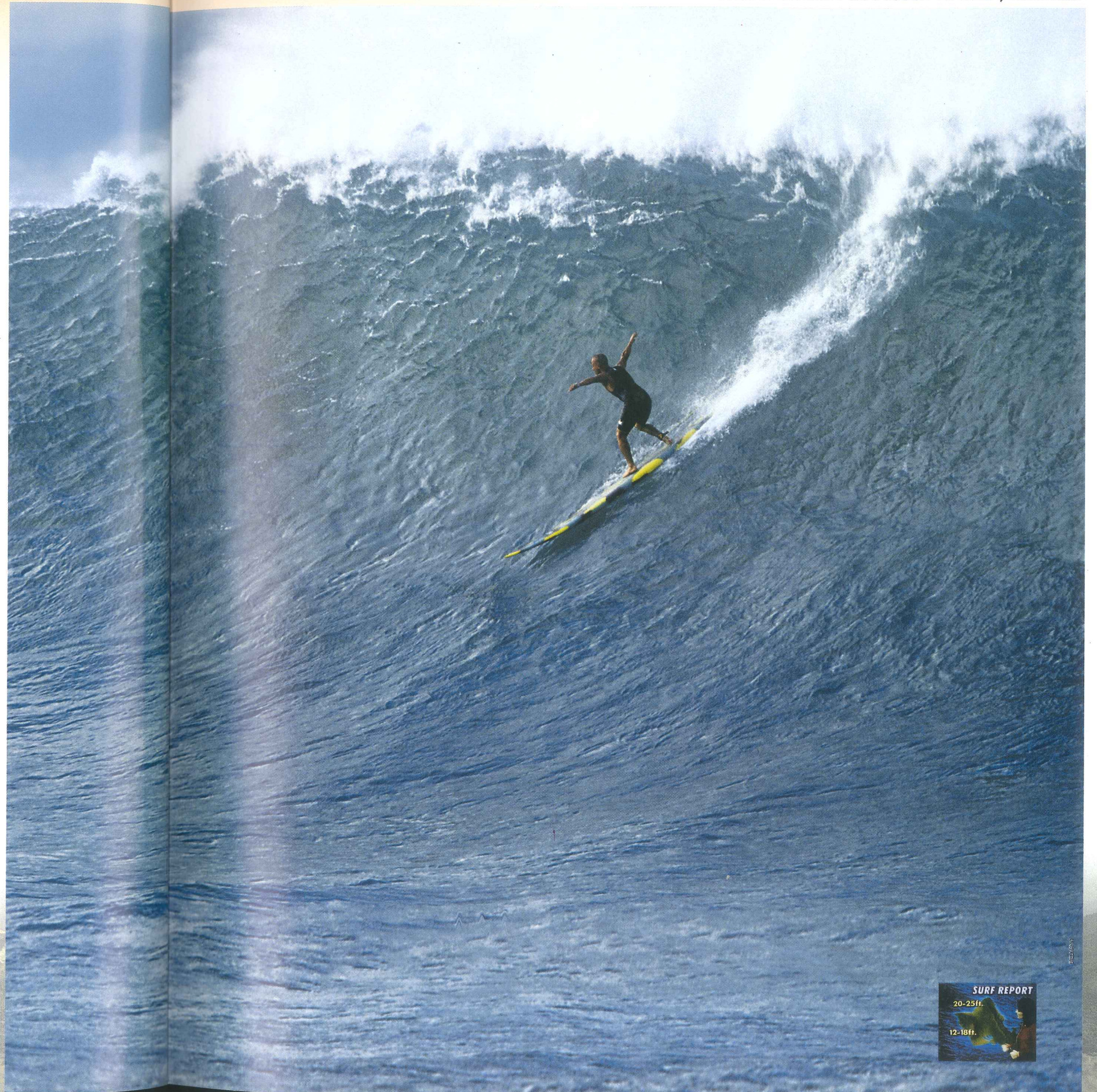
Alma Surf

Ilustração: Cristian Pfeifer sobre tapeçaria Mexicana que representa a criação do mundo e lugares sagrados - Foto: Izunomé em Puerto Escondido por Motaury Porto





HANG LOOSE 🤙



SURF REPORT
20-25ft.
12-18ft.



FLETCHER

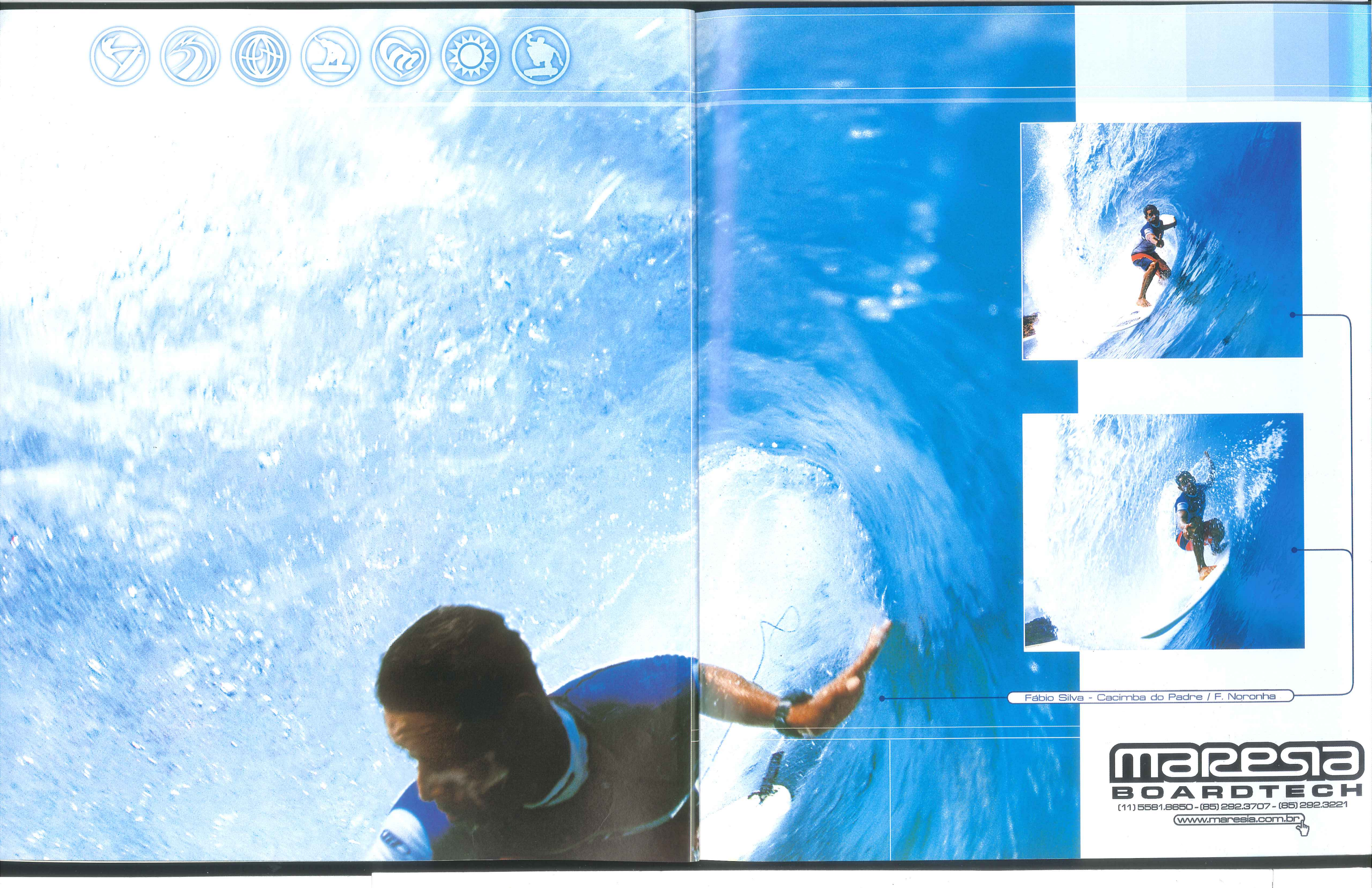
WWW.OAKLEY.COM/NATHAN



Timeless sense of carefree
emotions. In the shallow depths
of reality. We fly on a ride
of freedom in a land of
the unknown only the
future lies in the path of
the swells of energy.
So see you on the other side.

NATHAN FLETCHER





Fábio Silva - Cacimba do Padre / F. Noronha

MAREZIA
BOARDTECH
(11) 5581.8850 - (85) 292.3707 - (85) 292.3221
www.maresia.com.br



BILLABONG



Sul - Sudeste (0xx11) 5581 8650
Norte - Nordeste - Centro Oeste (0xx85) 292 3707
e-mail: billabong@billabongbrasil.com.br

BILLABONG.COM

WORLDWIDE BOARD CO.

(DaniloCosta) photos: Tony Fleury / art: KanahDesigner 2000

Surf Cósmico

Por Taiu Bueno

Das milhares de variações que o Surf pode chegar, nada se compara à pureza e à simplicidade de um Freesurf. Ficar inteirado e em sintonia com as séries ocasionais, ainda poder desfrutar de uma água livre de poluição e a paz de sentar num line up vazio fazem com que a prática do esporte Surf puro transcenda o físico e atinja o invisível, aquela área que só dá pra "sentir" com a alma, purificando, rejuvenescendo e energizando as pessoas. Pegar um tubo e passear por dentro de uma "caverna terapêutica" talvez seja uma das fontes mais poderosas de auto-satisfação nesta vida, junto ao amor e o sucesso profissional. Uma pessoa bem-sucedida profissionalmente e que ama tem grandes chances de ser feliz...Aquele que, além disso, pega uns tubos, com certeza terá muito pouca tristeza e ou depressão na vida...

Uma taxa mínima desta dupla que ronda a humanidade, às vezes, chega ser até normal, mas o crônico atinge muito mais os "non-surfers"... Na tribo dos tuberiders é só alegria...Anos de prática tornam simples, íntegras e felizes as pessoas só pelo fato de estarem incorporadas neste ambiente.No auge da evolução do esporte na mudança de milênio, o Tow-in Surf, o Kitesurf, o Snowboard, o Skate e outros surf alternativos fazem parte desse desenvolvimento progressivo.Todas estas variações da essência surf nos ajudam a ultrapassar e complementar o limite e o sonho do esporte. A grande vantagem do Surf é de não depender de ninguém para ser praticado. Poder remar e vivenciar aquele ambiente do outside em paz, sem barulho de motores e sem água suja de óleo diesel, nem preocupado com velas e ventos ...Tudo isso diferencia a prática pura e simples do Surf no calor; sem cordinha, prancha só com parafina e o mar perfeito. Pergunte ao australiano Ross Clark-Jones, um dos maiores bigriders do mundo, especialista e viciado em Tow-in, qual foi o feeling de Vencer o Eddie Aikau 2001 em Waimea, 20 pés de puro Surf... No meio desta tecnologia, mas com a consciência e os pés ainda ligados à Mãe-Natureza - Os mais espertos seguem esta filosofia: "Quanto mais simples, MELHOR".

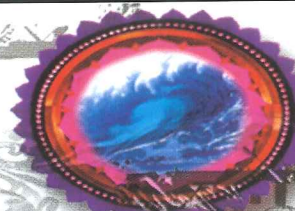


REEF

STEER



Almasurf



COSMMOS PRODUÇÃO EDITORIAL

Romeu Andreatta Filho
romeu@almasurf.com.br

Maria Dias Carvalho
maria@almasurf.com.br

Fernando Mesquita
fmesquita@almasurf.com.br

ALMA SURF

Publisher
Romeu Andreatta Filho

Projeto Gráfico e Direção de Arte
Fernando Mesquita

Editor
Rosaldo Cavalcanti
rcavalcanti@almasurf.com.br

Chefe de Redação
Alberto J. R. Woodward
jwoodward@uol.com.br

Assistente de Redação
Patrícia Barros
patz@almasurf.com.br

Assistente de Arte
Guilherme Tremante
gui@almasurf.com.br

Fotógrafo
Beto Paes Leme

Colaboraram nesta edição

Texto
Carlos Lorch, Eloi Mello, Geni Poletto,
Lacy Silva Jr., Leonardo Siqueira, Motaury Porto,
Taiu Bueno, Teco Padaratz.

Revisão
Nestor Lourenço

Fotografia
Alberto deC Alves, Alberto Woodward,
Beto Paes Leme, César Aiello, Cicero Lehmann,
Fernando Mesquita, Jeff Divine, Motaury Porto,
Paul Sarge Ricardo Rojas, Sean Davey,
Tara Moller, Tim Mc Kenna

Departamento Comercial
Carmen Lúcia Mello Silva
carmen@almasurf.com.br

Departamento Financeiro
Florian Sales
florian@almasurf.com.br

Distribuição
Dinap S.A.- Distribuidora Nacional de Publicações

Fotolito
CyberGraf
Le Vox Editora

Papel
Lumimax

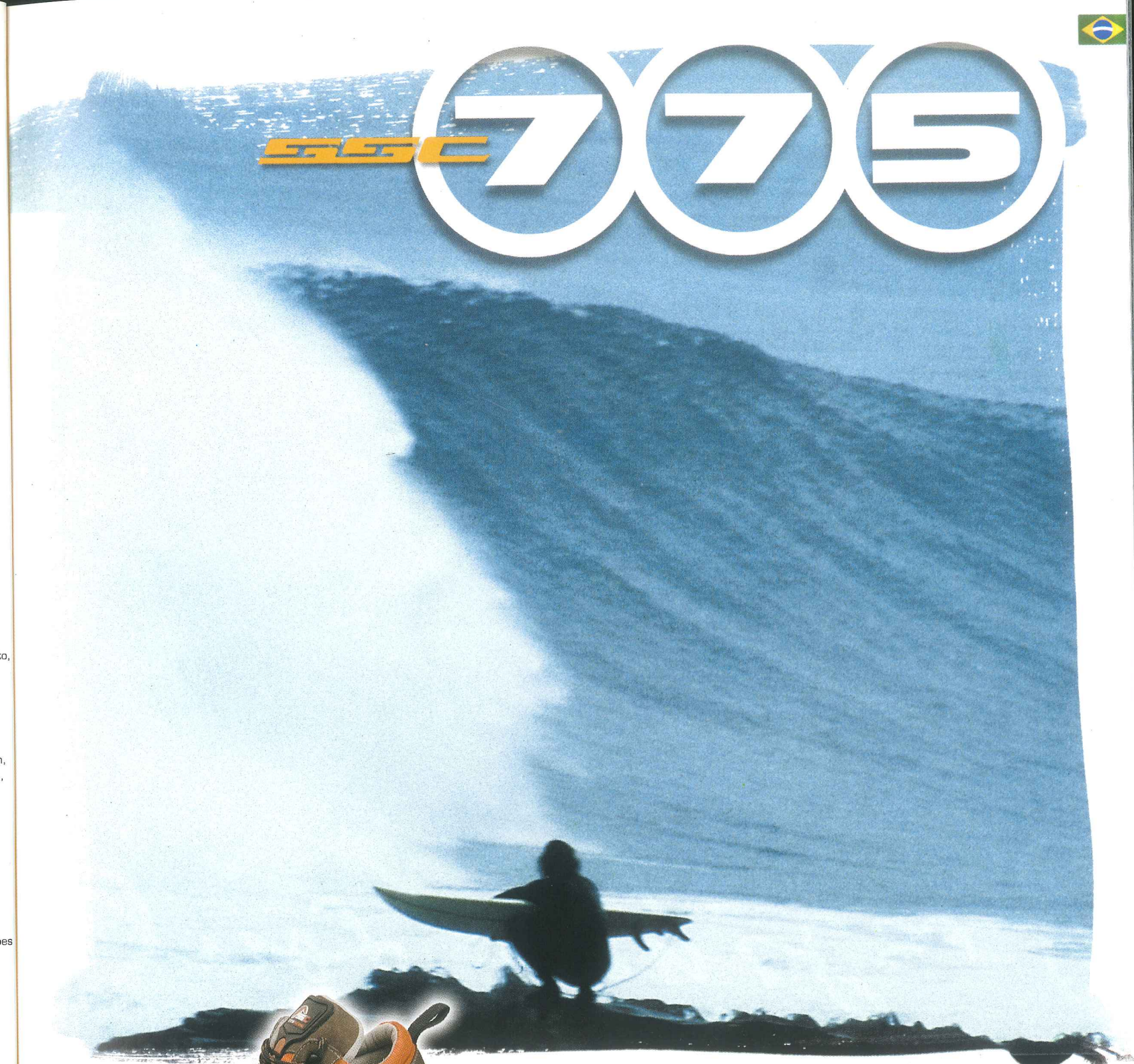
Impressão
Copy Service

Jornalista Responsável
Alberto J. R. Woodward MTB 1822

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da
Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda.
As matérias publicadas não refletem necessariamente
a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência:
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295, Morumbi, SP
CEP: 05716-060
Telefone: 3744-3711
e-mail: almasurf@almasurf.com.br

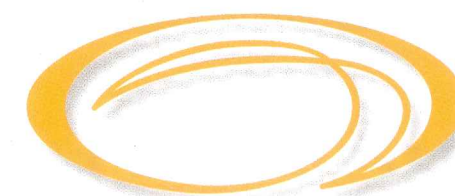
Tiragem desta edição 20.000 exemplares



PRODUÇÃO E VENDAS **SUNCAL**

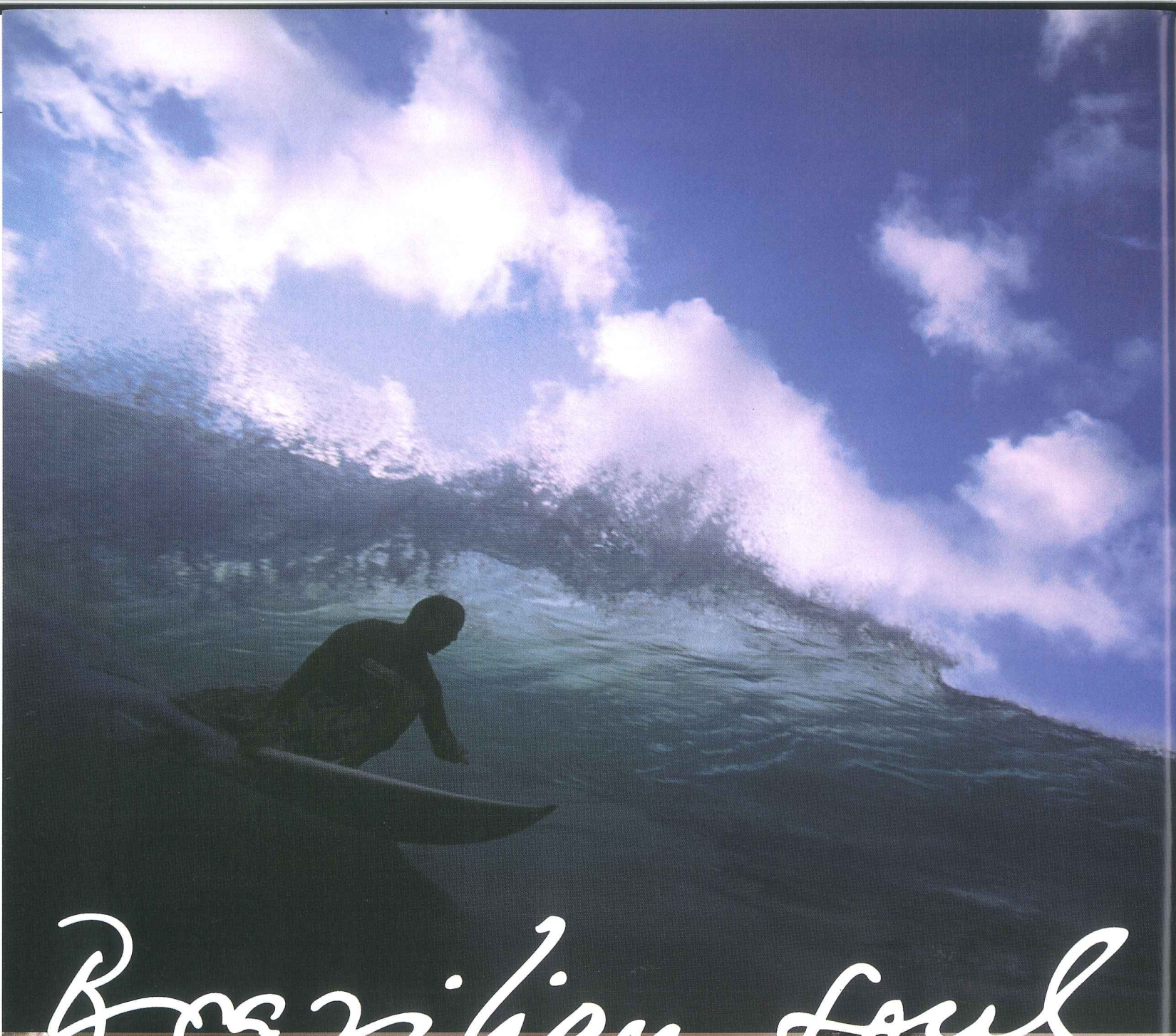
Mais perto de você!

(16) 3720.0836

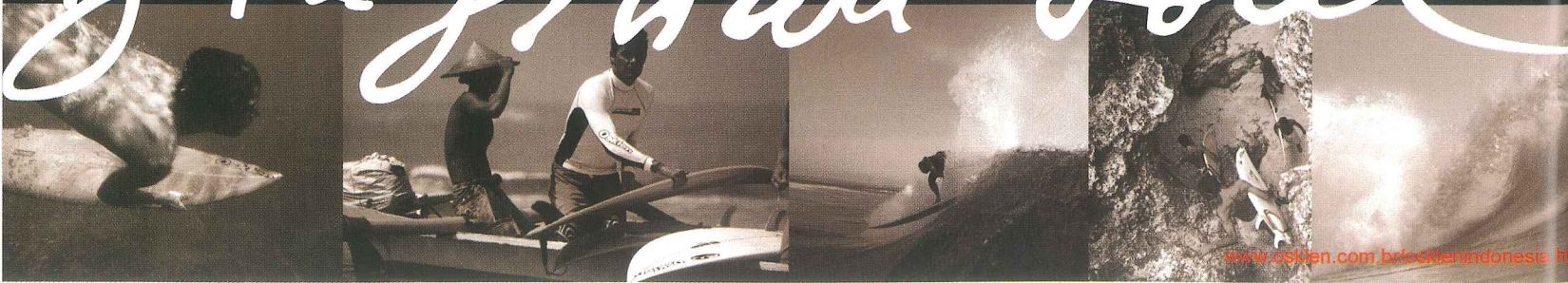


ALMAS SURF





Brazilian Soul



AQUALIGHT®
BOARDING SYSTEM

Os boardshorts Osklen são produzidos com o tecido Aqualight



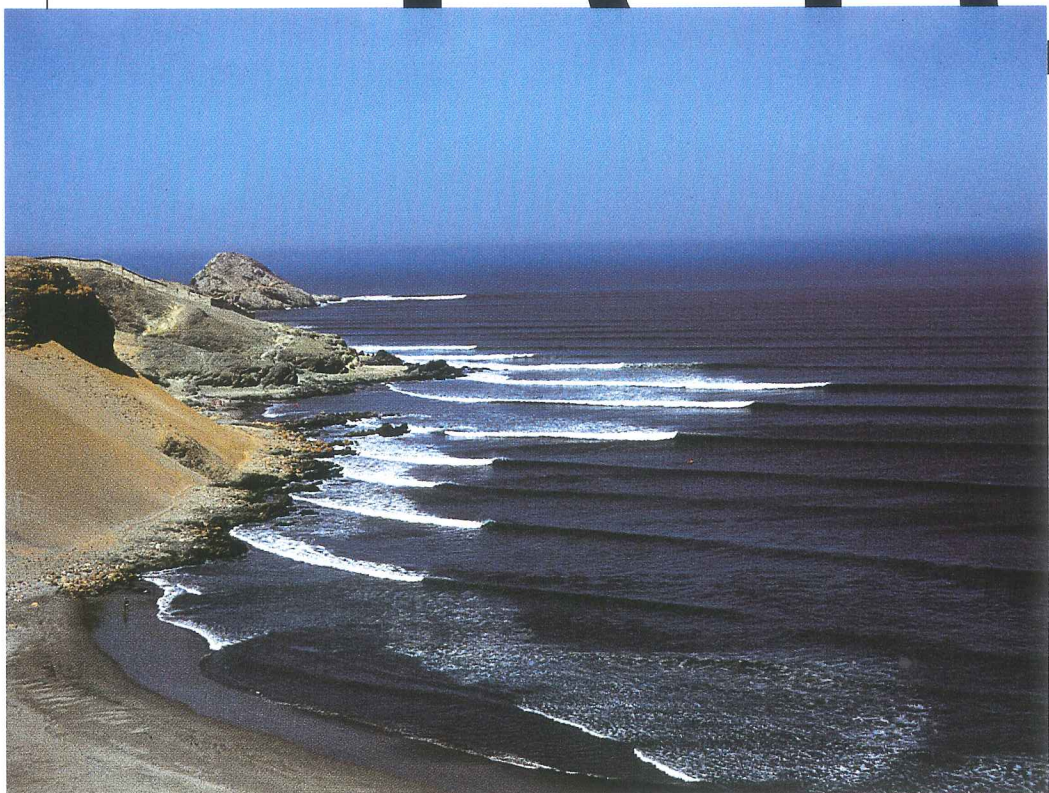
B O A R D I N G



Osklen

Franquia e multimarcas (21) 219 8965 www.osklen.com
RJ - Rio Sul . Barrashopping . Plaza Niterói . Fashion Mall . Búzios . Friburgo . Itaipava SP - Iguatemi São Paulo
DF - Parkshopping BA - Iguatemi Salvador MG - BH shopping . Juiz de Fora RS - Iguatemi Porto Alegre

Peru



Chicama, la ola mas larga del mundo!

Uma viagem pelas ondas Incas

Fotos Alberto deC Alves

O Peru é conhecido como a "terra dos Incas", e as ruínas desta civilização são visitadas por milhares de turistas todos os anos. Além dos Incas, o território peruano foi habitado também por diversas outras civilizações pré-colombianas, como os Nazca e os Chavíns. Os índios que habitam os Andes Peruanos ainda falam a língua quíchua e aymara, e conservam suas tradições e culturas. O Peru pode ser dividido em três principais regiões: a costa do Pacífico, a cordilheira dos Andes e a floresta Amazônica. As maiores e mais importantes cidades do país encontram-se na costa do Pacífico, uma região árida que termina ao sul com o deserto de Atacama, uma das regiões mais secas do mundo. O clima no Peru divide-se basicamente em dois: o seco e o úmido. As temperaturas variam de acordo com a altitude. Na costa do Pacífico, por exemplo, o clima é quente de janeiro a março. No resto do ano as temperaturas são amenas e os dias cinzentos. Nos Andes, o período seco é conhecido como verão devido aos dias claros e, o úmido é tido como a estação de inverno. O Peru é o terceiro maior país da América do Sul. Limita-se ao norte com o Equador e a Colômbia, ao sul com o Chile, a leste com o Brasil e a Bolívia, e a oeste com o oceano Pacífico. Na costa do Pacífico a taxa de desemprego é alta, e a população vive de trabalhos ocasionais. A agricultura desenvolve-se principalmente nos oásis da costa do Pacífico, onde a produção é a maior do país.



Por Leonardo Siquera

Nome oficial: República do Peru

Área: 1,28 milhão km²

População: 23,4 milhões

Capital: Lima (pop.: mais de

7 milhões). Línguas: espanhol,

quíchua, aymara. Religião:

Católicos romanos (90%),

protestantes. Governo:

Democracia. Vistos: a maioria

dos viajantes não precisa de visto,

com exceção dos neozelandeses

e espanhóis. Riscos para a

saúde: Mal-estar de altitude,

cólera, hepatite, malária (nas

planícies), hidrofobia e febre

tifóide. Uma vacina contra a

febre amarela é essencial para

quem planeja visitar as regiões

ao leste dos Andes ou a Bacia

Amazônica. Fuso horário: menos

2 horas. Eletricidade: 220V,

60 Hz. Moeda: Nuevo Sol

Flavio Padaratz

Variable Arch Support System

Synthetic & air mesh straps

Durable outsole

Triple density construction

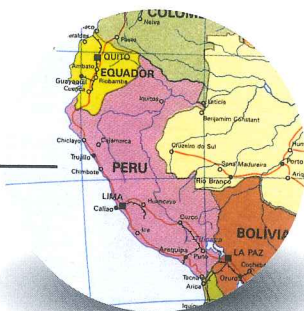
ultra soft deck

Premier

(0xx11) 3225-0250



Chicama segue "abrindo"



Peru

Dicas: Procure levar três pranchas: uma pequena (6'4) para o dia-a-dia, uma intermediária (7'0) para as ondas médias e uma terceira (7'6) para os dias grandes. Caso precise, Punta Hermosa tem oficinas de prancha para consertos e surf shops, onde você vai encontrar pranchas para comprar. É bom levar pelo menos uma roupa de borracha. Na verdade, o ideal é ter um long e um short john. Desta forma, você não vai passar frio em hipótese alguma. O aluguel de um carro no aeroporto está saindo por volta de 25 a 50 dólares. Nas próximas linhas você vai ter uma boa idéia com relação ao custo de hospedagem e alimentação no Peru:

- A- Quarto econômico - de 5 a 10 dólares
- B- Hotel médio - de 10 a 15 dólares
- C- Hotel de luxo - a partir de 15 dólares
- D- Refeição econômica - de 2 a 5 dólares
- E- Refeição em restaurante médio - de 5 a 10 dólares
- F- Refeição em restaurante de luxo - a partir de 10 dólares

O custo de vida no Peru normalmente é baixo. Lima e Cuzco são os locais mais caros do país. Se o seu orçamento for apertado, você vai poder gastar apenas 20 dólares por dia. Mas para não passar roubadas em hotéis modestos e comer em restaurantes decentes, é melhor estar preparado para gastar cerca de 50 dólares por dia. É relativamente fácil trocar dólares americanos. Outras moedas só podem ser negociadas nas cidades mais importantes e mediante uma comissão alta. Pode-se trocar dinheiro em bancos, casas de câmbio, As casas de câmbio geralmente são os locais mais fáceis e seguros para realizar este tipo de operação. Os cambistas de rua, que ficam perto dos bancos, não oferecem taxas mais atraentes do que as oferecidas pelos bancos. São comuns as "estórias" de turistas que foram enganados pelos cambistas. Sendo assim, é melhor evitá-los. Os cheques de viagem são trocados por taxas ligeiramente mais baixas. Visa é o cartão de crédito mais aceito, mas normalmente qualquer operação feita através de um cartão de crédito é acrescida de uma comissão de 8%. A menos que o cartão seja utilizado para retirar dinheiro (em moeda peruana) em algum banco. Uma combinação de impostos e taxas de serviço é adicionada às contas nos melhores hotéis e restaurantes e pode chegar a até 28%. Os hotéis e restaurantes mais baratos não cobram impostos. As gorjetas, que costumam variar entre 10 e 15%, não são esperadas em restaurantes econômicos. Os motoristas de táxi não recebem gorjetas - pechinche bastante antes e não pague nada além do combinado.



Flávio Caporali - Peñascal

Fotos Cícero Lehmann

LOWE

48,1% de chance de ser surfista.



99,9% de chance de ser surfista.

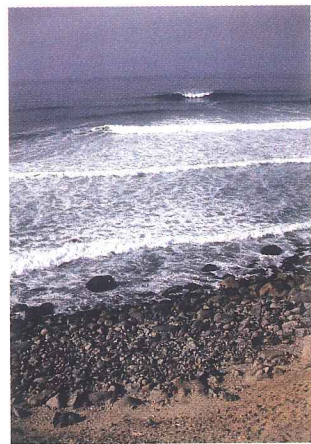
Tropical Brasil.
Surf é a nossa praia.

PARI A COSTA PERUANA

O litoral peruano é muito árido por causa da influência da corrente de água fria, chamada Humbolt. Essa mesma corrente faz com que a costa peruana seja rica em microorganismos; a água, escura e cheia de peixes. Independentemente da época do ano, é possível encontrar ondas boas no Peru, de Norte a Sul, ao longo de seu extenso litoral. Em lugares como Pico Alto, podem quebrar ondulações de até 25 pés. A maioria das ondas peruanas arrebenta sobre um fundo de pedra (reef break), mas são comuns os "point breaks" e até mesmo os "beach breaks" (fundo de areia). Na cidade de Lima, a capital peruana, a melhor onda é Herradura. Uma esquerda longa e tubular, que costuma quebrar mais freqüentemente durante os meses de inverno. Muito freqüentada e adorada pelos surfistas peruanos, Herradura não é a onda mais indicada para os brasileiros. A rivalidade entre peruanos e brasileiros já é famosa e, por isso, é melhor evitar surfar em Herradura.

PRINCIPAIS PICOS

Ao sul de Lima, Punta Hermosa é uma pequena cidade de veraneio, que fica localizada a cerca de 45 km ao sul de Lima. A melhor opção é seguir pela estrada Pan-Americana Sul. Durante os últimos 30 anos, Punta Hermosa tem sido o quartel-general dos brasileiros no Peru. Ideal para quem está com pouco dinheiro. Em Punta Hermosa encontram-se acomodações e restaurantes por bons preços e não é necessário alugar carro para surfar as melhores ondas: Punta Rocas, Kontiki, La Isla, Señoritas e Caballeros, já que elas ficam perto uma das outras. As ondas de Punta Hermosa não são muito tubulares, mas costumam ser longas e com paredes, ideais para treinar as mais diferentes manobras. Punta Hermosa é um lugar onde as ondas são bem constantes e normalmente quebram durante todo o ano. Caballeros - É uma direita longa, que pode ficar tubular nos dias perfeitos. Quebra entre 2 e 8 pés. O fundo é de pedra. Señoritas - Esquerda. Quebra em cima de um fundo de pedra. As ondas podem variar entre 2 e 8 pés. Atenção com o localismo. Señoritas é um dos picos mais freqüentados pelos surfistas peruanos em Punta Hermosa. Pico Alto - Conhecida como a Waimea peruana. Uma onda de respeito. Pode quebrar de 10 a 25 pés. O fundo é de pedra. O pico fica localizado a cerca de 1 km da costa. Se não tiver ajuda de um barco, o surfista vai ter que encarar uma remada de aproximadamente 20 minutos. Mais constante durante o inverno. La Isla - Direita longa e forte, que quebra sobre um fundo de pedra. O crowd pode ser um problema. Atenção com os locais. As ondas podem variar entre 3 e 10 pés. Kontiki - Direitas e esquerdas. As melhores ondas são as esquerdas. Principalmente nos dias grandes. O pico fica relativamente longe da praia, e os surfistas costumam chegar ao outside depois de uma longa remada, de aproximadamente 15 minutos. Pode quebrar de 4 a 15 pés. O fundo é de pedra. Punta Rocas - Direitas e esquerdas, longas e perfeitas. É a onda mais conhecida e constante de Punta Hermosa. Desde os anos 60, os mais importantes campeonatos são disputados em Punta Rocas, que funciona a partir dos 4 pés. Na verdade, os melhores dias são aqueles com ondas com mais de 8 pés. O fundo é de pedra. Os surfistas peruanos costumam aparecer em grande número, principalmente durante os finais de semana.



Punta Rocas



Flávio Caporali - Pulpo

San Bartolo, Balneário muito freqüentado pelos peruanos. Lugar um pouco mais sofisticado do que Punta Hermosa e localizado no quilômetro 51 da Pan-Americana Sul, a cerca de 7 km ao sul de Punta Hermosa. Em San Bartolo quebram boas ondas e os melhores picos são os seguintes: Peñascal - Direita forte e tubular. Chamado de "Sunset peruano". Quebra de 4 a 12 pés. O fundo é de pedra. Santa Rosa - Esquerda longa. Quebra sobre um fundo de pedra. Atenção com as pedras na hora de entrar ou sair do mar. Bom nos dias grandes. Principalmente com ondas de 10 a 12 pés.

OUTROS PICOS AO SUL DE LIMA

Puerto Viejo - Localizado no quilômetro 71 da estrada Pan-Americana Sul. Clássico "point break" de esquerdas, com duas sessões tubulares. Quebra Melhor com swell de sul ou oeste com no máximo 8 pés. Cerro Azul - Fica no km 121 da estrada Pan-Americana Sul. Esquerda longa e tubular. Funciona melhor nos dias pequenos e médios (2 - 7 pés). O fundo é de pedra e areia. Onda boa para os Longboarders. Nos dias grandes, quebra uma direita rápida e tubular do outro lado do pier. San Gallan - Até o começo da década de 70, a ilha de San Gallan era um segredo guardado a sete chaves pelos peruanos. O acesso é feito pelo km 245 da Pan-Americana Sul, através da praia de El Chaco, onde você é obrigado a embarcar numa lancha. Gasta-se aproximadamente uma hora de lancha até chegar à Ilha de San Gallan. Direita tubular e longa. Quebra de 2 a 8 pés. O fundo é de pedra.



JOCA JUNIOR

WCT 2001 O RETORNO...

"...O LOBO PERDE O PELO...MAS NÃO PERDE O VÍCIO..."

www.pulpo.com.br



SURFING IS A...



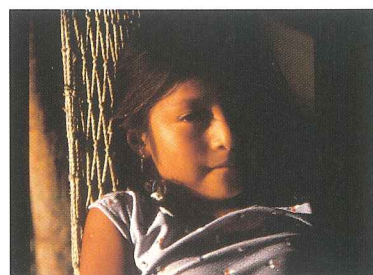
PICOS AO NORTE DE LIMA

Bermejo - Localizado no km 223 da estrada Pan-Americana Norte. "Point break" de esquerda. As ondas são longas e com boa formação. Funciona melhor com ondas de 1 a 3 metros. Pode quebrar em qualquer época do ano. Huanchaco Nesta região existem vários picos de esquerda que quebram o ano inteiro. Fica a menos de 10 km da cidade de Trujillo, no km 560 da Pan-Americana Norte. As ondas podem variar de 2 a 6 pés. O fundo é de pedra. Chicama - Onda mais famosa do Peru. Considerada a esquerda mais longa do planeta. Fica localizada no km 614 da Pan-Americana Norte. Pode quebrar de 2 a 6 pés. O fundo é de areia. Poemape - Esquerda longa e com boa formação. Pode quebrar até 3 metros. Localizada no km 656 da Pan-Americana Norte. É a melhor opção para quando o "swell" está pequeno demais em Chicama. Pacasmayo - Fica perto do km 663 da Pan-Americana Norte. "Point break" de esquerdas longas e com boa formação. Podem quebrar ondas com até 3 metros. Cabo Blanco Esquerda tubular e perfeita. Bastante cultuada pelos surfistas peruanos. Funciona de 1 a 3 metros.

Na cidade de Cabo Blanco pode-se encontrar hospedagem e alimentação por um preço bem razoável. Panic Point Localizada nos arredores de Cabo Blanco. "Reef break" de esquerda. As ondas são tubulares e com boa formação. Os maiores "swells" podem chegar aos 3 metros. Mâncora - "Reef break" de esquerdas longas e tubulares. Fica a cerca de 171 km da cidade de Piura.



Flávio Caporali - San Gallan Foto Cicero Lehmann



A The Surf Travel Company oferece um pacote em parceria com o Pico Alto International Surf Camp.

Passagem aérea São Paulo / Lima / São Paulo voando Taca Airlines.
 Translado: aeroporto de Lima / Surf Camp / aeroporto de Lima.
 Sete noites de hospedagem.
 Café da manhã, almoço e jantar (sem bebidas).
 Translados diários para as praias.

Opcionais:
 Puerto Viejo e Cerro Azul
 San Gallan: carro até Paracas (250 km), seguindo de barco até a ilha de San Gallan.

Não inclui:
 Extras (lavanderia, telefonemas, despesas pessoais, etc).
 Despesas com vistos, vacinas e documentação de viagem.
 Qualquer outra despesa não mencionada no programa.

Obs: Valor da passagem pode ser parcelado em 6 x sem juros.

Maiores informações pelos telefones:

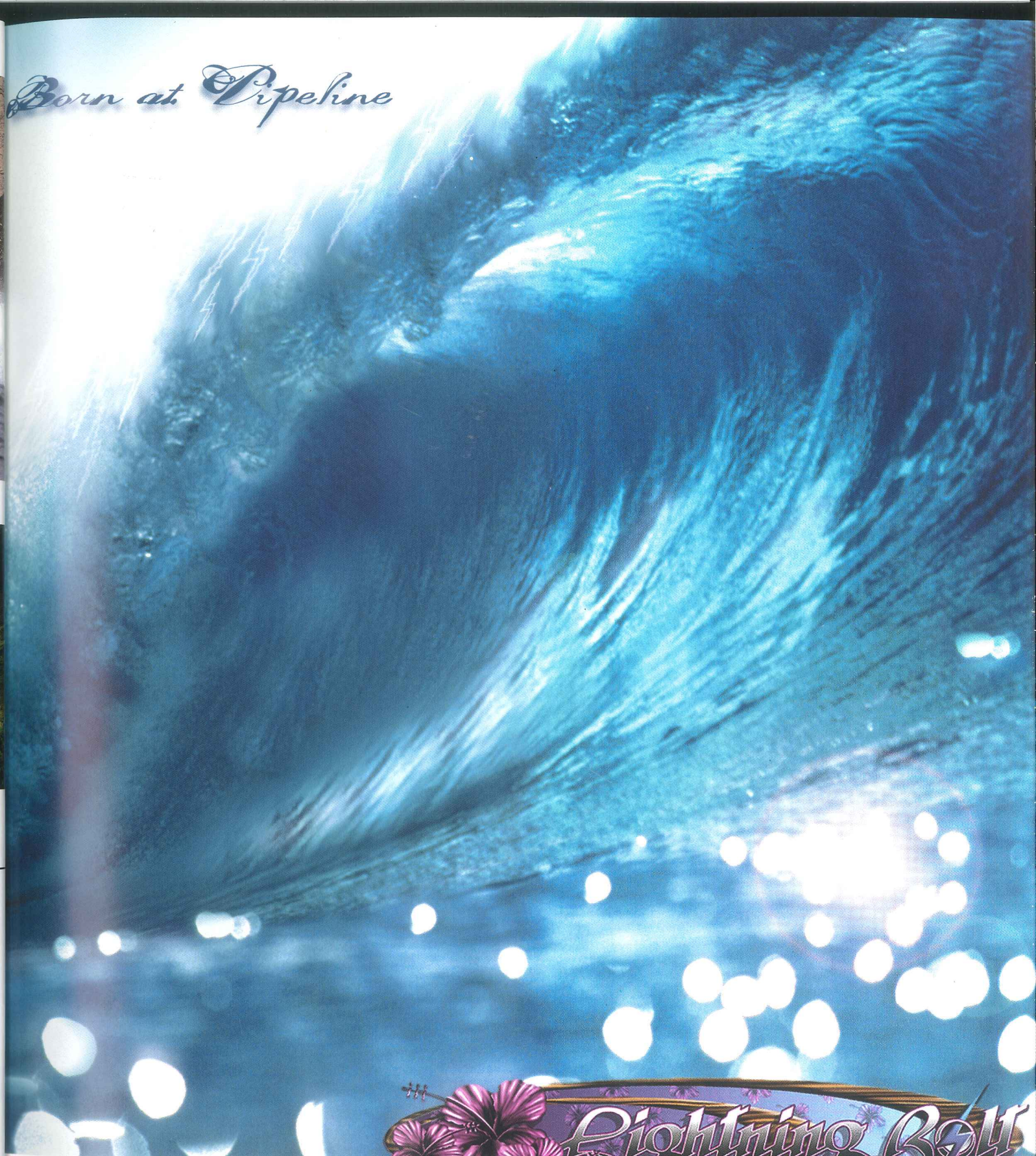
(11) 5052-4181

Fax: 5511 5051-0525

Ou pelo e-mail: surftravel@uol.com.br

Atenção: É obrigatório tomar a vacina contra a febre amarela.

Born at Pipeline



W W W . L I G H T N I N G B O L T . C O M . B R

Tel.: (0xx11) 38495089 / Fax 38424212



TODA POESIA
DO MAR, DO SOL E DAS ESTRELAS.
IH, Ô Ô CARA!



UM CARRO INSPIRADO NA DIVERSÃO.

Gerry
Lopez

vida



Uma das analogias mais perfeitas sobre a vida humana compara-a a uma onda do mar. Ela pode ser uma pequena reverberação na água parada ou um enorme e retumbante Tsunami. Pode ser uma confusa massa d'água em forma de espuma, despencando desordenadamente, ou um bem desenhado cilindro esvaindo-se com perfeição simétrica. Pode ser grande, pequena, curta ou longa, leve ou pesada, transparente, translúcida ou opaca, oca, cheia, boa ou ruim. Mas não importa como

é, pois todas tiveram algo em comum; um tímido início em algum lugar distante, um crescimento gradual e ritmado no infinito aberto do mar e, finalmente, um momento de ápice, seguido de um despencar definitivo após o qual nada sobra. E todas as ondas passam para a eternidade, ao passo que algumas quebram no mesmo local onde, por um breve momento, cada uma ocupou aqueles poucos metros na superfície da Terra, onde poderia se erguer para os céus em seu momento maior. Ninguém se lembra de uma onda. Quando ela quebra, ela quebra e pronto. Alguns as admiram, outros as respeitam. Existem aqueles que as detestam, profundo aborrecimento. Mas ninguém se lembra de uma onda. Até que vieram os surfistas. E se a analogia entre onda e vida, vida como onda ou onda tendo vida se encaixa com perfeição, os surfistas por sua vez começaram a fazer algo que ninguém faz. Os surfistas começaram a se lembrar das ondas! Talvez não de todas. Talvez nem da maioria. Mas de algumas. E os surfistas não só começaram a se lembrar das ondas em si, mas dos rastros que faziam nelas. E, tal qual a analogia da onda com a vida, os surfistas começaram a fazer a analogia de seus rastros. As linhas que faziam nas ondas eram a própria vida. Com início, meio e fim, por certo, até que desapareciam quando a onda se esvaía na areia. Mas um início, meio e fim diferentes. Um início corajoso, exigindo um mergulho de peito aberto no vazio. Um percurso que, quando ideal, era glorioso, momento máximo de integração, autoconquista e domínio. Um caminho com o supremo êxtase que vem da consciência da própria habilidade. Moldando o corpo e traçando as linhas numa íntima expressão pessoal. Desenhando traços numa tela móvel só com o leve equilíbrio do corpo e a dosagem perfeita da velocidade. Misturando as forças da natureza - a centrífuga, e da gravidade - com seus matizes para num breve momento fazer parte de outra, a onda, na qual se encaixa e se deixa levar. Por fim, o surfista se retira, levando consigo sua linha num finale momentâneo que inclui, geralmente, a sua assinatura pessoal. E quando a onda é boa, ou quando a vida

é boa, os surfistas fazem, de forma diferente, o que todos deveriam fazer. Eles se lembram das ondas.



T a v a r u a h o j e

Gerry Lopez

Por Carlos Lorch
Fotos Jeff Divine



Pipeline 1971

To thine own self be true....

William Shakespeare

Quando surfamos, sabemos que alguém na areia deve estar olhando. Afinal de contas, o surf não só impressiona como desafio, mas cativa como dança, arte, a definitiva viagem na fímbria do precipício. Talvez hoje não tenhamos mais as sensações de nossos antepassados que não cresceram acostumados com o surf. Para eles, deslizar sobre as ondas era algo totalmente incompreensível, e fascinante. Os antigos não tinham tempo, nem vivência para admirar as sutis diferenças entre um surfista e outro. Isto viria mais tarde. Quando surfamos, sabemos que alguém na areia deve estar olhando. E, na maioria das vezes, ao entrarmos numa onda fazemos o possível, não somente para completá-la, escapando das armadilhas e obstáculos que ela procura colocar à nossa frente, mas para fazer bonito. Afinal de contas, alguém na areia deve estar olhando. E quando começamos a surfar conscientes de que alguém na areia deve estar olhando e, portanto, provavelmente fazendo juízo de nosso surf, o que estamos fazendo, na verdade, é nos comunicando através da maneira que surfamos. E o significado das linhas que fazemos nas ondas vai ganhando forma. E a vida vai ganhando forma. Vai ganhando forma através do surf. Ora, se através do surf estamos nos comunicando, e dando razão a nossa vida, colorindo a maneira de nos exprimir, então por que não colorir a vida dos que estão nos assistindo? Por que não falar com eles através do surf, num silencioso diálogo entre protagonistas a centenas de metros de distância um do outro? Ninguém surfa igual. Ninguém traça as mesmas linhas. Ninguém controla seu corpo da mesma maneira que o outro. É justamente isso que faz da vida o grande espetáculo que é. Pois se somos seis bilhões no mundo, somos seis bilhões diferentes. Cada um seu próprio mundo. Cada um traçando suas próprias linhas. Cada um seu próprio surfista. Isto, em essência, é talvez o aspecto mais precioso do surf... E o nome disso é estilo. Sem padrões para utilizar como referência, a maior parte dos seres humanos fica confusa. Somos uma raça acostumada a viver em sociedade, e os padrões nos fazem sentir protegidos por uma ordem bem definida das coisas, o que dá forma aos nossos inícios, meios e fins. E apesar de os surfistas terem nascido fugindo dos padrões convencionais, buscando um espaço nas águas do mar e, portanto, longe da ordeira sociedade que os cerca, não conseguiram fugir à regra e, logo, estavam comparando ondas, personalidades, e a própria expressão de cada surfista ao deslizar. Saber quem surfa a maior onda é mais fácil. Apesar de ainda não sabermos se as medimos pela frente ou por trás, não é difícil um consenso sobre quem pegou a maior, ou a mais perigosa. Mas, quando o assunto é o estilo... Não se trata de saber quem surfa mais bonito, pois a beleza é subjetiva. E é exatamente aí que está o ponto crucial da questão. Para cada um que observa da praia, a definição de beleza é distinta. Não se pode dizer que um surfista pega mais bonito do que outro. Pode-se dizer que, numa única opinião pessoal, um surfista desliza mais bonito do que outro. Mas existe um surfista que conseguiu transcender esta delicada questão filosófica. Um surfista que, com seu estilo preciso, sua atitude perante a vida, sua capacidade de espelhar através de seus atos a mais profunda expressão do que o surf deve ser, e seu simples dom de inspirar todos aqueles que o vêem surfar pela vida, pode ser considerado o único a se destacar através das fronteiras, das gerações e do tempo. Um surfista cujo nome vem à tona na maioria das rodas de bate-papo esteja ela em qualquer canto do planeta -, quando se pergunta: "Qual é o melhor surfista que você viu surfar?" O nome é curto, sonoro e mágico, pois para quem o escuta, ele imediatamente se diferencia dos nomes dos outros surfistas. E exemplo disso é que eu jamais poderia escrever desse jeito sobre qualquer outro sem que vocês discordassem. O nome é Lopez.

Surfistas
COP



Gerry
Lopez

P i p e l i n e 1 9 7 1

estilo

Gerry Lopez nasceu em Honolulu, a linda capital do Haváí, na Ilha de Oahu.

Seu pai era de descendência cubana e sua mãe, uma pequena e frágil havaiana filha de japoneses, de quem certamente herdou os traços esguios e os ossos finos. Sua infância foi a de um garoto normal, estudando no prestigioso colégio Punahou, onde compartilhava carteiras com alguns amigos que, mais tarde, seriam surfistas conceituados como ele. As tardes eram passadas no playground dos ratos de praia de Honolulu, a longa linha de recifes que presenteia o mar da grande cidade havaiana com seus colares de pérolas, a espuma das ondas quebrando em direção à praia. Foi nas diversas praias do South Shore que Gerry começou a surfar, ombreando com toda a comunidade surfística da capital havaiana. Não tardou para que descobrissem sua aptidão pelo esporte e, logo, ele estava disputando o pico nas esquerdas mais quentes da região. Ala Moana quebra na saída do canal do Ala Wai Yacht Harbor, e nos dias grandes as ondas passam sobre os marcadores do canal. Nos dias menores, os barcos de passeio saem para mar aberto do lado dos picos perfeitos, que são quase sempre penteados pelos ventos alísios, tão comuns no Hawaii. Ala Moana é uma das ondas mais buraco do South Shore, com suas águas azul-turquesa deixando ver os corais ásperos bem abaixo do drop. Um pico triangular se eleva sobre o recife, abrindo um caminho vertical para a esquerda e uma onda curta e incerta para a direita. Com muito boa vontade, a onda pode ser comparada ao Pepino no Rio de Janeiro, o que por si só mostra como é boa. Após uma parede rápida, ela entra num bowl impressionante e roda com rapidez e perfeição. Do canal, quem olha para dentro da boca de Ala Moana, vê um tubo que parece estar parado no mesmo lugar, tal a forma côncava do bowl. Gerry passou a adolescência ralando o corpo nos corais do South Shore, colecionando cicatrizes e subindo gradualmente na hierarquia de Ala Moana. Seu estilo fluido se encaixava com perfeição à parede inicial da onda pela qual passava com velocidade, mas sem perder a pose ereta que os havaianos tanto prezam. Sua colocação sob o lip se fez notar desde cedo e, em pouco tempo, Lopez estava se destacando nos tubos de Ala Moana. Um momento de Gerry em Ala Moana, anos mais tarde, marcaria profundamente o mundo do surf. Uma manobra sua capturada por um fotógrafo da revista SURFER fez a cabeça e a imaginação de todos os surfistas do mundo. Numa época em que as pranchas, apesar de já mais leves, ainda eram o que poderíamos chamar de gunzeiras para ondas pequenas, Lopez aparece dando uma batida vertical no lip de Ala Moana. Não importa que hoje aquilo seja brincadeira de criança



Gerry
Lopez

Hawaii

In front of house - Pipeline

Gerry
Lopez

Hawaii

S u n s e t 1 9 7 1



ou que ele tenha caído no segundo seguinte. A verdade é que aquela posição, um verdadeiro roller coaster executado com seu incomparável estilo, não era normal para a época, um período em que aquela linha na onda não fazia parte do habitual. As pranchas e as limitações coletivas dos cérebros de então, acostumados a outro approach, não entendiam aquilo. Lopez aproveitou a áurea época de Ala Moana como ninguém, surfando os verões entre as aulas do colégio, relaxando com os amigos sem se preocupar com muito mais na vida. Chega um dia, no entanto, em que os verões de

Ala Moana já não bastam, e os jovens havaianos sentem o chamado da costa Norte. É ali, naquela longa tira de areia dourada e águas azul-escuras emolduradas por uma contínua falange de coqueiros esvoaçantes sob as grandes escarpas marrom-avermelhadas, que cada um deles irá saber se realmente nasceu para aquilo, ou se volta para Town, e para uma vida mais comum, mais pacata, mais normal. Pois é ali, naquele cenário idílico, que quebram algumas das maiores e mais perfeitas ondas que o mundo conhece. Nenhum lugar na terra é tão almejado pelos surfistas. Nenhum lugar é tão mágico. Foi para lá que Gerry se dirigiu no final dos anos 60, quando pranchas mais leves e finas começavam a substituir os pesados pranchões da geração anterior. Os anos 70 foram a época cósmica da juventude – para havaianos e californianos, o surf. As drogas alucinógenas, a música psicodélica, a arte pop e o sexo livre marcavam um novo estilo de vida. As pranchas diminuam e os cabelos cresciam. O North Shore era um oásis de paz em meio a um mundo conturbado. Ali os jovens se esqueciam que, a qualquer momento, poderiam ser sugados para o longínquo conflito que fazia arder os arrozais do Vietnã. Ali estavam livres da ordeira América de seus pais, seres de uma cultura diametralmente oposta da deles. As pranchas do momento eram feitas por um guru californiano que não demorou muito para atrair Gerry para sua turma. Dick Brewer fazia as pranchas mais perfeitas da época e contava com alguns dos mais promissores jovens surfistas para testá-las. Além de Gerry, Reno Abolirá, Jeff Hakman, Owl Chapman e outros desafiavam as ondas gigantes do North Shore e de Maui, sentindo sutis diferenças de curvatura, e dos fatores hidrodinâmicos das bordas e rabetas de suas pranchas. Em pouco tempo estavam shapeando sua própria prancha, cada um se tornando um mestre artesão. Por ser goofy, Lopez não demorou a disputar um lugar no pico de Pipeline, a onda mais respeitada na época, não exatamente por seu tamanho, mas pela perigosa maneira que quebrava. Se Waimea Bay e Sunset possuíam ondas maiores, uma assustadora massa de espuma e grandes distâncias para remar, Pipeline, por sua vez, quebrava no raso, sobre uma afiada plataforma de corais pontiagudos que ficava a poucos metros da beira no Ehukai Beach Park. Além disso, a onda era mais vertical, não havia lugar para erro. Alguns surfistas, dizia-se, já haviam decifrado o local, o caso de Butch Van Artsdalen, o Mr. Pipeline da época dos pranchões. Mas a verdade é que Butch se baseava mais na coragem do que na sofisticação. Seu equipamento não lhe permitia muito mais do que encontrar o ponto certo de dropar, a linha correta para ficar debaixo do lip e o timing que lhe permitiria sair do tubo para a segurança do ombro da onda. Butch era sem dúvida alguma o melhor em Pipe, mas aquela onda estava longe de estar dominada.

Quando as condições de swell e vento se uniam para lançar sobre os corais de Ehukai as ondas que esperava ansiosamente, Gerry era presença constante. A proximidade da praia atraía os melhores fotógrafos e cinegrafistas do mundo do surf, e o mundo naquela época era a Califórnia, onde se produzia as melhores revistas e filmes de surf da época. Não tardou para que, em pouco tempo, as telas dos cinemas improvisados do mundo inteiro começassem a ver seqüências incríveis de um pequeno e magro jovem despencando nas ondas de Pipeline, somente para girar suavemente na base, escapando da guilhotina prateada formada pelo lip, preferindo então desaparecer por detrás dela no escuro e profundo tubo. Segundo após segundo, muitas vezes estendido pelo então mágico recurso da câmera lenta, a seqüência mostrava que ele permanecia escondido lá dentro, extraindo da platéia, tanto a da praia quanto a dos filmes, o mais infantil dos instintos: a curiosidade. Em cada coração em Pipeline, em cada mente ao redor do mundo, a pergunta, formulada num microssegundo era a mesma... "Será que ele vai sair?" E para espanto de alguns e deleite de outros, quando o chicote d'água finalmente lambia sobre o coral deixando uma pequena toca de tubo semi-aberta por um breve momento, era por ali que Gerry saía; sua pele bronzeada refletindo o suave sol havaiano, seu corpo levemente arqueado, seus braços estrategicamente recolhidos, os dedos das mãos suavemente apontando a direção desejada. Tudo muito fácil, tudo muito simples, tudo muito zen. Vez por outra, Gerry brincava com a onda. Passava a mão direita sobre sua face acariciando-a ao curvar a base. Deixava a cabeça deslizar sob o limite do lip como que para refrescá-la. Entrava no tubo olhando para a praia como se procurando um amigo que chegara atrasado. O corpo às vezes precedia os braços que seguiam atrás como os de uma criança sentindo o vento numa montanha russa. Às vezes ele olhava para trás, talvez para admirar o tubo, talvez tentando entender como fazer para ficar ainda mais lá atrás. Como um iogue em sintonia consigo mesmo Gerry parecia conseguir afastar tudo de sua mente, concentrando-se somente em dropar em suas ondas. Como um violinista que na explosão da orquestra consegue ouvir somente o seu próprio instrumento. Seu surf em Pipeline era tão perfeito, tão sutil e tão diferente de tudo o que havia sido feito ali até então, que Gerry começou a ser conhecido mundialmente. Sua personalidade serena, em harmonia com a natureza, espelhava a beleza daquelas ilhas. Sua maneira distante e seu jeito tranquilo de falar aumentavam a aura que inspirava jovens surfistas nos quatro cantos do planeta, bombardeados pelos filmes, fotos e revistas de surf que como num mundo underground achavam seu caminho até os surfistas de todas as nacionalidades, raças e credos. A mágica de Lopez em Pipeline inspirava-os, todos. De repente garotos de 10 a 15 anos arqueavam o corpo e apontavam as mãos sutilmente para descer do ônibus ou virar à esquina. Juntavam os dedos e dobravam levemente as mãos colocadas para fora da janela do carro, sentido as variações aerodinâmicas do vento contra o carro em movimento. Preparavam-se para entubar - mesmo se o mar só estivesse na altura da cintura -, estabilizando o idolo e pouco se importando se o corpo semi-ereto não coubesse debaixo do pequeno lip. O mundo inteiro se energizava com o mito de Gerry Lopez. Ter vencido o Pipeline Masters pouco acrescentou para sua imagem, apesar de consolidar definitivamente sua supremacia no lugar. O que realmente contribuiu para que cada um de seus seguidores pudesse possuir um pouco de sua energia foi o nascimento, no início dos anos 70, de sua marca, a Lightning Bolt. De repente pranchas sem o característico raio, símbolo-mar de energia das tempestades que traziam, no dia seguinte, as ondas para o Havaí, não mais interessavam aos jovens surfistas do mundo. Como que atraídos pelo mito, quase todos os maiores surfistas do mundo precisavam surfar com o raio sob os pés. É bem verdade



que por trás da mágica constelação de surfistas que ostentaram a famosa marca estava a incansável figura de Jack Shipley, amigo e sócio de Gerry e que sabia reconhecer um novo talento a milhas de distância. Jack cuidava dos negócios e montava a equipe, enquanto Gerry ia surfar Pipeline. Quem não surfou por algum tempo com uma Lightning Bolt? Jeff Hakman, Reno Abellira, Barry Kanaiaupuni, Rory Russell, Mike Armstrong, Jeff Crawford, Mark Richards, Shaun Tomson, Ian Cairns, Mark Warren, Wayne Bartholomew, Jackie Dunn e muitos outros que dominaram o surf do North Shore nos anos 70. Rory, Jackie Dunn, Crawford e outros se espelhavam em Gerry para conseguir surfar aquela esquerda perfeita. Invariavelmente adotavam seu estilo. Rory, mais do que todos, talvez, tornou-se um clone de Lopez e, de tão parecido que ficou seu estilo, destacou-se dos outros. Em diversas ocasiões compartilhava o tubo com Lopez, e certa feita me contou uma história que demonstra claramente a percepção elevada de Gerry. Nas inúmeras vezes em que surfavam a mesma onda, dropava na frente quem estava mais bem colocado no pico. Quando Rory estava na frente, dropando portanto mais à esquerda do pico, completava a onda sem problemas, com Gerry saindo como um foguete por trás dele. Mas quando Rory se via dropando atrás, com Gerry a sua esquerda, invariavelmente ficava dentro do tubo, sem conseguir acompanhar o amigo. Após muito matutar, descobriu finalmente o segredo de Lopez. Quando dropava atrás de Rory, ele subia na parede para ficar sobre o rastro da prancha à sua frente, manobrando sempre em água lisa. Quando Rory finalmente descobriu o que ele fazia, começou, ele também, a sair dos tubos.

Foi um período mágico, o surf nunca foi tanto dança e tão pouco esporte. Nunca significou tanto para a alma, e tão pouco para o cérebro. E os dias nunca mais seriam assim.



Gerry
Lopez

K
E
E
R
B
D
O
I
C

o pé na estrada

Com a chegada da primeira geração de australianos, começou realmente a modificar a face do surf no final dos anos 70 e início dos 80, e o North Shore deixou de atrair Gerry da mesma maneira que antes. Quando menos se esperava, ele havia partido, fixando residência na encosta do vulcão Haleakala, na pacata ilha de Maui. Ali, onde poucas casas espreitavam a idílica paisagem da cintura da ilha, deixando ver onde as duas costas ficam visíveis a milhares de metros de altura, Gerry se recolheu a uma existência pacífica cercada das coisas que gostava. Aproveitando o clima temperado das alturas, cuidava de suas flores, explorava as trilhas da região com sua moto, shapeava e, quando o mar estava bom, descia para o nível do mar para pegar as ondas perfeitas de que tanto gosta. Sua preocupação com o corpo e com a mente era central ao seu existir. Praticante de loga, disciplinado com a saúde, Gerry conseguia tempo livre para fazer o que queria, administrando a vida de forma ordenada. Dizia que havia conseguido a liberdade através da disciplina, e não da lassidão. Gerry iniciava ali uma inteligente prática de existir num mundo tranquilo, do qual ocasionalmente saía para periódicos rushes de aventura. Maui era sempre o porto seguro onde planejava suas expedições, e de onde saía para alguns dos melhores spots do mundo. Gerry não foi o primeiro surfista a viajar, mas algumas de

suas viagens inspiraram milhões a fazer o mesmo. Alby Falzon já havia filmado as ondas de Bali, mas foi a ida de Lopez para aquela distante ilha da Indonésia que realmente a colocou no mapa. A milenar cultura balinesa o intrigava. As ondas vazias, quase havaianas atraíam. Seu estilo se adaptava como uma luva aos longos cilindros de Uluwatu, Padang, Bingen e outras ondas que se alinham naquela ponta de península sobre o Índico. Para Lopez, Bali era um surf mais relaxado, num ambiente tropical agradável, água quente, motos... E para lá se dirigiu diversas vezes até que, confiando em alguns amigos, cruzou o estreito que separa Bali de Java, para descobrir a onda que o atrairia para sempre. Em Gradjagan, Gerry sentia a perfeita simbiose com a natureza, surfando uma onda perfeita, porém com a força que conhecia no Hawaii, num local onde a selva chega até o mar e os tigres deixam suas pegadas na areia da praia. Como há milênios, como antes de o homem chegar. Enquanto o mundo do surf se profissionalizava, e as estrelas rodavam o mundo surfando grandes eventos em ondas que lhes alcançavam os calcanhares, Gerry se recolhia a sua linda casa em Maui, preparando sua próxima expedição ou surfando com amigos as perfeitas direitas de Honolua Bay ou as violentas esquerdas de Windmills. Tratou de comprar uma casa defronte ao pico em Pipeline, para os períodos em que desejava voltar para o que até hoje é a sua onda. O Windsurf também o atraiu e logo estava se destacando em Hookipa, a Pipeline dos Windsurfistas. Seu estilo suave combinava bem com as curvas velozes impulsionadas pelos ventos. Suas pranchas camufladas, inspiradas nas selvas tropicais de Plungkunk, marcavam seu estado de espírito. Talvez ali Gerry se visse como um guerreiro, um lutador capaz de sobrepujar as maiores forças da natureza somente com sua habilidade e as reservas de energia de seu corpo.

Maior do Que a Vida

O estilo carismático de Gerry lhe valeu um convite de John Milius, surfista das antigas e um dos diretores mais bem pagos de Hollywood, para aparecer em "Big Wednesday", filme visto no mundo inteiro, onde Lopez faz o papel dele mesmo. O convite se repete em "Conan o Bárbaro", trabalho seguinte de Milius onde o diretor empresta o espírito guerreiro de Gerry para o papel de Subotai, o fiel escudeiro de Conan que o acompanha nas suas aventuras. O cinema foi mais uma etapa da vida de Lopez. Menos importante, e com menos glamour do que as ondas turquesas dos oceanos Pacífico e Índico. Menos interessante do que as tardes tranquilas em Maui com os amigos. Menor, a despeito do que dizem, do que a vida real. Lopez, ao contrário da maioria, não mudaria por tão pouco. Afinal, o que era a fama, o dinheiro, o assédio e o sucesso do mundo real comparados à suprema sensação de dominar a mais perfeita das formas da natureza. Para Gerry, o verdadeiro mundo real valia mais. Embrenhar-se na selva, fazendo-se parte dela, brincar no mar sabendo-se bem-vindo, deslizar nas alturas geladas com o mundo a seus pés. Não acredito que Gerry sequer tenha considerado uma comparação. Não é seu estilo...

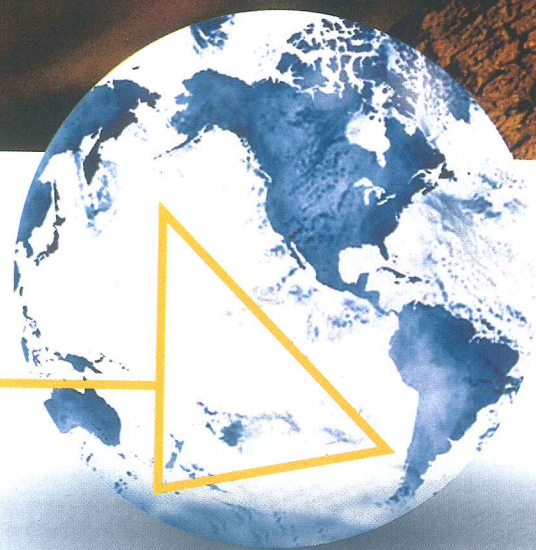
Como Vinho

O tempo não parece ter mudado a vida de Gerry Lopez. Se ele não está mais disputando ondas no North Shore com a garotada é porque re-dirigiu sua energia para outro caminho. Nos idos de 1990, juntamente com alguns jovens surfistas de Maui, entre os quais Laird Hamilton, filho de Billy, de sua geração, Gerry começou a explorar os Outer Reefs havaianos. Durante décadas se escutou que alguém um dia surfaria aquelas ondas distantes, gigantescas e inatingíveis que quebravam em locais para os quais poucos conseguiam remar, quanto mais surfar. Alguns haviam tentado, mas poucas vezes conseguiram entrar nas ondas marítimas com seus próprios meios. Foi com o advento do Jet Ski que aquele punhado de surfistas desenvolveu o tow-in, no qual o surfista com os pés presos à prancha por alças de windsurf é rebocado para o drop. O que se surfou a seguir foram algumas das maiores ondas do mundo, no meio do oceano, longe de tudo e de todos. Só um punhado de caras, as ondas gigantes e o coração batendo no peito. Gerry não poderia ficar de fora dessa...

Casado, vendo seu filho acompanhá-lo às montanhas de neve do Oregon, onde ainda existiam ondas enormes de neve power para descer, Gerry vem ficando mais velho, como o bom vinho da região. A verdade é que ele nunca parou de nos inspirar. Talvez sua maior façanha tenha sido a de ter levado a vida com a cara voltada para a verdade. Nunca se deixou levar pelos outros, apesar de saber o enorme impacto que seu estilo causava. Sempre buscou o que queria, concentrando-se em fazer o que o momento lhe apresentava, vivendo o presente sem se preocupar com reminiscências ou tentando adiantar o futuro. Num mundo onde a imagem tende a ser mais importante do que a realidade, os surfistas começam a percorrer um caminho de volta para aquilo que os levou pela primeira vez para onde a areia acaba. A simplicidade da mais pura sensação de deslizar com uma pequena prancha sobre as águas do mar. Vivendo a vida como se fosse uma onda. Importando-se apenas em surfá-la com estilo...



Guru do Guru Paramahansa Yogananda



Os polinésios

Por A. Woodward
Fotos Sean Davey

e o mar

Poucos povos na história da humanidade tiveram um domínio de navegação tão grande quanto os polinésios. Sua imigração para o Hawaii pode ser considerada uma das grandes aventuras da humanidade. Antes mesmo do nascimento de Cristo, eles já navegavam com desenvoltura pelo Pacífico central, descobrindo e colonizando novas terras. Enquanto os europeus ainda se mantinham próximos do litoral, esperando pela invenção de instrumentos que os permitissem navegar em oceano aberto, navegadores das ilhas Fiji, Tonga e Samoa já estavam colonizando uma área de mais de 10 milhões de milhas quadradas, conhecida como triângulo polinésio. O feito fica ainda mais notável quando se leva em conta que suas embarcações eram extremamente rústicas e construídas com ferramentas de pedra, osso e coral. Com um design parecido ao de um catamarã, os cascos eram cavados em troncos de árvore; as velas, tecidas de palha de coco ou folhas de pandano (árvore parecida com uma palmeira) e as rachas e costuras eram lacradas com fibra de coco, fruta-pão ou outra árvore. Quando não havia vento, eles usavam remos. Esse tipo de embarcação, conhecida como Hokule'a, apesar da aparência frágil, podia percorrer mais de 2.000 milhas pelo mar, como, por exemplo, a distância que separava o Tahiti do Hawaii. Até mesmo o lendário navegador inglês, capitão James Cook, ficou impressionado, pois além de elas navegarem longas distâncias, atingiam uma velocidade 1/3 maior que as caravelas. Os polinésios dependiam muito do mar para sobreviver, e isso fez com que aprendessem a navegar sob qualquer condição, estivesse o mar calmo ou não. Como forma de orientação, usavam as estrelas e o sol, e conheciam todas as correntes e ventos do mar. Aliás, foi assim que nasceu o surf. Desenvolvendo a habilidade de navegar, eles perceberam que podiam usar a força das ondas para retornar mais rápido à praia. Mais tarde, criaram as primeiras pranchas de surf: longas tábuas de madeira, nas quais deslizavam sobre as ondas. A partir daí, o surf não parou de evoluir e acabou se tornando parte da cultura do Hawaii, onde durante muitos anos somente os reis e seus familiares podiam surfar de pé.

A ORIGEM

Existem algumas controvérsias sobre a origem do povo polinésio. O mais coerente dos estudos afirma que os polinésios descendem de um grupo de caçadores que habitaram a Austrália e a Nova Guiné há 50.000 anos. Entre 1.600 e 1.200 a.C. este povo emigrou da Nova Guiné e da Malásia para as ilhas Fiji, Samoa e Tonga, desenvolvendo a cultura polinésia. Por volta de 300 anos a.C., os navegadores de Samoa e Tonga descobriram e colonizaram as ilhas Cook, Taiti-nui, Tuamotus e Marquesas. No ano 300 d.C., exploradores vindos da Polinésia central ou oriental descobriram a Ilha de Páscoa. Por volta do ano 400 d.C., polinésios das Ilhas Cook, Taiti e Marquesas se tornaram os primeiros habitantes do Hawaii.

Polynesian Voyaging Society

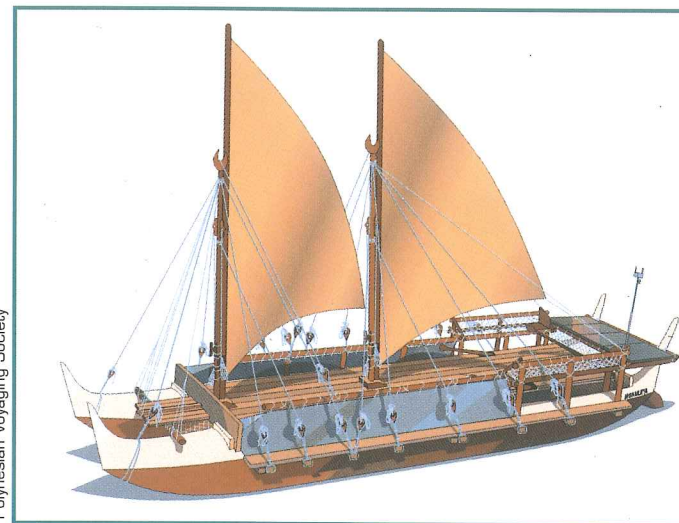


Foto Tim McKenna



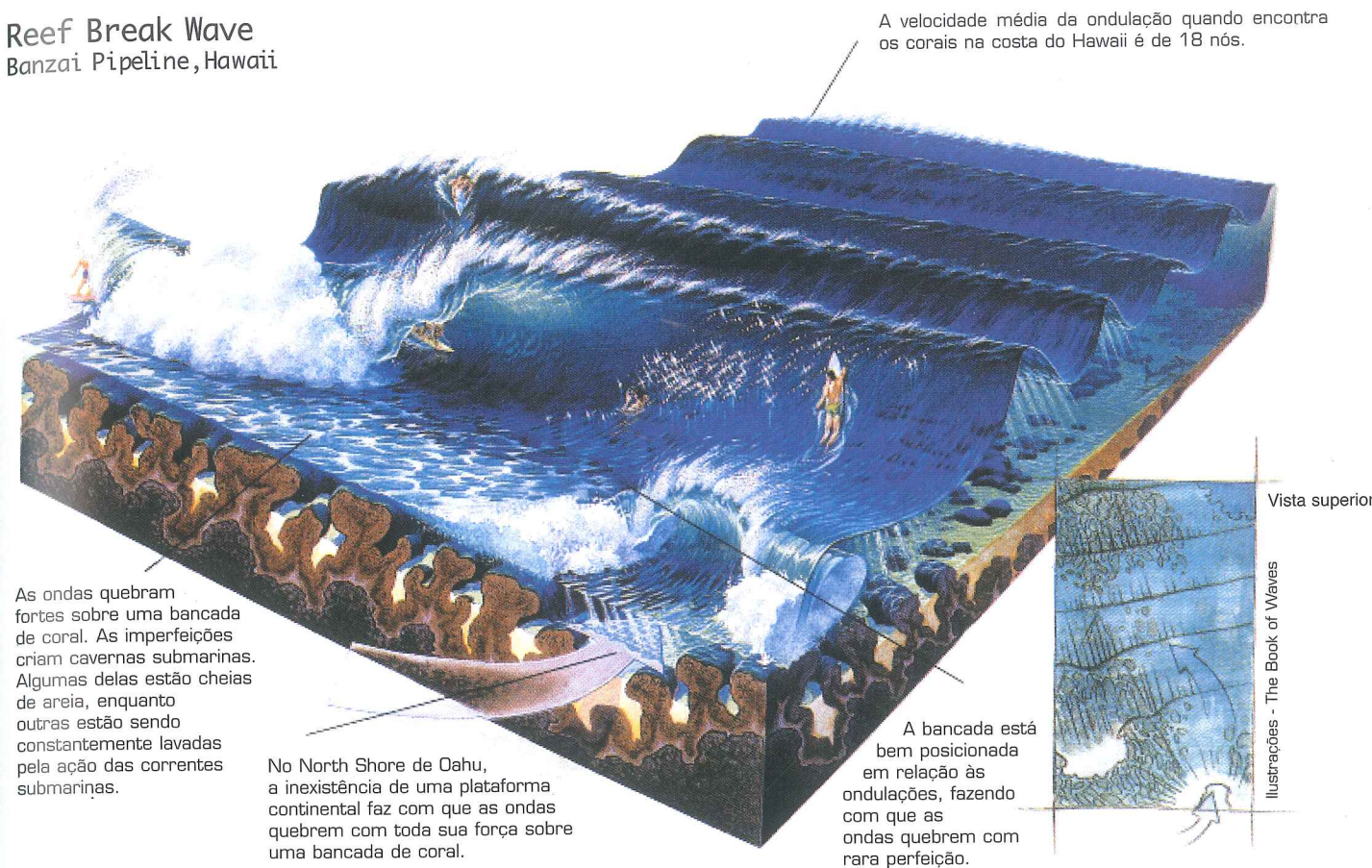


O segredo do "power" havaiano

Vista aérea do "North Shore" da ilha de Oahu

As fantásticas ondas havaianas devem sua existência a dois ingredientes fundamentais encontrados no arquipélago: sua localização privilegiada e as características da sua plataforma continental. Um mapa da altura média das ondas obtido a partir de satélites mostra que as maiores ondas do planeta estão em duas grandes faixas oceânicas, localizadas entre as latitudes 35° e 50°; uma no Hemisfério Norte (oceanos Pacífico e Atlântico) e outra, mais poderosa, no Hemisfério Sul, no grande oceano existente em torno da Antártida que incorpora de forma ininterrupta a parte sul do Pacífico, do Atlântico e do Índico. As tempestades (no jargão técnico, "ciclones extratropicais") encontradas nessas faixas de latitude, principalmente nos meses de inverno, reúnem os fatores básicos necessários para a geração de grandes ondas: ventos fortes que atuam numa extensa área do oceano de forma contínua, durante longos períodos de tempo. Uma vez geradas, as ondas criam vida própria, podendo se propagar na forma de ondulações ("swells") por milhares de quilômetros através dos oceanos. Como a direção dominante dos ventos entre as latitudes 35° e 50° é de oeste, as maiores ondulações têm, normalmente, um componente de oeste na sua direção (ondulações de noroeste no Hemisfério Norte e de sudoeste no Sul). Assim, é nesses "cinturões", em torno das latitudes 40° N e S (os famosos "roaring forties"), que está a grande "máquina" geradora de swells do planeta Terra. O arquipélago havaiano localiza-se no meio do Pacífico, em torno da latitude 21° N (o Rio está na latitude 23° S), portanto longe o suficiente das tempestades oceânicas, mas ainda totalmente exposto às ondulações por elas geradas nos dois hemisférios. Eis aí o primeiro ingrediente. Antes de falar do segundo ingrediente,

Reef Break Wave Banzai Pipeline, Hawaii



A velocidade média da ondulação quando encontra os corais na costa do Hawaii é de 18 nós.

As ondas quebram fortes sobre uma bancada de coral. As imperfeições criam cavernas submarinas. Algumas delas estão cheias de areia, enquanto outras estão sendo constantemente lavadas pela ação das correntes submarinas.

No North Shore de Oahu, a inexistência de uma plataforma continental faz com que as ondas quebrem com toda sua força sobre uma bancada de coral.

A bancada está bem posicionada em relação às ondulações, fazendo com que as ondas quebrem com rara perfeição.

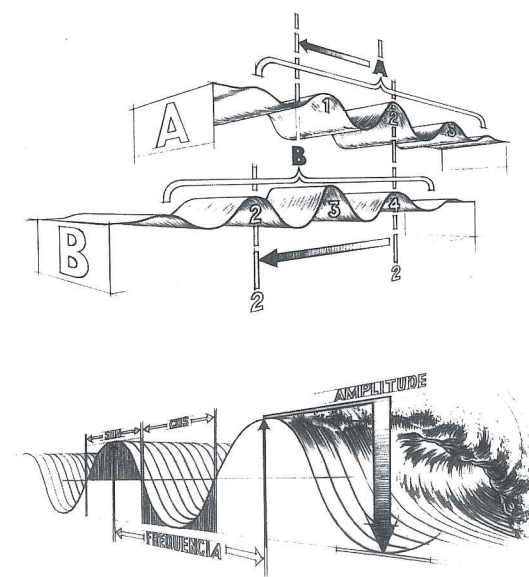
Vista superior

Ilustrações - The Book of Waves

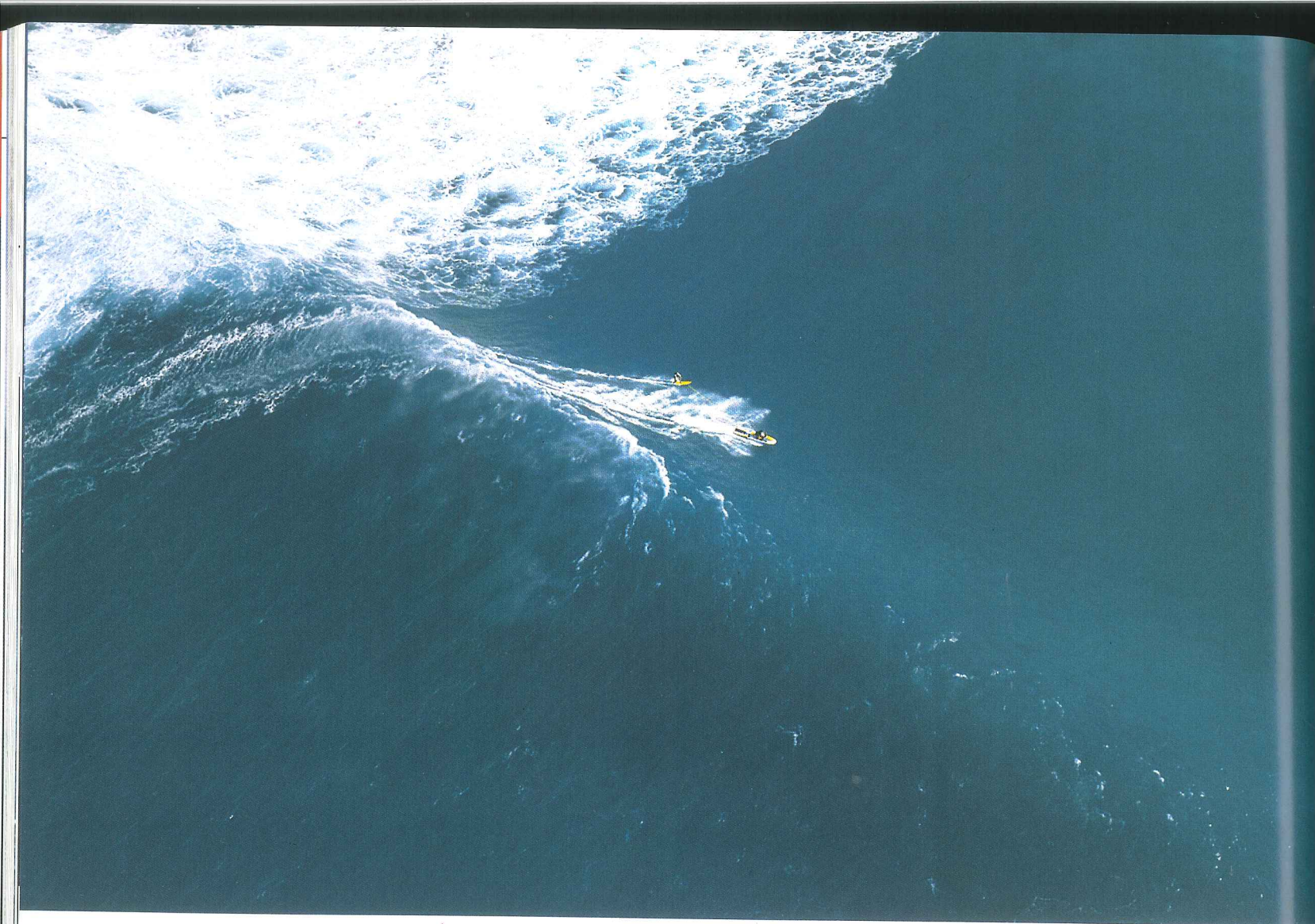
precisamos lembrar que, para chegar à costa, o swell oceânico terá ainda que se propagar por sobre a plataforma continental - uma parte do fundo do mar relativamente rasa que existe em torno dos continentes e ilhas. Nessa passagem, o swell é afetado pelo fundo, sofrendo o efeito da refração. A refração é um fenômeno comum a todo tipo de onda (por exemplo, luz, som, etc) e é capaz de redirecionar a energia transportada pelo swell, criando zonas de focalização onde as ondas são amplificadas; e desfocalização, onde elas são diminuídas. Assim, através do fenômeno da refração, o relevo submarino da plataforma continental vai efetivamente "shapear" o swell oceânico no trecho final da sua viagem até a costa. Para entender o que acontece no Hawaii, poderíamos pedir ao gênio da lâmpada para rebaixar em 50 metros o nível do mar, digamos, em frente ao litoral norte da ilha de Oahu. Iríamos constatar algo surpreendente: devido à origem vulcânica da ilha, o relevo da plataforma no "north shore" de Oahu é bastante acidentado. Em frente à Sunset, por exemplo, existe uma grande elevação submarina, que se prolonga mar adentro por uma distância considerável e que funciona como uma grande "lente convergente", focalizando a energia do swell oceânico no pico de Sunset. O mesmo acontece em frente a Pipeline, Waimea, Makaha, etc. Está aí o segundo ingrediente fundamental da mágica havaiana: a mãe-natureza dotou as ilhas com uma plataforma continental capaz de modelar o swell oceânico de forma incrivelmente favorável para a formação de ondas propícias à prática do surf. O resultado final ... bem, com a palavra a galera da Alma Surf

Prof. Eloi Melo, Ph.D.

Uma onda sozinha viaja duas vezes mais rápido do que uma série de ondas.



A amplitude indica o tamanho da ondulação, enquanto a frequência mede o tempo que separa uma ondulação da outra.



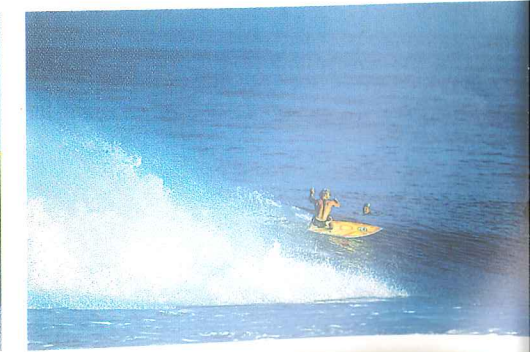
Este foi o inverno do tow in. Ken Bradshaw sendo rebocado por um jet ski em Phantoms (outside Velzyland)



Miles Padaca - Waimea bay



Guilherme Herdy - Pipeline





A DESCOBERTA DO HAWAII

Essa história é uma lenda que narra como o Hawaii foi descoberto e povoado. A veracidade dos fatos não pode ser comprovada, uma vez que não havia escrita. Se existiu de fato um Hawai'i Loa, não se sabe. Essa lenda foi narrada de boca em boca, de geração em geração, pelos povos havaianos até os nossos dias. O Hawai'i foi descoberto pelos polinésios entre os 3º e 7º séculos d.C. O feito é creditado a um pescador originário da região do Taiti. Hawai Loa, ou Ke Kowai Hawai'i, como também era conhecido, nasceu na costa leste de uma terra chamada Ka'Aina Kai Melemele Kane (a terra do mar bonita de Kane). Hawai'i Loa era um homem justo e de bens, conhecido pelas suas costumeiras e longas viagens de pesca que duravam meses e até um ano inteiro. Durante esse tempo, ele vagava pelo oceano numa canoa gigantesca, chamada Hokule'a, com tripulação, oficiais e navegadores.

Os polinésios eram exímios navegadores, suas longas viagens eram um desafio não só físico, mas mental também, particularmente para um navegante sem bússola ou quadro. Navegar milhas de oceano aberto requeria um conhecimento extenso e íntimo do oceano, dos ventos e do céu. Numa destas viagens de pesca, um dos navegadores de Hawai'i Loa sugeriu que navegassem na direção da Estrela do Leste a Hoku'ula, a estrela vermelha, (provavelmente a Aldebaran na constelação de Touro) porque havia uma lenda sobre uma terra paradisíaca naquela direção. Então eles mudaram o rumo e chegaram na primeira ilha da ponta leste da cadeia das ilhas havaianas. Ao pisar na praia eles viram que a terra era fértil e agradável, farta de coqueiros e alimentos. Hawai'i Loa deu seu próprio nome a esta terra. Ficaram algum tempo na ilha, até encher a canoa de provisões, e voltaram para sua terra nativa, já planejando a viagem de volta para o Hawai'i, com o objetivo de se instalarem por lá em definitivo. Muito tempo se passou para que pudessem embarcar novamente, até que finalmente Hawai'i Loa retornou, para ficarem definitivamente no Hawai'i, abandonando qualquer idéia de um dia regressar à sua terra natal. Na tripulação que o acompanhou ele levou sua mulher e filhos, todos os outros viajaram sozinhos. Por isso ele se tornou o pai da nação e, acredita-se, que todos os havaianos são seus descendentes. Para os europeus, o Hawaii só figurou nos mapas a partir de 1778, quando foi redescoberto pelo famoso navegador inglês capitão James Cook. No dia 21 de agosto de 1959, o Hawaii passou a ser o quinquagésimo Estado dos Estados Unidos.

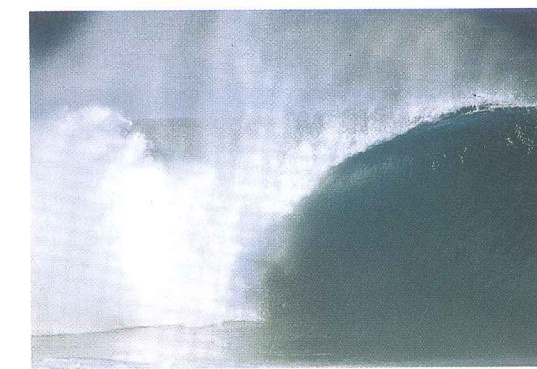
Por A. Woodward

Marco Polo - Sunset beach



Durante o último mês de dezembro, Renan Rocha viveu um dos melhores momentos da sua carreira como surfista profissional. Foi como se toda a vida ele estivesse apenas esperando para saborear aqueles rápidos, mas inesquecíveis segundos dentro dos tubos de Pipeline. Renan dropou esquerdas perfeitas, que tinham cerca de 8-10 pés, com apenas uma 7'2", e conquistou seu melhor resultado até hoje no Hawaii: 3º lugar no Pipeline Masters. Uma bateria em particular vai ficar para sempre gravada na sua memória. Faltando apenas 3 minutos para o final da disputa contra Shane Beschen, que havia acabado de tirar uma nota 7.8, Renan precisava de um 8.0 para virar o resultado a seu favor. Quando tudo parecia perdido, e restavam menos de 20 segundos para o final, uma série de respeito apontou no horizonte. Assim que a onda pipocou na bancada, Renan remou decidido e botou pra baixo sem pensar nas consequências. **Resultado:**

nota **10** pro "brazuca".

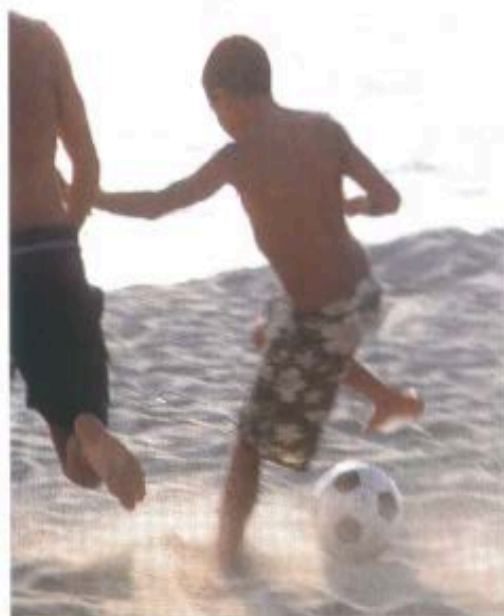




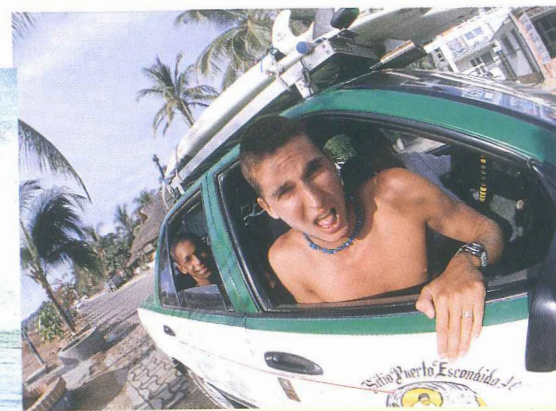
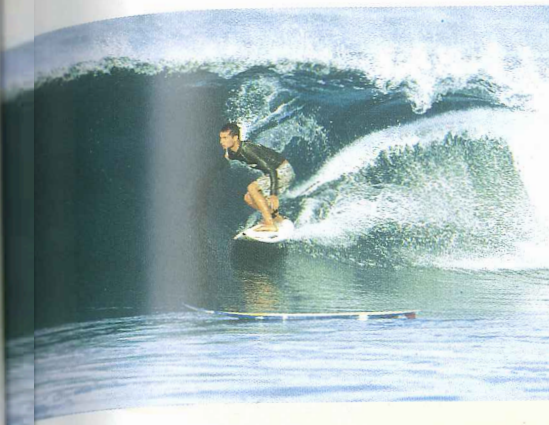
"A PRIMEIRA A GENTE NUNCA ESQUECE"

Por Patrícia Barros
Fotos Motaury Porto

Izunomê 15, Roland 17, Adriano "Mineirinho" 13, Gilmar Silva 18 e Roland 17. Quatro adolescentes buscando o que todos os surfistas do mundo mais gostam de fazer: uma surf trip junto com os amigos. Some toda a energia típica de garotos dessa idade a uma semana de flat. Imaginem a bagunça! Apesar de não ter rolado as ondas que eles esperavam, em Puerto Escondido, essa foi uma viagem inesquecível. Afinal de contas, a primeira a gente nunca esquece.



18 Alan Boff



"Ah! a gente colocava pimenta, um na boca do outro, deixava alguém pelado no quarto e ficava filmando".

Roland

"O melhor dessa viagem foi pegar experiência em ondas cavadas e fortes, aprender a entubar".

Gilmar



"Me amarrei na viagem e no México, mas esperava que rolasse um pouco mais de onda. Ficou flat durante uma semana". Adriano

Mineirinho

"Eu já ia sair da água quando rabeei um local sem perceber. O cara ficou fazendo uns sinais dizendo que ia me dar porrada. Depois, ele disse que não ia me bater porque eu era pequeno".

Izunomê



Hizunomê



Gilmar



Mineirinho



Roland



LOS MUCHACHOS

Por Motaury Porto

13, 15, 17, 18. Adriano "Mineirinho", Hizunomê, Roland, Gilmar

Viajar com uma galera mais nova faz a gente voltar no tempo e dar umas boas risadas. Normalmente, o convívio diário entre diferentes e jovens personalidades pode gerar algumas "faíscas". Neste caso, surpreendentemente, o clima foi bem light. Mesmo após alguns longos dias de flat. A energia da molecada foi gasta dentro d'água, com suas pranchas, andando por dentro dos "barrels" que, apesar de pequenos para Puerto, foram suficientes para mostrar que nossos jovens "muchachos" são mesmo habilidosos e têm um brilhante futuro pela frente. O ritual em Puerto parece transcender o tempo. O surf começa logo cedo, com o terral escovando as cristas das ondas. O "desayuno" é normalmente indigesto, recheado por cilindros pesados... Depois das 10 da manhã vêm o maral e o almoço, seguido da famosa "siesta", já que ninguém é de ferro. Durante os dias que passei ao lado da molecada, aprendi que idade não é limite para a diversão, principalmente quando nossos parceiros de viagem são jovens, engraçados, cheios de energia e donos de uma irreverência típica dos mais novos.

BATISMO

Parece que não é só no cristianismo que o batismo tem o seu valor. Fala-se em "batismo" na capoeira, em rituais indígenas, etc. No surf não poderia ser diferente. Afinal de contas, a primeira surf trip a gente nunca esquece. Pois é, pensando nisso, nosso querido Hizunomê, que fazia sua primeira viagem internacional, teve que ser batizado em terras mexicanas. Enquanto o moleque curtia a sua "siesta" diária, seu sono profundo foi interrompido por um caldo de pimenta (das brabas), que foi literalmente despejado garganta abaixo. Hizunomê, de apenas 15 anos, sentiu sua boca queimar e, desesperado, mais parecia um vulcão cuspidor lavas. Com dor e sofrimento, marcado a fogo e a ferro, seu batismo foi sacramentado em terras mexicanas. É verdade: a primeira surf trip a gente nunca esquece. Pergunte para o Hizunomê.

Parabéns Renan...



Fale conosco (11) 4036-8439 email: comercial@goofy.com.br



Nota 10 no Pipemaster...

Goofy

Surf nos pés de quem surfa...



Foto César Aiello

Teco Padaratz

A minha primeira surf trip para fora do Brasil foi para o Peru, em 86. Eu tinha apenas 15 anos e passei um mês fora de casa. Na ocasião, conheci quase toda a costa peruana. Fui com um amigo meu, o Edinho Leite, e a viagem foi uma das melhores que já fiz até hoje. O mais difícil não foi nem o avião, nem o lugar, mas sim convencer meu pai a deixar eu viajar sozinho para fora do Brasil. No final das contas, acabei pegando altas e sentindo muita diferença em relação às ondas que estava acostumado a surfar no Brasil. Aquele primeiro impacto com uma onda mais forte foi uma experiência muito enriquecedora. O Edinho era mais velho e ficou responsável por mim durante toda a viagem. Nós curtimos muito, juntos. Esta viagem acabou sendo a primeira de muitas outras, mas eu nunca vou esquecê-la, já que foi a primeira vez que fui obrigado a me virar sem a ajuda dos meus pais. Tive que controlar o meu dinheiro, fazer compras e cuidar das minhas coisas. Tudo isso sozinho. Até hoje, mesmo depois de ter viajado muito, continuo com vontade de conhecer novos lugares. Viajar ainda é um dos meus programas prediletos, principalmente se for para conhecer um novo pico de surf. Aí eu tô dentraço !



Mineirinho



Gilmar



Hizunomé



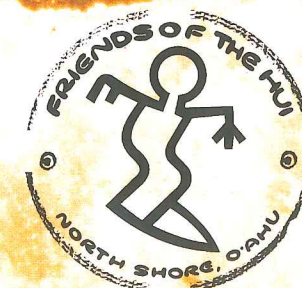
Roland



Stephan Figueiredo - Pipeline 2001

"Entrei sozinho, não tinha ninguém do surf na água. Primeiro peguei uma onda ruim. Aí voltei pro outside e já subiu outra boa pra mim. Dropei no primeiro reef, cavei e botei no trilho. No ano passado peguei uma onda menor que esta e achei grande pra caramba. Esta já achei normal. Deu pra ficar bem tranqüilo na onda."

fun

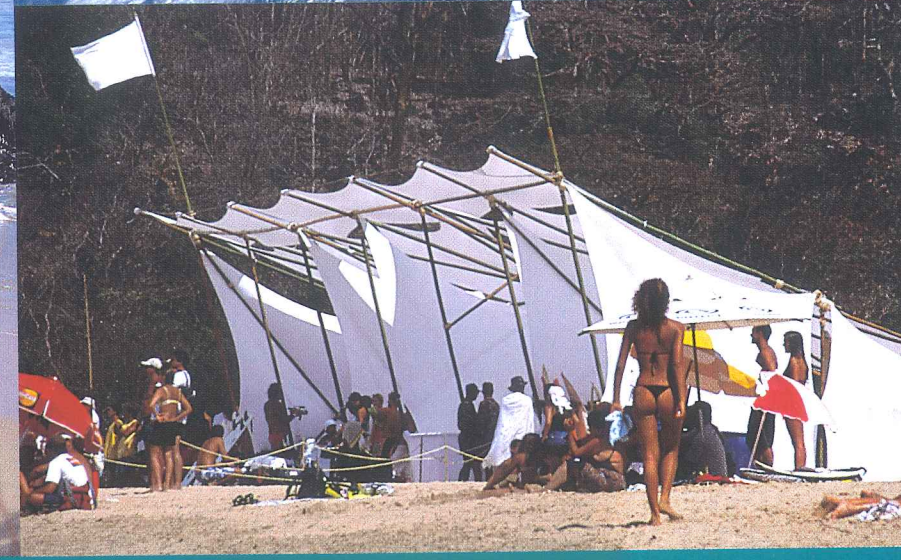
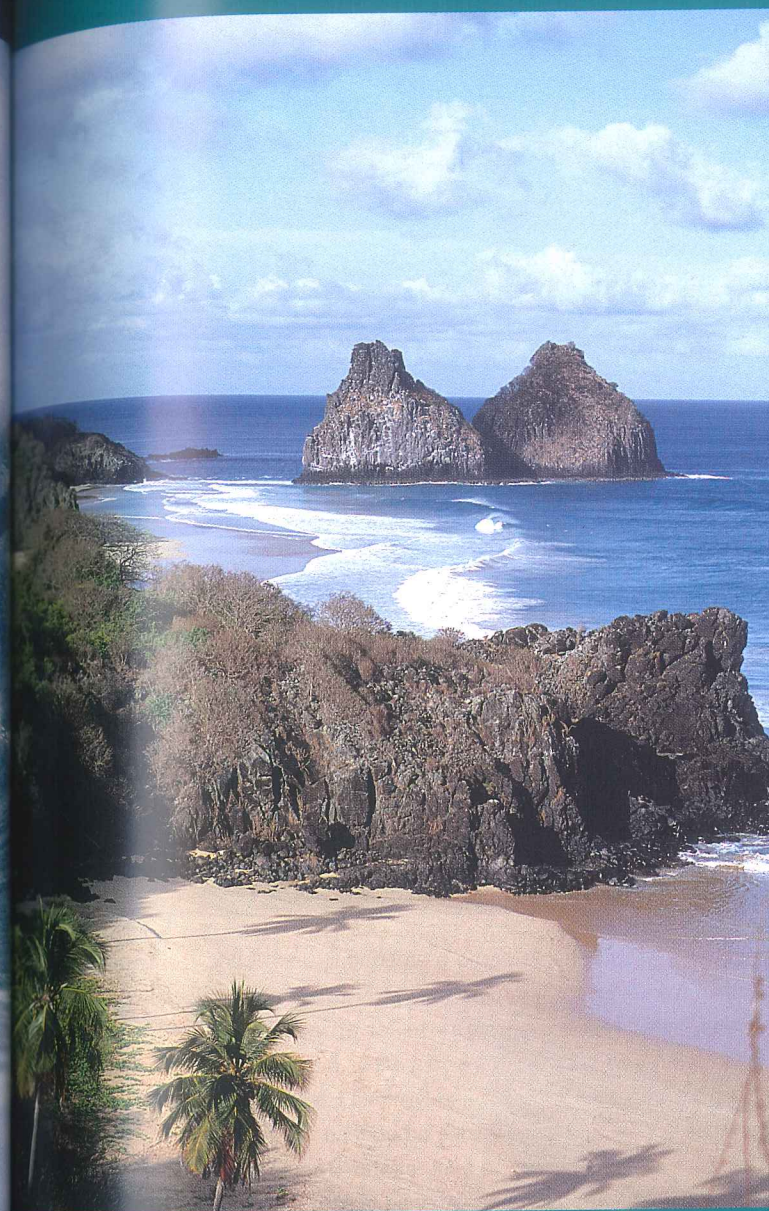


Zena Design - Foto Marcelo Vasconcelos



NORONHA

RED BULL TUBE RIDE



POR ROSALDO CAVALCANTI / FOTOS BETO PAES LEME

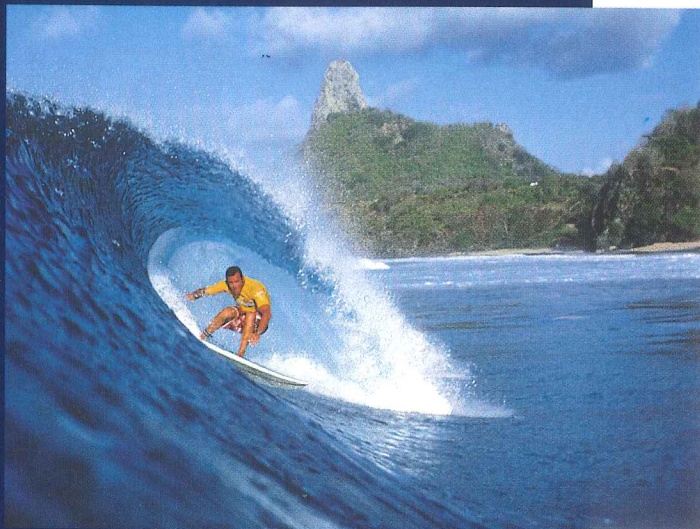
HA!

Foi um dos melhores e o mais diferente dos campeonatos de surf dos últimos tempos. Realizado no paradisíaco arquipélago de Fernando de Noronha, durante a segunda semana de janeiro, o evento reuniu alguns dos melhores surfistas do planeta. Nomes de peso como o tricampeão mundial Tom Curren, Martin Potter, campeão mundial em 1989, e Derek Ho, campeão do mundo em 1993, deram ao acontecimento status internacional.

Marcelo Freitas



HAI!



Martim Potter

Além de Curren, Potter e Ho, feras como o americano Joel Tudor - provavelmente o surfista mais completo da atualidade - e os jovens e dinâmicos Gavin Beschen e Bruce Irons, representantes da chamada "Nova escola" ("New School"), deram um show nas ondas da Cacimba do Padre. Outros surfistas, como o veterano havaiano Michael Ho - que surpreendeu a todos e chegou até a final -, o longboarder americano Collin Macphillips e o atual campeão mundial de longboard, o australiano Beau Young, também estiveram competindo em Noronha. Apenas quatro surfistas brasileiros foram convidados: o atual campeão brasileiro de longboard, Marcelo Freitas, que mesmo sem utilizar suas pranchas - não foram embarcadas no vôo Recife-Noronha acabou sendo o brasileiro mais bem colocado (5º lugar) e ainda ganhou US\$ 1 mil pelo melhor nose riding do campeonato; Guilherme Gross, um dos alternates (reservas), que acabou entrando no lugar de Jason Collins e faturou o prêmio de US\$ 1 mil pelo melhor tubo do campeonato; o ex-campeão mundial de ondas grandes, Carlos Burle, que se machucou logo na sua primeira bateria, e o santista e ex-campeão brasileiro Picuruta Salazar. As ondas e o alto astral foram outros pontos positivos do evento que, em princípio, já tem outra versão prevista para o próximo ano. A Red Bull não economizou esforços, muito menos dinheiro, para realizar um campeonato que se destacou pela originalidade. Com premiação de 30 mil dólares para o primeiro colocado - o dobro do oferecido num evento do WCT, o programa reuniu 16 dos melhores surfistas de todos os tempos, misturando modalidades e diferentes estilos de surfar. As regras foram criadas por Rossini "Maraca" Maranhão e Otávio Pacheco, pioneiros do surf no Brasil. "Tínhamos que fazer algo nunca visto, e a idéia de misturar estilos diferentes numa só categoria acabou sendo um sucesso", resumiu Maraca.

RED BULL TUBE RIDE



Total proteção UVA e UVB

100% aprovado desde 1984



Fábio Gouveia foto Sean Davey

www.spy.com.br

Rua Eng. Mesquita Sampaio, 260 tel.: 51813792



Durante as baterias, todos os competidores eram obrigados a surfar de pranchinha (minimodel) e também de pranchão (longboard). O painel de julgamento, formado na maioria por ex-surfistas profissionais como Ian Cairns (Austrália), Clyde Aikau (Hawaii), Gary Linden (Califórnia) e Daniel Friedman e Marcos Conde (Brasil), deu notas para manobras como "aerials" e "nose ridings", além, é claro, para os melhores tubos surfados de pranchinha e de pranchão. Foi uma oportunidade inédita de ver esportistas como Tom Curren e Andy Irons surfando de pranchão, e feras do longboard, entre as quais o ex-campeão mundial Joel Tudor, mostrando que também sabem arrear de pranchinha. Na opinião de Gary Linden, foi um dos melhores eventos de surf de que já participou: "Nestes últimos 20 anos, estive nos mais importantes campeonatos, e poucas vezes vi algo semelhante ao que rolou aqui em Noronha. As ondas estavam perfeitas, a organização foi dez e, com

a presença de alguns dos mais habilidosos surfistas da atualidade, o resultado não poderia ser diferente", afirmou Linden. Como de costume, a Red Bull garantiu um tratamento de primeira para todos os envolvidos: competidores, mídia e demais convidados. "Estive recentemente na Tasmânia para disputar um campeonato internacional de tow in patrocinado pela Red Bull e lá, a exemplo do que aconteceu aqui, a organização também foi impecável", comentou Carlos Burle. No final das contas, em ondas perfeitas e tubulares, que tinham cerca de 5 pés, Gavin Beschen, 25 anos, irmão mais novo do top 44 Shane Beschen, levou a melhor. O caçula dos Beschen deu um show à parte. Tanto de pranchinha, quando detonou vários "aerials", como de pranchão, ao exibir muita técnica na hora de arriscar alguns nose ridings - o que não é a sua especialidade. Beschen ainda surfou o melhor tubo e completou o "aerial" mais radical da final, faturando outros US\$ 3 mil, além dos US\$ 30 mil que levou pelo primeiro lugar. Joel Tudor, o segundo colocado, ganhou 15 mil dólares pelo vice-campeonato e mil pelo melhor nose riding da final. O havaiano Andy Irons (3º) faturou 6 mil dólares, além de outros mil pelo o melhor "aerial" do segundo round. Já o veterano Michael Ho recebeu 3 mil dólares pelo 4º lugar. Mas o festival de prêmios não parou por aí. Beau Young ganhou mil dólares pelo melhor nose riding do primeiro round, enquanto Colin McPhillips levou mil dólares pelo melhor tubo do segundo round.



Guilherme Gross



Tom Curren

PALANQUE

A estrutura armada na Cacimba do Padre foi o diferencial do primeiro "Red Bull Tube Ride". Para começar, não havia nenhum logotipo do patrocinador no palanque, planejado para não agredir o visual da praia. Todo feito de bambu e revestido por lycra branca, ele acabou chamando a atenção de todos pela simplicidade e, ao mesmo tempo, sofisticação. Pela manhã, uma mesa de frutas, armada no seu interior, não deixava que ninguém ficasse com fome; mas era a partir do meio-dia que um "sushi bar" dava mais um toque de sofisticação ao evento. Outro fato curioso foi a inexistência de uma aparelhagem de som. Sem aquela barulheira tradicional, tão comum na maioria dos eventos de surf, as baterias rolaram sem nenhum tipo de poluição sonora. "Este é o estilo da Red Bull", explicou Afonso Laus, gerente de Comunicação da empresa austríaca no Brasil. "Não estamos preocupados com a exposição maciça da nossa marca. Para nós, o mais importante é que o evento conte com os melhores do mundo", completou Laus.

Resultado Final

- 1º - Gavin Beschen
- 2º - Joel Tudor
- 3º - Bruce Irons
- 4º - Michael Ho
- 5º - Marcelo de Freitas
- 6º - Derek Ho
- 7º - Beau Young
- 8º - Colin McPhillips

RED BULL TUBE RIDE

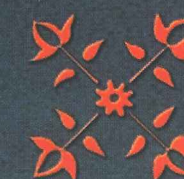
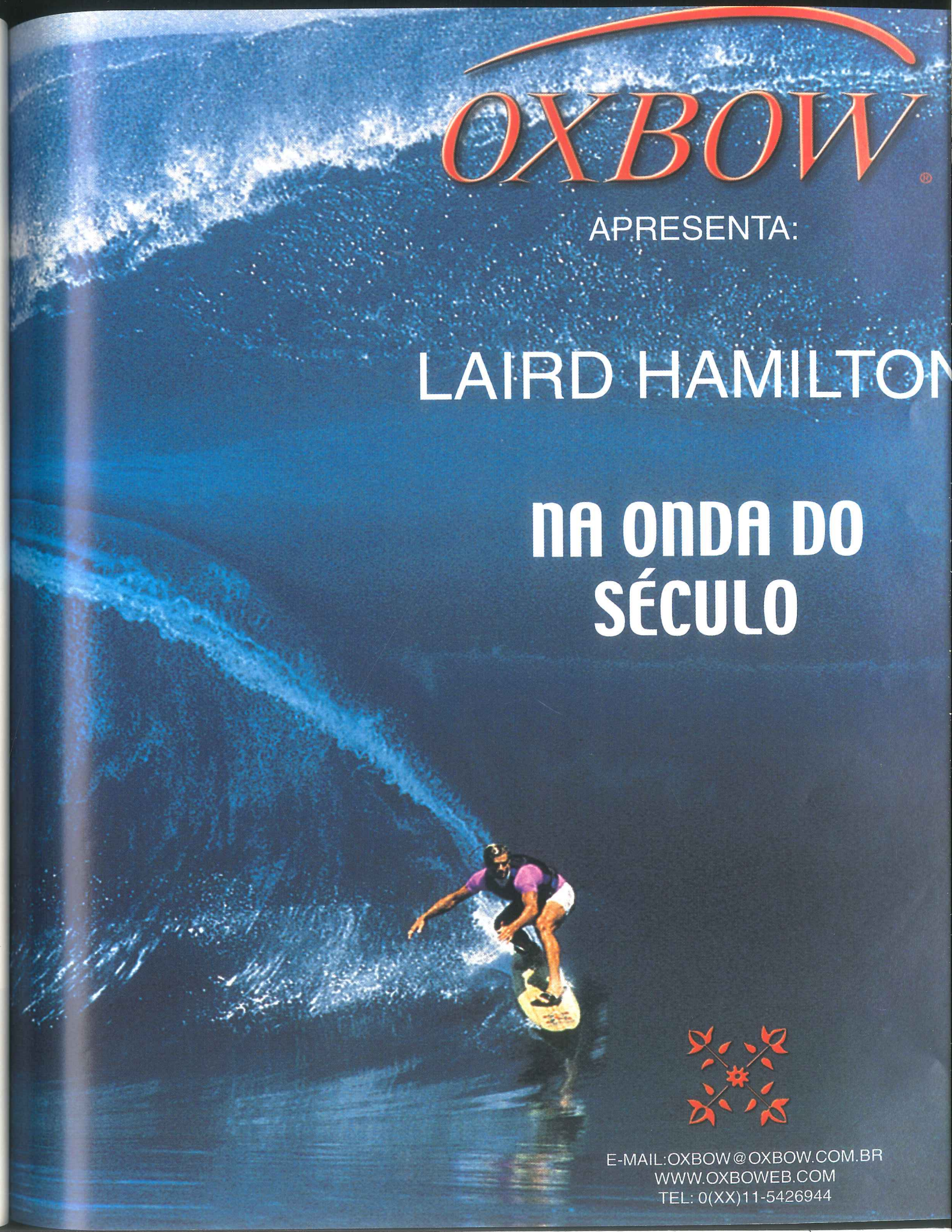


OXBOW

APRESENTA:

LAIRD HAMILTON

NA ONDA DO SÉCULO

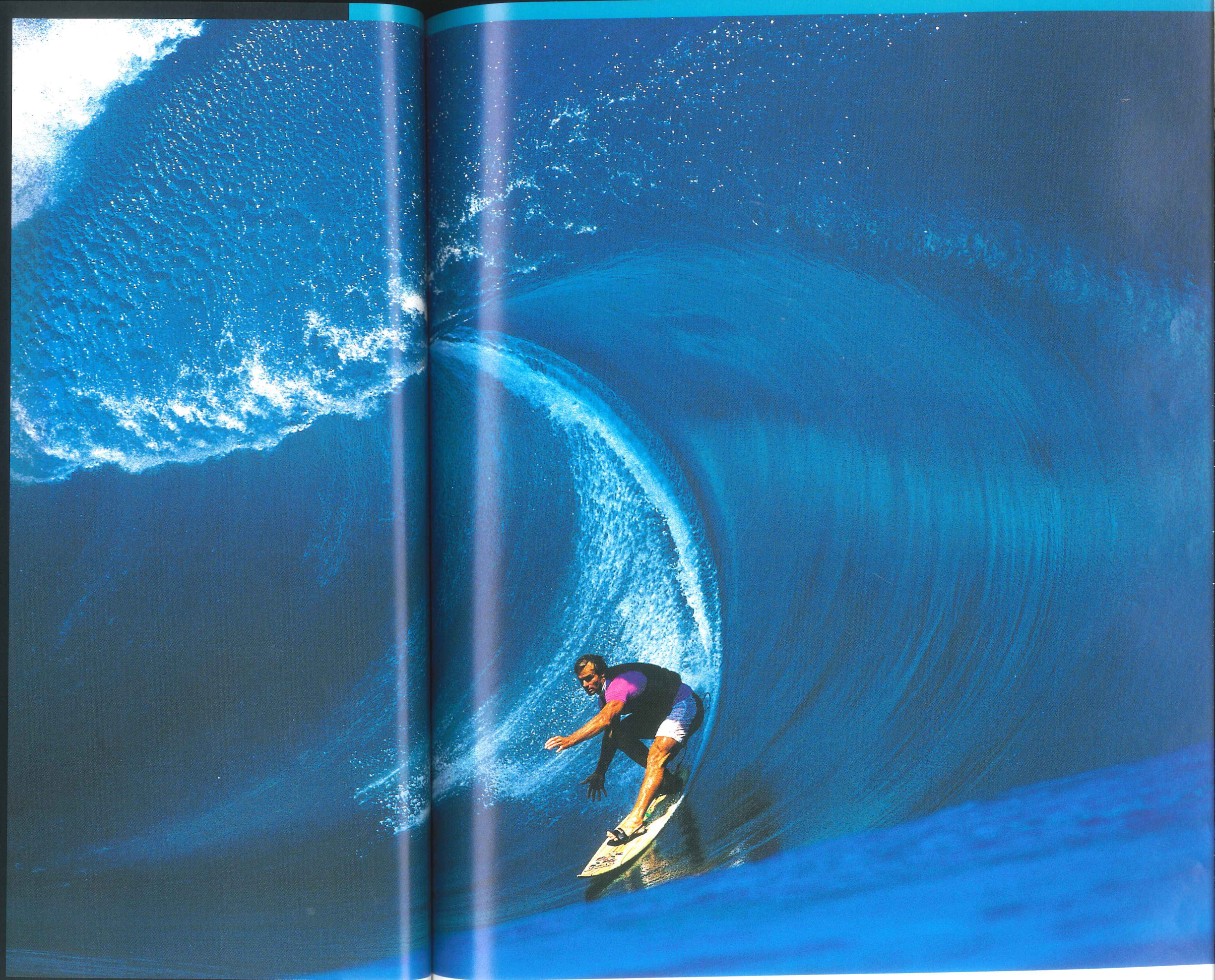


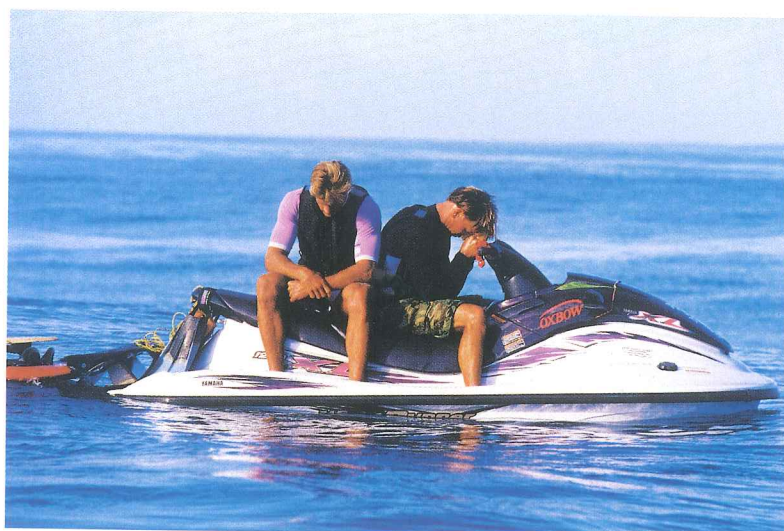
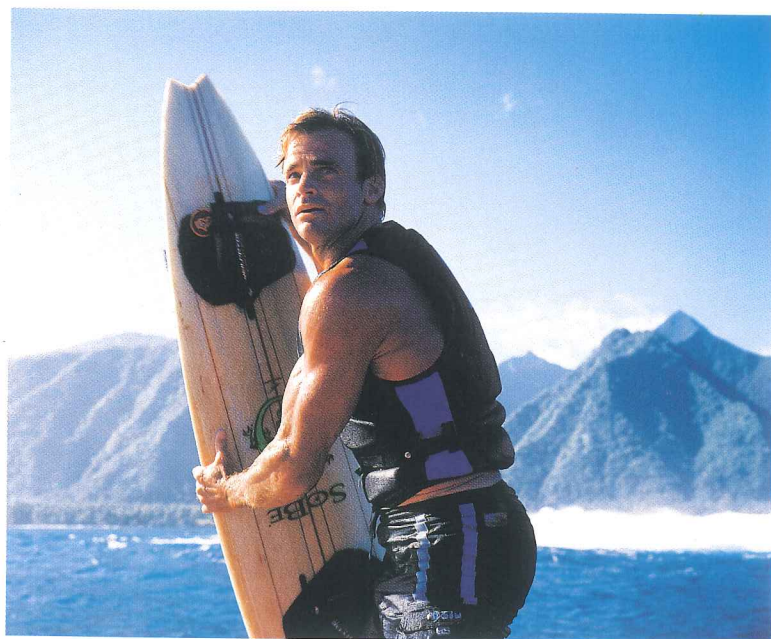
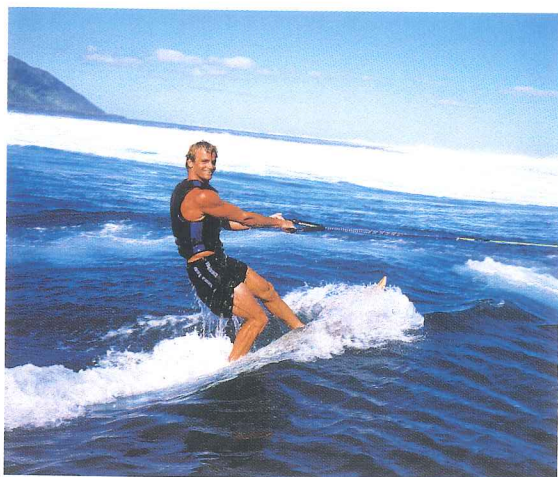
E-MAIL: OXBOW@ OXBOW.COM.BR
 WWW.OXBOWEB.COM
 TEL: 0(XX)11-5426944

O século do dia

Texto e fotos Tim Mc Kenna

Laird Hamilton - Teahupoo - 15/09/2000





Antes de cair na água, Laird e seu parceiro de tow in, Nelson Kubach, param para rezar

O dia do século
15 pranchas, 3 wake boards, 2 jet skis, 4 pranchas de tow in, 3 kites, uma mala cheia de ferramentas e os mais diversos acessórios. Ufa! a quantidade de bagagem que levamos conosco para o Tahiti espantava qualquer um. Além disso, o diretor Jack McCoy e sua equipe também carregavam toneladas de equipamentos

cinematográficos. Nossa expedição era mesmo da pesada. O swell não parou de bombar nenhum dia durante todo o tempo que passamos no Tahiti. No maior deles, nosso time encarou a mais famosa e temida onda tahitiana: Teahupoo. Além de Laird Hamilton, Darrick Doerner e Nainoa Serrat, estavam conosco três dos melhores surfistas tahitianos: Vetea "Poto" David, Arsene Harehoe e Raimana Van Basten. O francês Thierry Domenequi, o longboarder havaiano Duane de Soto e o campeão mundial de wind surf, o australiano Jason Polakow completavam o time. Polakow acabou sendo um dos destaques da trip. Além de ser considerado um dos melhores wind surfistas da atualidade, ele é um surfista experiente e não tem medo de onda. No maior dia, Polakow foi um dos primeiros a entrar na água, acabou tomando uma das piores vacas e tendo que ser resgatado pelo jet ski na zona de impacto. Depois de sentir o gosto da morte no cantinho da boca, Polakow não pensou duas vezes antes de voltar pro pico e botar pra baixo em 3 das maiores ondas do dia. Por sua vez, Duane de Soto acabou quebrando todos os seus 4 longboards nas fortes e tubulares ondas tahitianas. Durante os primeiros 12 dias da nossa viagem, o swell jamais ficou menor do que 12 pés. Foi tempo ruim o tempo todo.







O dia do século

O Dia 17 de agosto acabou ficando marcado na história. O swell estava grande e perigoso. Nós saímos de casa por volta das 4 e meia da manhã já sabendo que aquele seria um dia especial. Nossos corações batiam acelerados, num misto de ansiedade e medo. Chegamos em Teahupoo um pouco depois do amanhecer. O swell era de oeste, o que tornava as esquerdas ainda mais tubulares e perigosas. Ao final de cada onda podíamos ver os tubos soltando baforadas de água salgada. Por volta das 8 e meia da manhã entrou uma das maiores séries do dia. Naquele momento, a maré estava baixa e a quantidade de água na zona de impacto era absurdamente pequena. Menos de 1 metro de profundidade. A bancada ficava praticamente de fora enquanto toneladas de água explodiam contra o fundo de coral. Laird se adaptou rápido as ondas de Teahupoo. A medida que o tempo passava,



O dia do século

ele se sentia cada vez mais confiante e parecia não ter limites. Com a ajuda do jet ski, ele conseguia pegar uma onda atrás da outra sem perder nenhuma série. As vezes, era capaz de surfar duas ondas da mesma série tal era a rapidez com que voltava para o outside puxado pelo jet ski. Parecia que finalmente alguém havia domado a fúria de Teahupoo. Depois de pegar uma onda que tinha cerca de 20 pés de face e que acabou ficando conhecida como a onda do milênio, ele escreveu de vez seu nome na história do surf no último século.



Na sua primeira viagem ao Tahiti, Laird Hamilton ficou impressionado com a força das ondas tahitianas e acabou surfando os maiores e mais perigosos tubos já vistos em Teahupoo



Usando todo o seu conhecimento local, Vetea "Poto" David puxou os limites para além do normal. Fosse num longboard ou numa mini model, ele mostrou por que ainda é considerado o melhor e mais corajoso surfista tahitiano. Seus tubos de pé trocado em ondas de mais de 12 pés explicam por que ele é conhecido como o rei do Tahiti. "Poto" estava mais dedicado do que nunca durante nossa trip. Era sempre o primeiro a acordar e invariavelmente tinha alguma dica importante para nos dar.

O século do dia

Raimana é um dos locais mais respeitados em Teahupoo e está acostumado a se posicionar sempre um pouco além da linha de segurança. Neste dia, escapou por pouco de virar farinha na bancada de coral. Depois de atrasar a cavada, acabou errando o "timing" da onda e tendo que usar a saída de emergência para não ser amassado por toneladas de água.

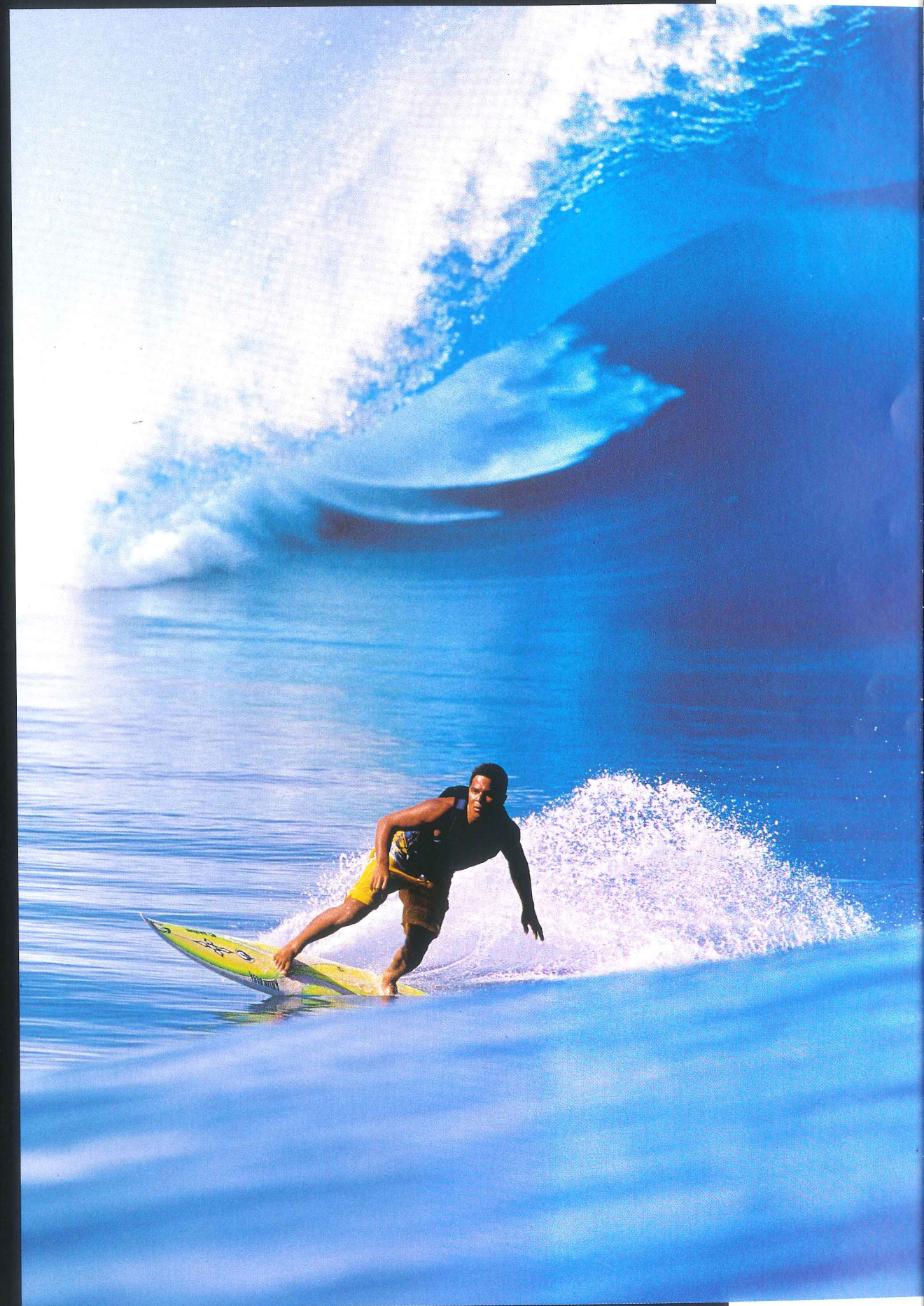
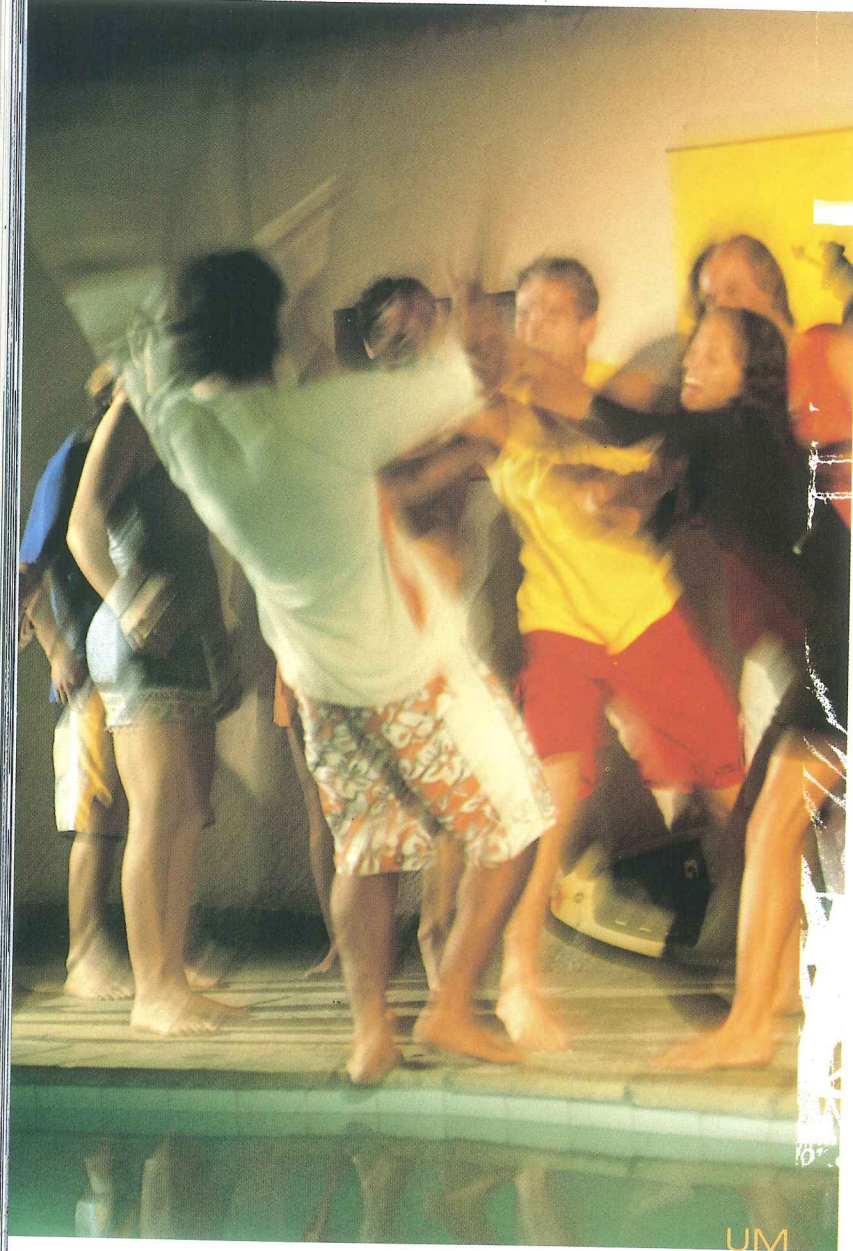
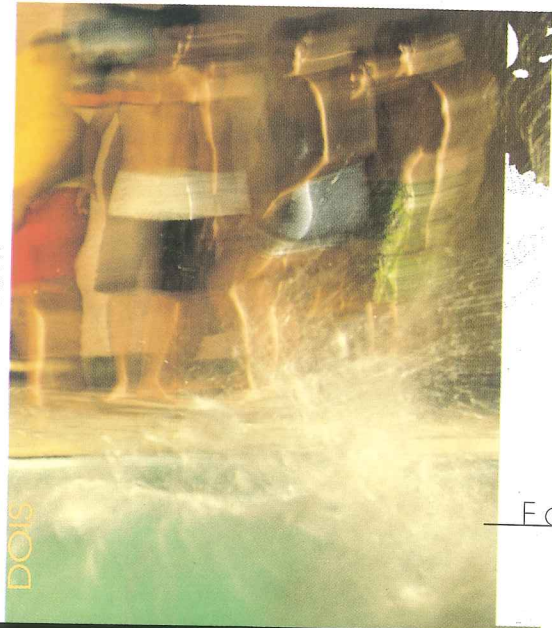


Foto um: Bermuda floral laranja Bad Boy,
camiseta Lightning Bolt,
Camiseta azul Lightning Bolt, bermuda Natural Art
Foto dois: Bermuda floral verde Lightning Bolt
Bermuda preta e branca Natural Art.



Fotos Ricardo Rojas

DANÇAS, RITUAIS E DOPAMINA

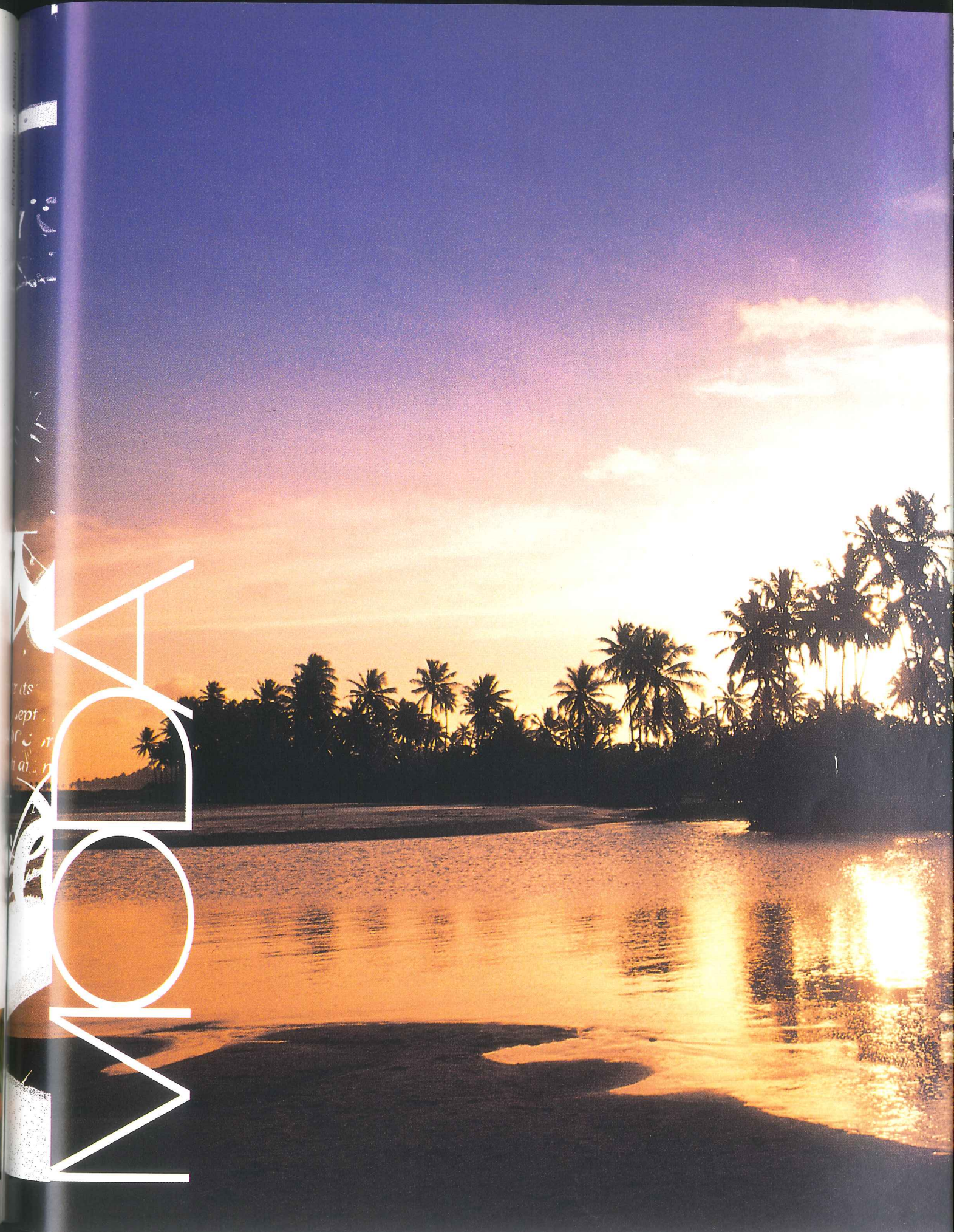


Foto Fernando Mesquita

A **BIOLOGIA DO PARAZER**: o prazer não se reduz a um estado passivo de origem orgânica. Ele vem sempre de um senso que exprime uma intenção. A descoberta da auto-estimulação em 1954 inaugurou a neurologia do prazer. **DOPAMINA** - a substância do prazer. O sistema **DOPAMINÉRGICO MESOCORTICOLÍMBICO** Local do cérebro onde é produzida a **DOPAMINA**. **SEROTONINA**-substância da sociedade. O prazer se acompanha de um aceleramento do pulso e da respiração, queda da pressão arterial, contração das pupilas, salvação e secreções hormonais diversas.



BRONKA



QUATRO

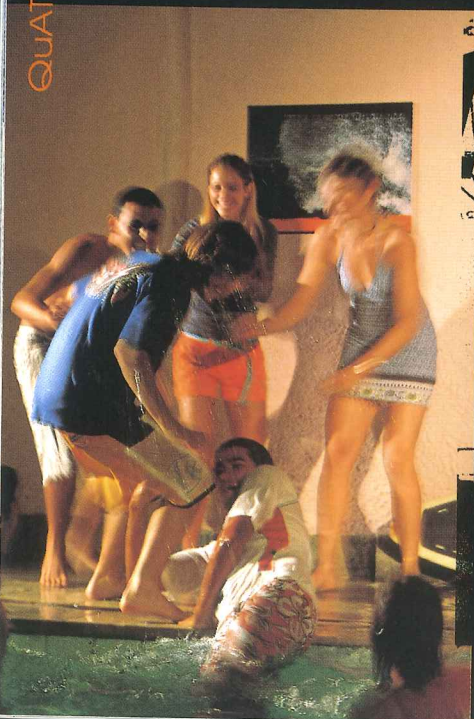
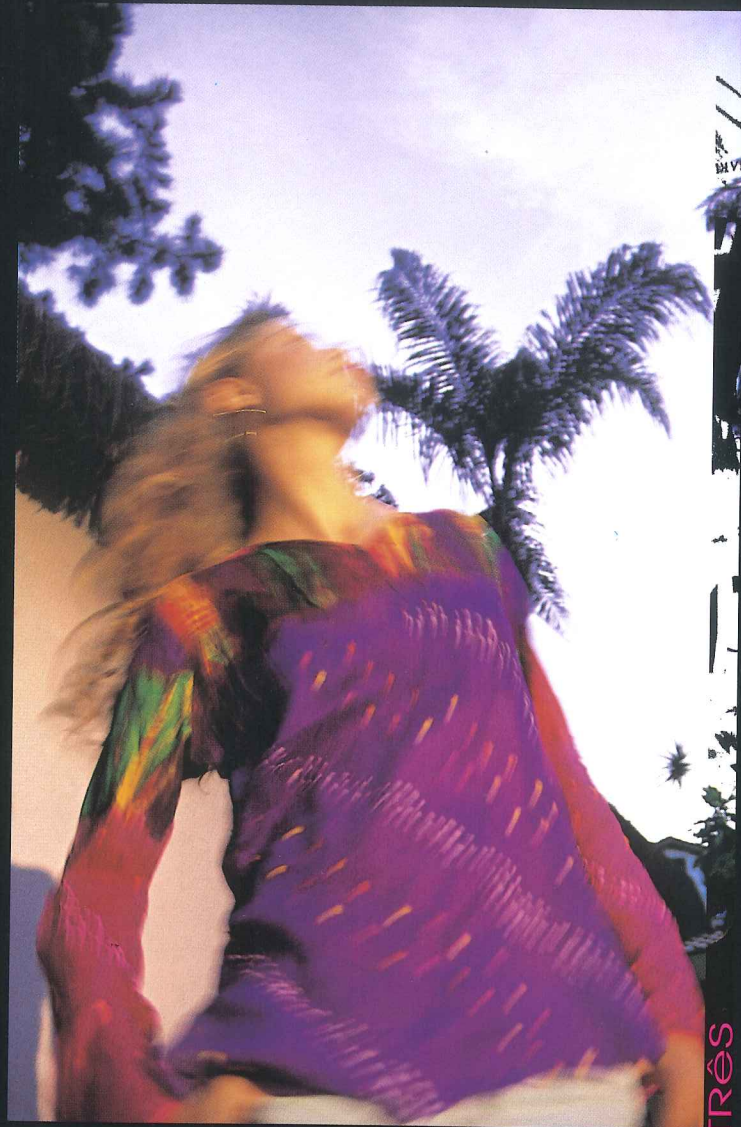


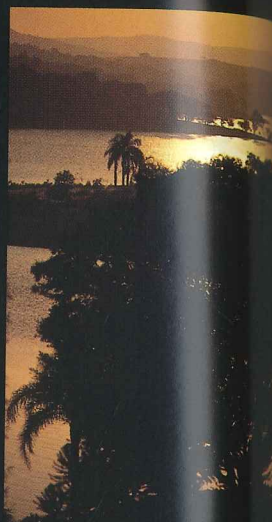
Foto três: Bata Osklen

Foto quatro: Shorts laranja Sexy Machine, blusinha azul Lightning Bolt, vestido azul Sexy Machine, bermuda branca Bad Boy.

Foto cinco: Camisa mostarda Da Hui, Camiseta cinza e calça xadrez Hawaiian Dreams



TRÊS



CINCO



SEIS

Foto seis: Bermuda capri Drecm Girl, top Sexy Machine



Os rituais de dança em homenagem ao Sol e à Lua têm origem no Egito e eram considerados eventos sagrados.



Existem certos indivíduos que pendem naturalmente ao prazer, disposição mais marcada que os outros, que os conduzem a uma busca maior de prazer. São os Hedonistas.



Foto: Fernando Mesquita



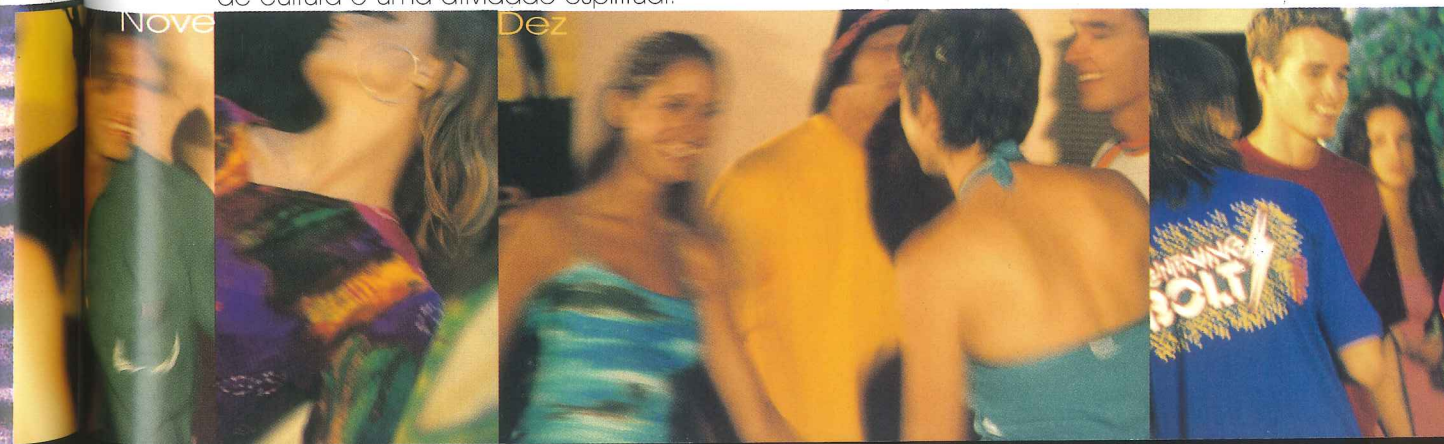


Foto sete: Camisa floral Lightning Bolt
Foto oito: Vestido rosa Dream Girl
Foto nove: Camisa Tropical Brasil
Foto dez: Blusinha Huihine Camiseta laranja Tropical Brasil



As mulheres da Grécia e de Roma tinham ritos e mistérios femininos relacionados com fertilidade e sexualidade, abençoados pelas divindades. No começo da história da humanidade, sexo, magia e religião estavam unidos.

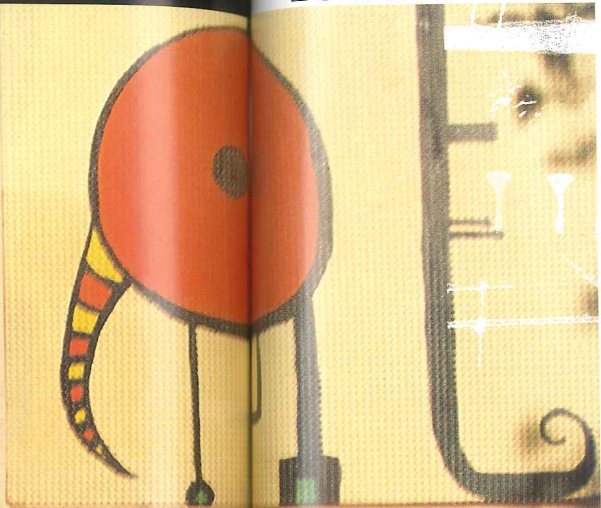
A dança nasceu associada às práticas mágicas do homem. A linguagem gestual originou-se na Índia há milênios e difundiu-se entre os povos orientais. A cultura indiana considera a dança uma das mais elevadas expressões de cultura e uma atividade espiritual.



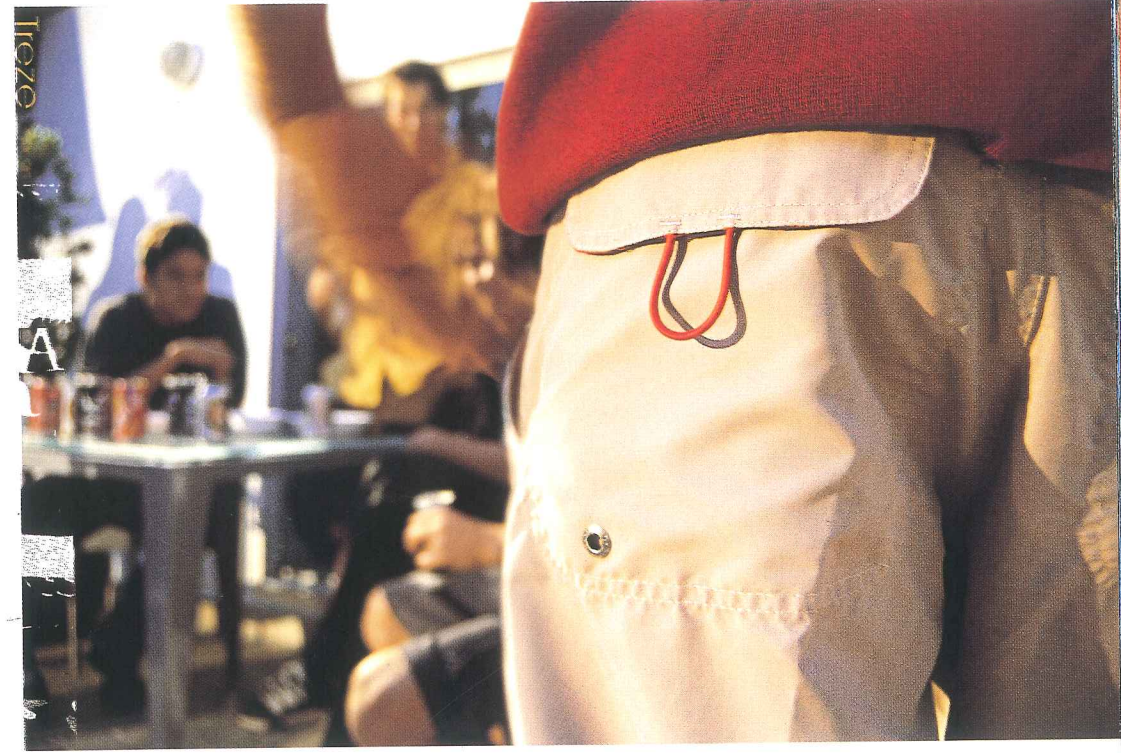


Onze

Foto onze: Vestido Dream Girl,
Calça MCD, camisa Da Hui
Foto doze: Vestido preto Dream Girl
Foto treze: Calça MCD, colete Osklen
Foto quatorze: Calça Osklen, top Sexy Machine

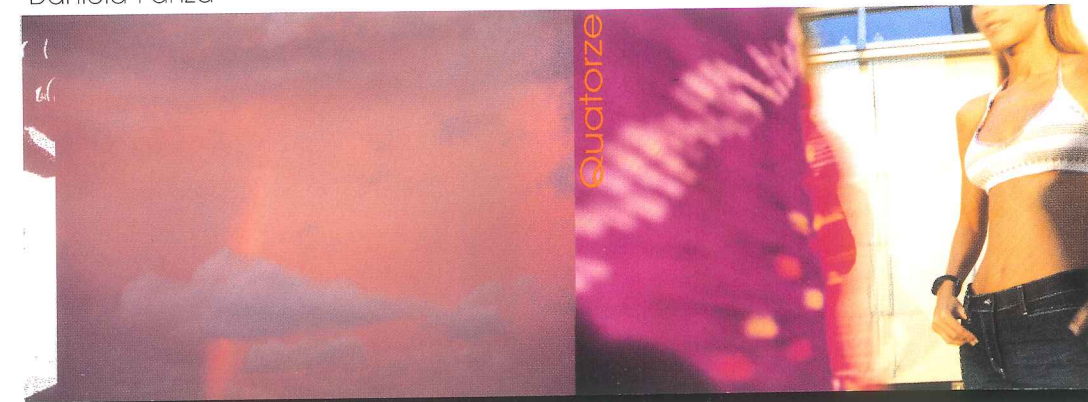


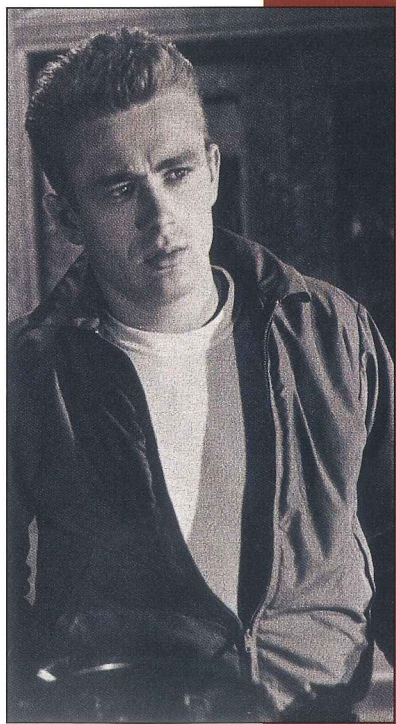
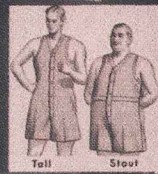
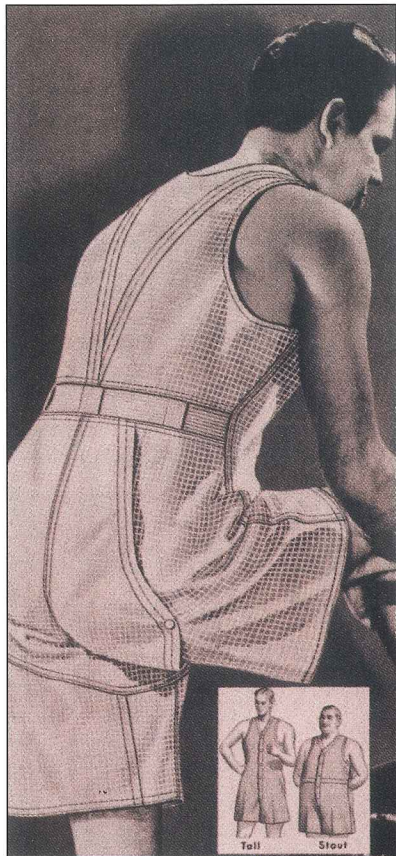
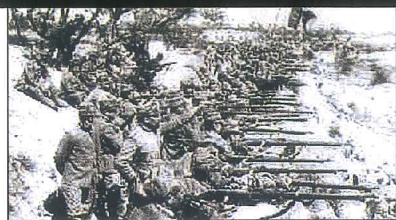
O prazer e seu companheiro desejo aparecem como as determinações principais das condutas humanas como também dos animais. Mas além da animalidade que construiu sua evolução e sua geração sobre o prazer. O prazer é uma força da humanidade. A linguagem que define o ser humano é um efeito fundado na troca de subjetividade entre os indivíduos. Foi o prazer descoberto no rosto do outro, que permitiu a primeira troca de sentidos, antes mesmo da construção da linguagem



Fotografia: Ricardo Rojas
Assistente: André Ricardo de Souza
Make up/ hair: Júnior Alves – C.Kamura
Produção: Fábio Gurjão
Coordenação: Patrícia Barros
Direção de arte: Fernando Mesquita
Textos: Geni Poletto
Pesquisa científica: Dr. Ricardo Hauy Marum (endocrinologista)

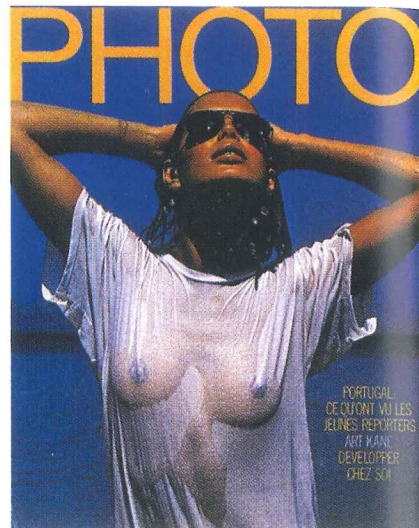
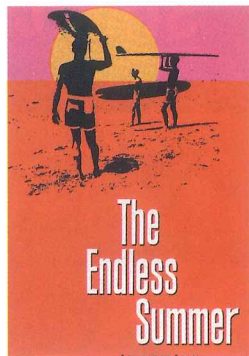
Modelos:
Heloísa Franza/ Ford Models
Gisela Estela/ Ford Models
Ana Carolina/ Ford Models
Vinícius Antunes/ L'Equipe
Camila Guebur/ Ford Models
Diego/ Ford Models
Fernando Bergesch/ Ford Models
Thiago Bernardes/ Ford Models
Roberto Alfiero/ Ford Models
Caco/ Ford Models
Paulo Spinoza/ L'Equipe
Daniela Panza





Fontes: The T-Shirt Book, Ebury Press London e The Great American T-Shirt, The New American Library

T-shirt



Por Lacy Silva Jr.

Tudo começou "por debaixo dos panos".

No século XIX já fazia parte do vestuário masculino como roupa de baixo. Aos poucos foi evoluindo e "botando as manguinhas de fora".

O primeiro registro da "T- Shirt" encontra-se no

Regulamento da Marinha Americana de 1899. Nele fala-se de uma revolucionária "roupa de baixo, de tecido de algodão branco, leve e de mangas curtas". Porém levou quase 20 anos até a T- Shirt se estabelecer de fato na América. Durante a 1ª Guerra Mundial, os soldados americanos desembarcaram na França em 1917, usando pesados uniformes e roupas de baixo de lã. Foi um verdadeiro sufoco! Eles perceberam que o homem francês estava sempre protegido por uma camiseta de algodão de mangas curtas, que mantinha a temperatura do corpo, sem necessidade de roupas muito pesadas por cima, o que representava um grande conforto e liberdade de movimentos. Ao voltarem para a América, levaram algumas dessas camisetas, introduzindo, então, o conceito de proteção contra o frio, porém com conforto, para as roupas de baixo masculinas. Nos anos seguintes as T-Shirts passaram a ser usadas como roupas esportivas, principalmente pelos departamentos de atletismo das universidades, como a de Michigan, nos anos 20, e a UCLA em 1931. Os anos 30 também viram as primeiras camisetas promocionais e para souvenir, como a do filme "O Mágico de OZ/ 1939", que nos dias de hoje são peças raras de colecionadores. Se por um lado Pearl Harbor mudou o panorama da 2ª Guerra Mundial, por outro foi um marco definitivo na história da T-Shirt. A entrada da América na Grande Guerra significou o recrutamento de 11.000.000 de soldados que tinham regulamentadas as roupas de baixo como parte do uniforme. E em 1942 a Marinha Americana emitiu pedidos para seus fornecedores com a primeira especificação oficial do item que chamaram de "T-Type". As tropas americanas também

O BIG TRIP já começa a fazer história. Depois de duas edições excepcionalmente bem sucedidas, os principais objetivos foram alcançados. A valorização daqueles que encontram no surf não somente uma atividade esportiva ou um estilo de vida, mas uma forma sofisticada de discutir a existência, de lidar com alguns dos mais intrigantes aspectos da vida humana como a integração com o planeta, os limites físicos e espirituais e até a própria morte. Em 2000 a disputa saltou para um patamar bem mais elevado. De Waimea, o foco voltou-se para Mavericks. Mais fotos e trabalho dobrado para a equipe de organização e os juizes. Tudo largamente recompensado pela cena de Rodrigo Resende (Bicampeão do BIG TRIP) recebendo o troféu aplaudido de pé pelo segundo colocado e competidor dos mais dignos e competentes, Carlos Burle. A Idéia era essa. A maior premiação individual do surf brasileiro segue adiante. Vamos ao terceiro tempo!

BIG TRIP 2001
 R\$25.000,
 Evento patrocinado por
havaiana
 Surf

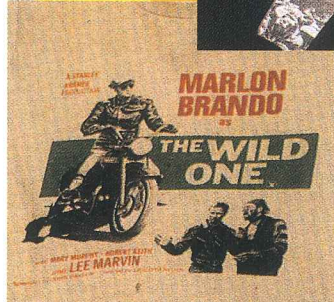
A maior
 premiação
 individual
 do surf
 brasileiro

Artistas, fotógrafos, cinegrafistas e membros de imprensa podem obter o regulamento e inscrever-se através do site: www.revistatrip.com.br ou pelo tel: (0xx11) 30817100 r.239 com Ana Paula Wehba e Alex...



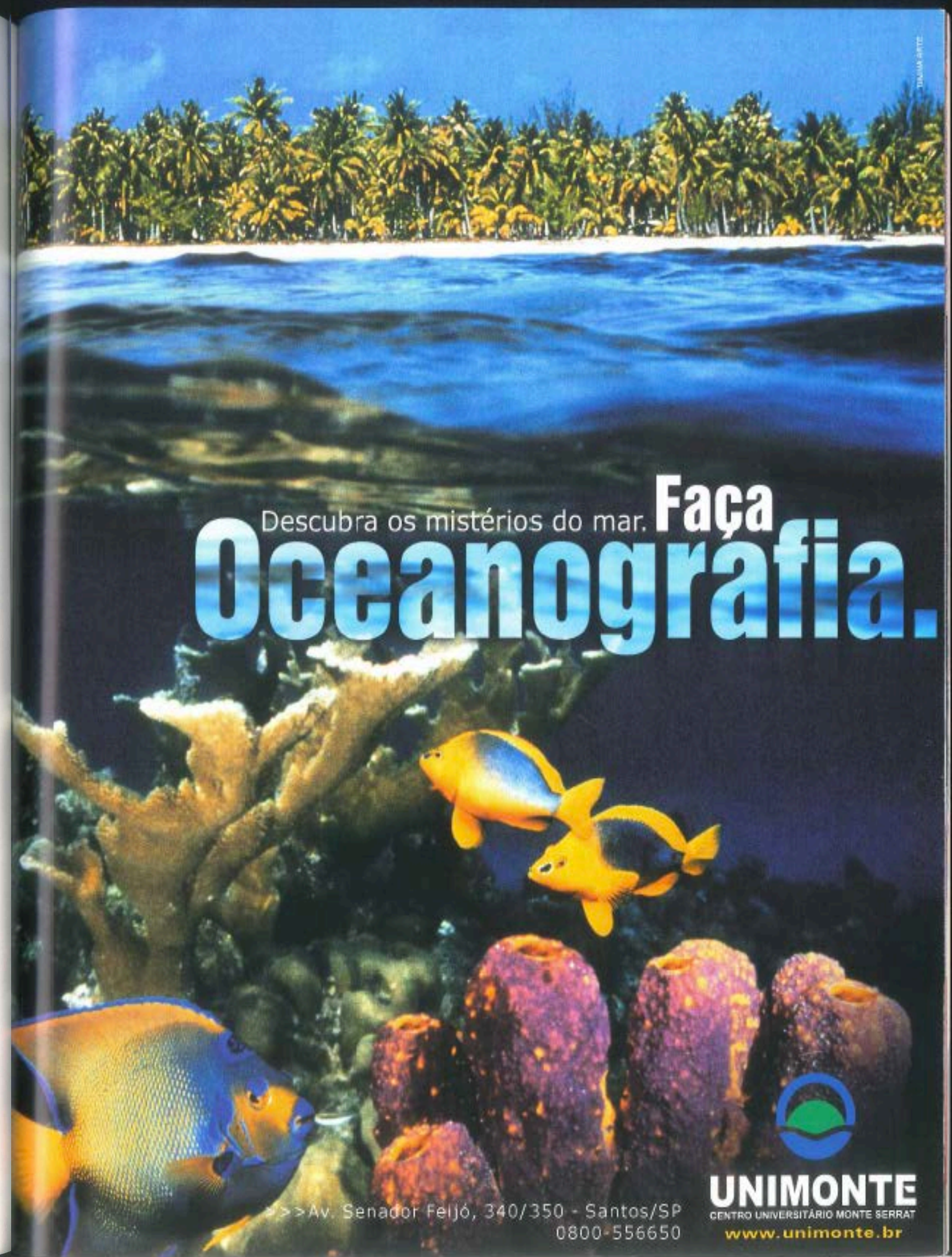
HISTÓRIA

Historia T-shirt



82 Nova Surf

passaram a usar as T-Shirts ao ar livre como proteção contra o sol. Essas camisetas apresentavam estampas com o nome do campo das tropas e das divisões individuais. De "peito aberto", finalmente, a T-Shirt tornou-se muito popular. Durante a guerra, adquiriu um certo glamour, e uma geração de homens americanos passou a admirar as qualidades apontadas pelo Exército, como "sua melhor aparência" e "grande poder de absorção do suor sob os braços". Enquanto a moda conservadora da época limitava seu potencial como "outwear" masculina, os garotos passaram a usá-las cada vez mais, estampadas com motivos de heróis contemporâneos como Joe DiMaggio, Davy Crockett e Roy Rogers. Finalmente, em 1951 a T-Shirt tornou-se uma estrela de Hollywood quando, no filme "A Streetcar Named Desire" ("Uma Rua Chamada Desejo"), o personagem Stanley Kowalski, interpretado por Marlon Brando, aparece em uma cena clássica com uma camiseta completamente rasgada, mostrando os músculos de Brando. Era uma cena muito quente para a época. O suficiente para o filme ser descrito pelo diretor Elia Kazan como "o primeiro filme não sentimental que já foi feito por aqui". E a T-Shirt ganhou status de rebelde do dia para a noite. Em 1953 deu suporte à rebeldia de outro personagem encarnado por Marlon Brando no filme "The Wild One" ("O Selvagem") e, logo em seguida, ao mitológico James Dean "Rebel Without a Cause" ("Rebelde sem Causa"). Foi em 1959 que a jovem atriz americana Jean Seberg apareceu vestindo uma T-Shirt no filme "Beathless". A partir de então, essa peça do vestuário começou a ser identificada como um símbolo de status, pois passou a ser usada pelo pessoal "in" da época. Juntamente com o Blue Jeans tornou-se o símbolo perfeito do "anti establishment" para ambos os sexos. Como legítimo estandarte da contracultura



Descubra os mistérios do mar. **Faça Oceanografia.**



UNIMONTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO MONTE SERRAT
www.unimonte.br

>> Av. Senador Feljô, 340/350 - Santos/SP
0800-556650

TRAVISA SARTZ



Sei Alana Surf

dos anos 60, escancarou os slogans dos ativistas políticos e o psicodelismo do "Flower Power" e, junto dos astros maiores de festivais como "Monterrey Pop" e "Woodstock", entrou para sempre no mundo do Rock and Roll. Trazida à cena por duas grandes guerras, cumpriu sua missão pacifista ao expor, com sucesso, os protestos dos opositores à Guerra do Vietnan. Movimentou fortunas mundo afora como peça promocional, vendendo de tudo, de refrigerantes a presidentes da república. No esporte é completa, pratica todos e circula entre os atletas de todas as equipes, tendo na surf wear uma combinação perfeita entre estilo de vida e marketing bem sucedido. Como não poderia deixar de ser, no universo da moda foi cortejada por grandes estilistas, saindo das ruas e desfilando nas passarelas mais fashions de Paris, Londres, Nova York, e mais recentemente no Brasil. Esse contato com a alta moda lhe trouxe tecidos e técnicas de estamparia, vindos dos laboratórios de última geração das grandes indústrias. Das passarelas, voltou para as ruas renovada, chic, mas com o mesmo espírito repleto de despojamento na sua eterna busca pela liberdade. A técnica de "dar o recado" através de estampas nas camisetas é chamada por alguns antropólogos de "novo primitivismo", fazendo referência às pinturas corporais das culturas da Polinésia. Independentemente de qualquer visão científica sobre o comportamento humano, a idéia, o conceito, estilo, conforto e preço baixo são alguns dos atributos que fazem da T-Shirt um dos produtos mais revolucionários e democráticos já criados pelo homem.

Por Lacy Silva Jr. - foi proprietário da estamparia "Jack O Estampador" 1987/98. Atualmente oferece consultoria de Design e estamparia têxtil, além de atuar como arquiteto de interior e paisagista. Contatos pelo tel. 9633-6218.

THE IRONY OF SWATCH



SURF REPORT LOOKS GOOD

swatch+
IRONY

Championship Surfer

Um Game IRADO!

A onda dos jogos eletrônicos vem reproduzindo a realidade virtual numa grande gama de esportes,

inclusive os radicais.

Demorou, mas o surf finalmente entrou nessa onda.

O Championship Surfer já está virando a nova sensação entre os "gamesmaníacos" e, também, entre os surfistas, pois ele é bem real e sua "jogabilidade" é muito parecida com o surf de verdade.

Você ainda pode escolher seu pico preferido e o tipo de prancha que vai usar, variando as rabetas, o tamanho das pranchas, etc.

Os jogadores podem realizar mais de cinquenta manobras diferentes.

O Championship Surfer utiliza um verdadeiro motor 3D para a geração de ondas, de modo a

conseguir ser o mais real possível.

As informações indicam que o motor gráfico do jogo foi desenvolvido em associação com especialistas no campo da engenharia e gráficos 3D, para duplicar os movimentos dos surfistas e das suas pranchas nas ondas.

Para quem não está familiarizado com o Surf, poderá haver alguma dificuldade na adaptação da "jogabilidade".

Mas após algum tempo de prática, o jogo torna-se divertido e interessante, até mesmo para quem não é muito chegado ao esporte.

Inicialmente, o jogo estava disponível apenas em uma plataforma. Mas, devido ao seu sucesso, ele já pode ser encontrado em outras como Playstation, Dreamcast e PC.

Você pode competir contra 10 surfistas em 10 praias diferentes.

Há vários jogos: Championship, King of the Waves, Rumble Mode, Free Surfing, Arcade e Training.

Joga-se contra um amigo, ou contra o computador.

O campeonato é vencido por quem fizer as manobras mais radicais, mas não pense que será fácil.

Você terá que tomar muita "vaca" antes de ser o rei das ondas.

Além deste jogo, encontramos mais dois surf games no mercado: Surf Rider e Max Surf 2000.

Ambos em Playstation, mas que, no entanto, não apresentam a mesma definição gráfica, opções de manobra e modos de jogar.

Segundo a galera, o jogo quente é o Championship Surfer.

Nós o procuramos nas lojas e não o encontramos e é provável que você tenha a mesma dificuldade.

Já nos "pirateiros" é fácil e barato comprar, mas não recomendamos, pois na maioria das vezes dá problemas.

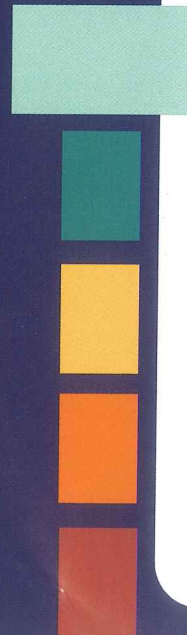
Mas não desanime. Você vai encontrá-lo na internet sem grandes dificuldades.

Digitando www.mattelinteractive.com você entra no site do fabricante e pode comprá-lo por US\$ 29,95.

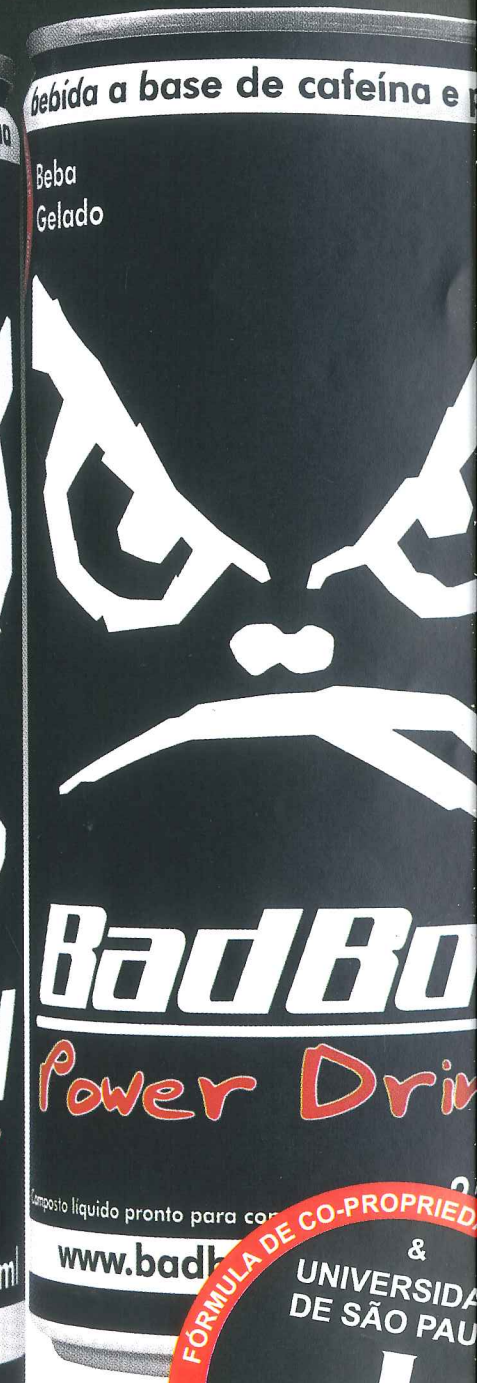
Neste mesmo site ainda se pode fazer o download de um demo e experimentá-lo antes de comprar.

É bom que você tenha uma conexão rápida, porque o demo tem 67MB.

Outra alternativa é entrar nos sites de procura, como www.yahoo.com.br ou www.altavista.com.br e digitar o nome do jogo.



ELE CHEGOU



www.badboypower.com.br





Depoimentos

Marcelo Pelosini, Web Designer do site G Zero (especializado em Board Sports), 23 anos, surfa desde os 16, comprou o game no site amazon.com. "Não demorei muito para pegar o jeito dos controles e quando peguei não dava para parar de jogar. Saber surfar ajuda na hora de realizar as manobras. Por exemplo: No tubo, você não pode nem subir, nem descer muito, senão... é vaca na certa. Nas aéreas você não pode cair muito na espuma; enfim é mais ou menos como na real". Comenta Marcelo. "Conforme a gente vai jogando, supera as fases que vão ficando mais difícil, com ondas cada vez maiores. Tenho duas versões, uma em dreamcast e outra de PC. Pessoalmente, eu curto mais jogar no PC."

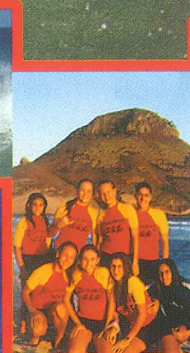
Guilherme Tremante, Assistente de Arte da Alma Surf, 23 anos, surfa há 9 anos e é mais um que foi contaminado com o vírus do game. O que lhe chamou a atenção, de cara, foram os detalhes gráficos. "Achei tão legal o visual que tive que aprender a jogar. No início não foi muito fácil, mas depois de dois dias, eu já estava pegando as manhas. Você passa a querer chegar sempre no limite; fica emocionante. Outra coisa que curti foi a trilha sonora e o visual das câmeras, oferecendo vários ângulos de visão."

Rodrigo De La Torre, 12 anos, estuda no colégio Nossa Sra. do Morumbi, em São Paulo, e surfa há um ano e meio. Rodrigo tem a versão Playstation e, como todo mundo, apanhou um ou dois dias para aprender a jogar. "No começo era meio complicado, mas logo foi ficando legal", afirma o jovem surfista. "Eu gosto de usar uma prancha rápida com rabeta de peixe; é muito bacana quando a gente entuba, e acho essa a manobra mais legal. Já superei todos os níveis e todos os grandes surfistas do circuito, só um que ainda não deu. É o meu irmão mais velho, que também surfa e sempre ganha de mim no game".

Renan Rocha, surfista há 18 anos, onze como profissional, atualmente compete pela Quiksilver. Conhece o Championship Surfer desde as primeiras versões em Playstation, pois seu pai tinha uma loja de games e foi lá que conheceu o jogo. "Já fui bom nisso cara, mas atualmente tenho competido tanto que nem dá tempo de jogar". Diz o atleta. "O jogo é alucinante e vai melhorar ainda mais com as novas versões. Gosto de jogar no modo freesurf, usando pranchas pequenas que são mais radicais. Conhecer os fundamentos do surf ajuda bastante na hora de jogar". Para Renan um jogo como esse nunca vai substituir o surf real, mas serve para matar a fissura quando não tem onda.

Rico

E A NOVA GERAÇÃO
CONECTADA
NA INTERNET



Eric de Souza

Phill Rajzmar

FALE COM
A GENTE
PELO E-MAIL

ricosurf@globo.com

www.Ricosurf.com.br

conecte-se
agora

GLOBO.COM



O MUNDO SEGUNDO GUILHERME GROSS

Por Patrícia Barros

Brasil

O Brasil é a minha casa, onde moram os meus amigos, a minha família. As condições do mar são inconsistentes, mas num dia de ondas boas não ficam muito atrás das dos melhores lugares do mundo. A comida é de longe a melhor do planeta. A água do mar pode até ficar fria, mas na maioria dos dias ela está quente. Pelo menos aqui no Rio é assim. É um dos lugares mais bonitos do mundo. Eu já viajei bastante e tenho certeza que o Brasil não deixa nada a desejar para nenhum outro país. As mulheres mais lindas do mundo estão aqui, e o clima dentro d'água geralmente é tranquilo. Não existe muito localismo e é um lugar fácil para fazer amizades.

Tahiti

O Tahiti é alucinante! Eu já fui para lá quatro vezes. É onde tem as bancadas de coral mais rasas e as ondas mais perfeitas do mundo. O lugar é lindo e o crowd praticamente não existe. O clima é quente e os locais são muito hospitaleiros. O país vive basicamente do turismo, por isso eles tratam bem os visitantes. É um lugar caro, mas que vale a pena. Em termos de hospedagem, tem de tudo: desde o lugar mais simples até um hotel 5 estrelas, com diária de 500 dólares. A comida é cara, mas é muito boa. Os pratos principais são à base de peixe. **DICA:** Visite as cachoeiras da ilha principal

Califórnia

A Califórnia é um lugar que dá pouca onda e muito crowd. Pra piorar, a água do mar é gelada. A comida é horrível! Só tem fast-food, que eu detesto. Prefiro ir para a Califórnia fazer snowboard do que para surfar. **DICA:** Conheça Santa Bárbara



Noronha Foto Beto P. Leme

África do Sul

É o lugar que tem a melhor direita do mundo: Jeffrey's Bay. As ondas de Jeffrey's já justificam a viagem. A água do mar é fria e a gente sempre fica um pouco grilado com os tubarões, mas as ondas valem o risco. O custo de vida na África do Sul é barato. Os preços dos hotéis e da comida são bem razoáveis e o país tem uma boa infra-estrutura. É tão perto que dá até pra ver na internet quando vai chegar o próximo swell, e só então marcar a passagem. O voo não é muito longo. É um lugar que eu recomendo. **DICA:** Faça um safári

Austrália

Conheci a Austrália no ano passado e achei alucinante! Deu até vontade de morar lá. Sydney é uma cidade linda e os australianos são supercalorosos e educados. Você encontra onda boa em qualquer lugar da Austrália. O dólar australiano está desvalorizado, por isso é um país bom e barato para se viajar. Um lugar onde você não vai precisar gastar muito dinheiro para se divertir. É um pouco longe, mas vale a pena enfrentar as muitas horas de avião. **DICA:** Conheça o lado oeste. É onde quebram as melhores ondas.

Europa

Eu adoro a Europa. É um lugar que geralmente não está no roteiro dos surfistas. Já fui pra lá várias vezes e peguei

muita onda boa em Portugal, na França, na Espanha. O legal da Europa é poder sair viajando pelos mais diferentes países. É tudo pertinho. Tem onda para todos os gostos. A água costuma ser fria e, por isso, é necessário uma boa roupa de borracha. Mas as ondas compensam o frio. O visual das estradas é alucinante. Você ainda vê muitos castelos; é impressionante!!! A comida é excelente! Existe muita variedade. Cada país tem a sua culinária típica e, dependendo do lugar, a comida pode ser cara ou barata. Os europeus são educados e costumam receber muito bem os turistas. As francesas são lindas! São as únicas mulheres que podem ser comparadas às brasileiras. **DICA:** Caia na night!!!!

Tonga

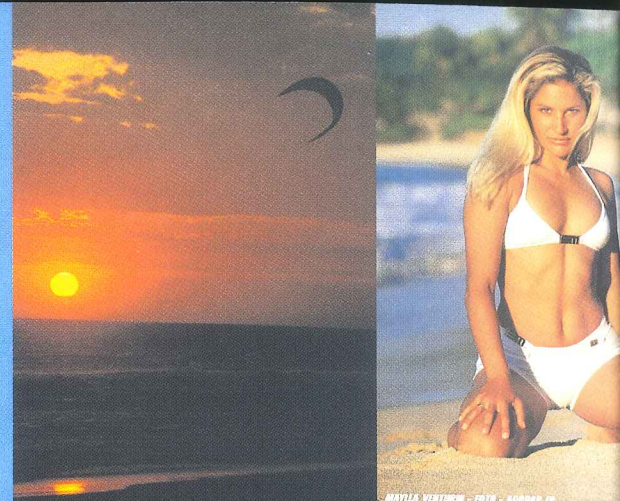
Tonga é uma ilha muito pequena, no Pacífico Sul, perto de Fiji. A ilha não possui muita infra-estrutura e faz muito calor. As ondas são excelentes, mas você tem que dar sorte. Se estiver de barco, com certeza vai pegar muita onda boa. O povo é simpático, mas não vi nenhum surfista na ilha. O esporte número 1 é o rugby. Passei altas roubadas quando estive em Tonga, mas peguei um dia de ondas perfeitas que compensou todas as dificuldades que enfrentei. **DICA:** Leve a sua namorada!!!!

SUPER LIQUIDAÇÃO 50% OFF



KITE SURF

EDUARDO SCHULTZ - BAD BOY TEAM - FOTO AGOBAR JR



- SP-MOEMA-11-530-5
- SP-BOARDSHOP-11-240-3
- SHOP CENTER NORTE-11-6222-1
- GUARUJÁ-SHOP LA PLAGE-13-3394-1
- MARESIAS-12-465-1
- RIO DE JANEIRO-SHOP RIO SUL-21-542-1
- FLORIANOPOLIS-CENTRO-48-222-1
- FLORIANOPOLIS-SHOP BEIRA MAR-48-222-1
- PORTO ALEGRE-SHOP BOURBON-51-338-1
- DISTRITO FEDERAL-CJ NACIONAL-61-326-1
- DISTRITO FEDERAL-PARK SHOP-61-213-1
- NORTH SHORE HALEIWA-NA

CAIXA POSTAL-4
CEP-0407

A MAIS COMPLETA SURF SHOP DO BRASIL

ST COMP

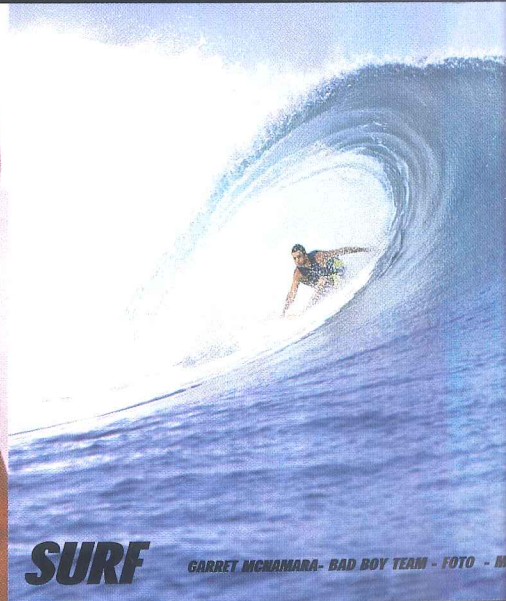
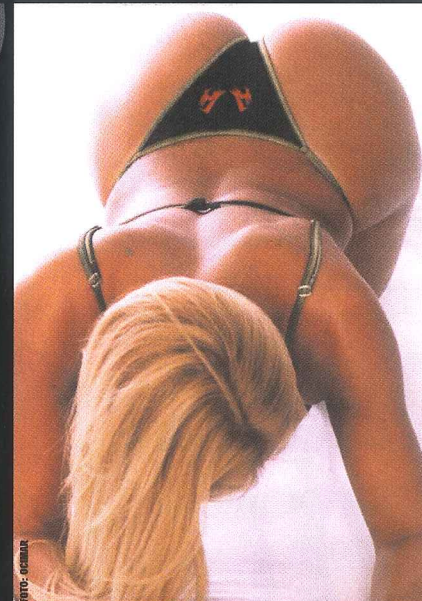
SURF / TRAINING / COMPETITION

WWW.STCOMP.COM.BR

COMP COMP

COMP COMP

VENDAS PELO TELEFONE E PELA INTERNET



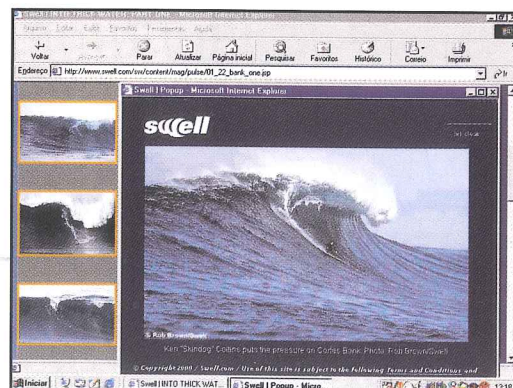
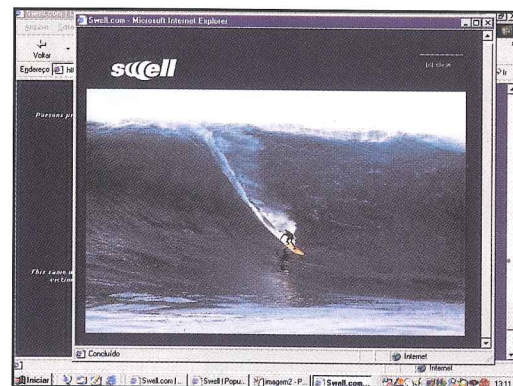
SURF

GARRET MCHAMARA - BAD BOY TEAM - FOTO - M





SWELL NO CORTEZ BANKS PROJETO NETUNO



O site Swell está com uma reportagem fantástica sobre Cortez Banks. São vídeos, textos e imagens para lá de alucinantes. Nós conversamos com o pessoal do Projeto Netuno e conseguimos uma "palhinha" dessa aventura. Mas se você quiser saber mais... Vai ter que visitar o site: www.swell.com

No último dia 19 de janeiro, cinco surfistas californianos, Peter Mel, Mike Parsons, Brad Gerlach, Skindog e Evan Slater, foram em busca de fortes emoções e acabaram surfando ondas de mais de 50 pés (cerca de 17 metros) no meio do oceano Pacífico. "Foi simplesmente espantoso. Nós estávamos, literalmente, no meio do mar e não havia terra firme por perto. Não se via nada, a não ser ondas", contou Peter Mel. Os cinco malucos foram os primeiros a desafiar as gigantescas ondas do mais novo "surf spot" do planeta: Cortez Banks. Situada a cerca de 100 milhas náuticas do porto de Dana Point, localizada no sul da costa californiana, Cortez Banks é o topo de uma imensa montanha submarina que, na maré vazia, chega a ficar acima do nível do mar. Depois desta histórica expedição, Cortez Banks já pode ser considerada a mais nova e desafiadora fronteira em termos de ondas grandes. Para chegar até Cortez, os surfistas e a equipe de fotógrafos e cinegrafistas que os acompanharam precisaram de dois barcos, três jet skis e um pequeno avião, de onde foram feitas diversas fotos aéreas. A expedição, batizada de "Projeto Netuno", em princípio havia sido planejada para o ano passado, mas os fortes ventos que costumam soprar na região atrapalharam os planos. "Não é fácil surfar Cortez. As condições têm que estar perfeitas: ondas grandes, e sem vento", explicou Evan Slater.

Nos últimos anos, os surfistas têm desafiado ondas que até pouco tempo atrás ninguém cogitava surfar. Cortez é um bom exemplo disso. Segundo Peter Mel, um dos mais experientes "big wave riders" do planeta, "surfando ondas grandes em lugares isolados como a bancada de Cortez, não é para qualquer um. É preciso respeitar algumas normas de segurança e estar preparado para enfrentar situações de perigo". Não foi por acaso que ele e os demais surfistas que estiveram em Cortez foram acompanhados de outros profissionais e de um esquema de segurança que incluía ajuda logística com jet skis e até mesmo de um pequeno avião. "No caso de um acidente, o hospital mais próximo está a cerca de 45 minutos", explicou Mike Parsons, que jamais havia surfado ondas tão grandes. Seduzido pelo local, ele acrescentou que já esteve "em Maverick's, Waimea e Todos Santos, mas nunca tinha visto ondas como estas". Além da presença constante de tubarões brancos, outros fatores que tornam Cortez Banks ainda mais perigoso são a força, a velocidade e, obviamente, o tamanho das ondas. Sem a ajuda de jet skis, que neste caso são usados para rebocar os surfistas, não seria possível pegar ondas tão grandes. Evan Slater, o único surfista que tentou entrar remando nas gigantescas ondas de Cortez Bank pagou caro pela ousadia. tomou uma série na cabeça, sendo arrastado por mais de 40 metros debaixo d'água e quase morreu afogado. "Dei sorte em sair vivo desta", avalia Slater.



(sh
...11 292
11 292 8557-

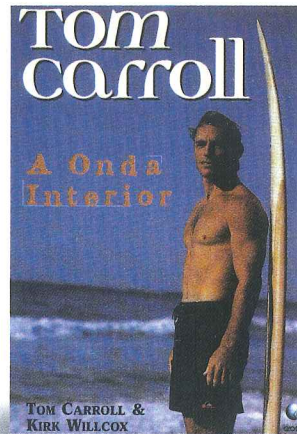




TOM CARROLL A ONDA INTERIOR

(EDITORA GLOBO)

Por Rosaldo Cavalcanti



O livro pode ser encontrado nas melhores livrarias.
Maiores informações: tel: (11) 3767-7885 ou então pelo seguinte e-mail:
vendas.dfl@edglobo.com.br

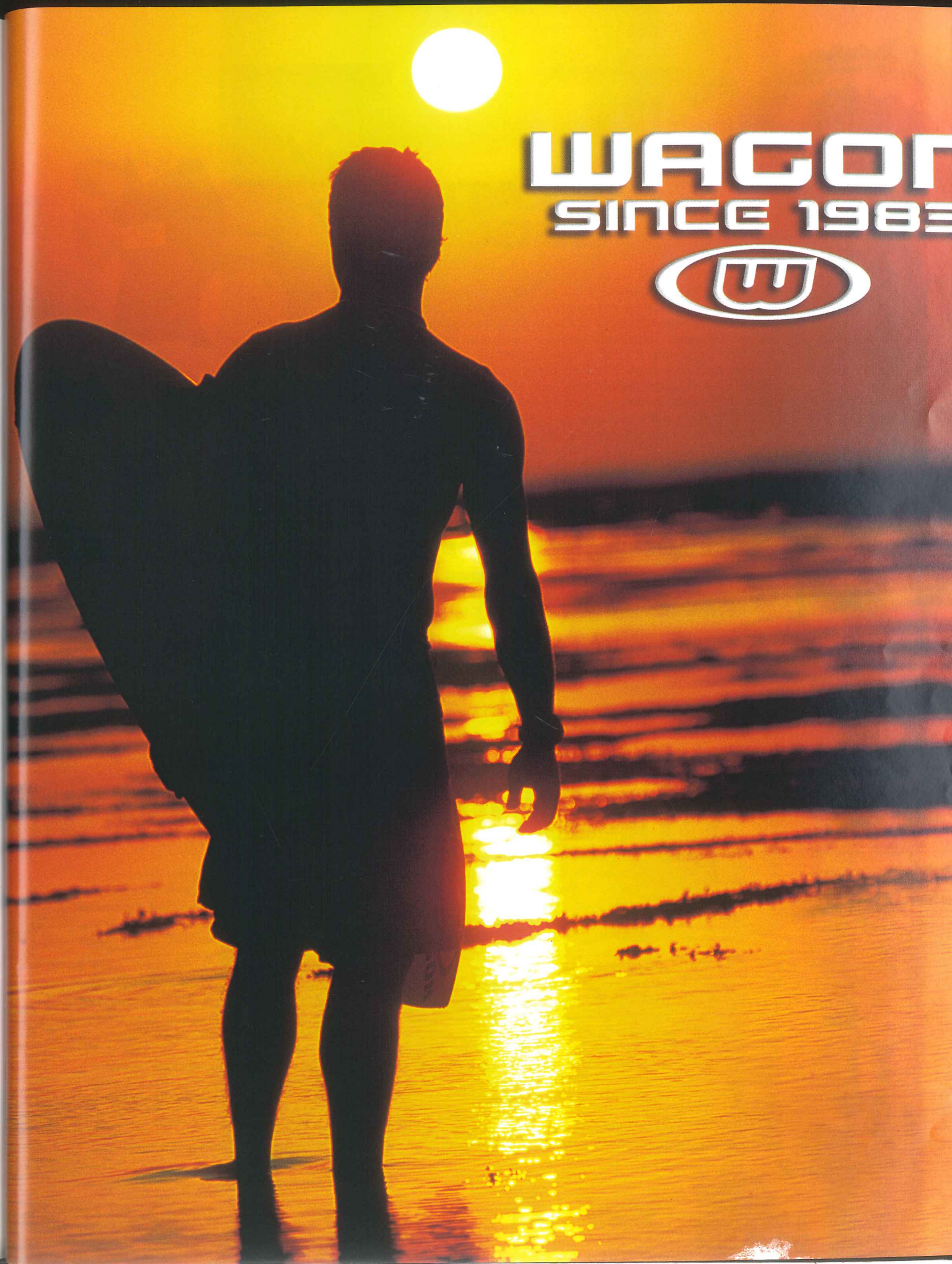
Tom Carroll sempre foi um dos meus maiores ídolos. Quando comecei a ver suas primeiras fotos publicadas nas revistas de surf, por volta do final dos anos 70, logo percebi que aquele surfista lourinho, baixinho e de pernas fortes era um dos melhores da sua geração. Eu não estava errado. Nos anos que se seguiram, Tom conquistou dois títulos mundiais e escreveu seu nome entre os dos maiores surfistas de todos os tempos. Muitas vezes, nos últimos 20 anos, fui surfar inspirado por alguma de suas manobras, sempre fortes e com muita pressão. Durante os anos 80, tive o prazer de estar competindo ao lado de Tom no circuito mundial e fui testemunha ocular de algumas de suas melhores performances. Acabei virando seu amigo e, juntos, surfamos ondas perfeitas na Indonésia, na Austrália, no Havai e também no Brasil. Eu também estava em Pipeline no ano de 1988, quando Tom deixou escapar, por causa de uma interferência boba, aquele que seria seu terceiro título mundial. Tom sempre foi um exemplo de profissional dentro e fora d'água. Primeiro goofyfooter a ganhar um título mundial, ele também foi o primeiro surfista a se preparar fisicamente como um verdadeiro atleta. Ídolo em todo o mundo, Tom Carroll venceu 26 campeonatos e ganhou mais de 500 mil dólares em prêmios ao longo de sua brilhante carreira. Este livro, escrito por um dos melhores jornalistas especializados em surf, o ex-editor do jornal australiano Tracks, Kirk Willcox, conta a história da vida do bicampeão desde a sua infância em Sydney até os seus dias de glória nas ondas gigantes do Hawaii.

Turco Loco

Considerado o representante do surf Deputado Estadual Alberto Turco Loco Hiar, vem ampliando o seu campo de ação. Na segunda quinzena de março ele embarca oficialmente para os Estados Unidos, a fim de ser recebido pelo Senador Fred Hemming, representante do surf na América, eleito pelo Hawaii, a meca do surf mundial. A pauta inclui um intercâmbio desportivo e cultural abrindo uma nova etapa na representação do surf brasileiro no mundo. Aproveitando a viagem, o deputado passará uma semana no Hawaii, polindo o seu surf no fantástico spring time havaiano.

USINA DE ONDAS

A primeira usina de energia gerada pelas ondas já está funcionando na Escócia. Enquanto alguns lugares do mundo, entre eles a Califórnia, sofrem com o racionamento e os altos preços cobrados pelo uso da energia elétrica, na Escócia a energia gerada pelas ondas já está sendo utilizada para, entre outras coisas, iluminar casas e esquentar a população nas frias noites de inverno. Durante muitos anos, as pessoas em geral, principalmente os surfistas, olhavam para o mar e, enquanto observavam as ondas arrebentarem na praia, imaginavam se não haveria uma possibilidade de utilizar toda aquela energia que estava sendo desperdiçada. A primeira patente de uma usina geradora a partir das ondas foi aprovada em Paris, em 1799. Duzentos anos depois, mais precisamente em novembro de 1999, finalmente a idéia foi implantada na ilha de Islay, que fica localizada na costa oeste da Escócia, a cerca de 20 milhas ao norte da Irlanda do Norte. A usina é um sucesso, garantem os técnicos envolvidos no projeto e também os moradores da pequena comunidade - coisa de 500 pessoas - que habitam a ilha, famosa por abrigar algumas das melhores destilarias de whiskey da Escócia. Não se tem notícia da existência de surfistas em Islay, mas, com certeza, depois da implantação da usina, a ilha entrou definitivamente para o mapa do mundo do surf. Na verdade, as condições climáticas em Islay não favorecem a prática do surf. Durante o inverno, quando quebram as maiores ondas, o frio é de luar. Apesar disso, Islay se mostrou o lugar ideal para abrigar uma usina como esta. Bastante exposta às maiores ondulações que atingem esta parte da Europa, Islay recebe os swells gerados no Atlântico Norte e, graças ao seu pequeno território e à reduzida população, não necessita de muito mais energia do que a usina de 500 kW pode gerar. Conhecida como LIMPET (Land Installed Marine Powered Energy Transformer), a usina é capaz de transformar a energia das ondas em eletricidade. Ela é bastante simples e o seu mecanismo de funcionamento, nada complicado. Uma espécie de caixa de concreto foi instalada na beira da praia, e a força das ondas, que são direcionadas para o interior da caixa, funciona como uma espécie de pistão empurrando o ar contido no interior da caixa de concreto para cima. É assim que a turbina do gerador é acionada, transformando a força das ondas em eletricidade. Simples e bastante eficiente. O dr. Tony Butt, oceanógrafo e também ambientalista, garante: "Tem que se ter cuidado na hora de escolher o local onde se pretende construir uma usina como esta. Apesar de serem geradoras de uma energia limpa, e normalmente não poluente, elas podem acabar causando um impacto ambiental negativo. Principalmente se o custo/benefício alcançado com a quantidade de energia produzida não resolver o problema de energia da área em que a usina for instalada". Por outro lado, a utilização da energia gerada pelas ondas está de acordo com o protocolo de Kyoto, que procura diminuir a emissão de gases tóxicos em volta do planeta.





SKATE SEGURO

Depois de muito ralar a carne no asfalto, a galera do skate passou a perceber a importância do uso de equipamentos de segurança. Atuando no mercado há 23 anos, a Tracker fabrica os principais equipamentos de segurança para o skate: joelheiras, cotoveleiras, luvas e capacetes para adultos e crianças de 2 a 8 anos. Eles também produzem shapes com diversas estampas, longboards, trucks, camisetas de várias cores, mochilas para skate e rodas. Além disso distribuem rolamentos e acessórios das principais marcas mundiais. Se você é lojista e mora na capital paulista, pode conferir tudo isso de perto no show room da fábrica, localizado na Rua Aprígio Gonzaga, 238 São Paulo - SP CEP 04303-000. Ou então visitar o site www.tracker.com.br e fazer as suas encomendas pelo telefone: (11) 578-7446/ 275-2149. A Tracker distribui para todo o Brasil. Envie cartas seladas e receba adesivos grátis.



Silas Alves - Interligados



TODAS AS ONDAS



A Todas as Ondas, há mais de 15 anos no bairro de Pinheiros, em São Paulo, é uma surf shop que está por dentro das necessidades do esporte. Todo o pessoal da loja surfa e, até o dono, Beto Fajuri, que não surfava, acabou entrando nessa onda. Trabalhando com as melhores marcas, a Todas as Ondas aceita encomenda de longs, funs, ou minimodels. A loja conta também com uma grande variedade de pranchas, novas e usadas, todos os tipos de acessórios e uma oficina especializada em consertos. Todas as Ondas está localizada na R. Fernão Dias, 28. Tel. (11) 3031-3083 ou 3814-2919.

e-mail: todasasonda@tws.net



ROLFING Resgate a linha certa

Frequentemente expomos o nosso corpo a situações inadequadas. Quando mantemos uma má postura, contribuímos para o desalinhamento do corpo em relação à gravidade. O Rolfing é um sistema de reestruturação corporal e educação do movimento, no qual o profissional manipula o tecido conjuntivo que envolve e conecta nossos músculos e ossos, liberando as tensões existentes em lugares como pés, pernas, quadris, tórax, pescoço e cabeça, realinhando-os em relação à gravidade. O corpo ganha equilíbrio e não precisa gastar tanta energia para realizar movimentos básicos como manter-se de pé e caminhar. A sensação de totalidade adquirida com o Rolfing também contribui para a evolução pessoal, na medida que estimula o auto conhecimento. Ele é indicado para aqueles que sofrem de males causados por má postura, que apresentam dificuldade de movimento e traumas físicos, para os que se submetem a estados de tensão e estresse no dia a dia e também para aqueles que desejam melhorar o seu desempenho esportivo. Esta técnica é completamente dominada por Paulo Marcelo Costa. Surfista há mais de 20 anos e formado pela "University of Hawaii", Paulo Marcelo já me deu a oportunidade de testar e aprovar o Rolfing. Eu recomendo for all at any time. Maiores informações com Paulo Marcelo Costa pelo seguinte telefone: (11) 3885-0306; ou pelo e-mail: paulo@almasurf.com.br

Romeu Andreatta.



No litoral, o que pega mal mesmo é desperdiçar água na hora de escovar os dentes.



Água no litoral. Use mas não abuse.

Gosto não se discute. Cada um tem o seu. Mas numa coisa todo mundo concorda: o que o verão tem de melhor é a praia.

Por isso, enquanto você revisava o carro, alugava a casa e arrumava a bagagem, a Sabesp trabalhava pra garantir o tanho depois da praia, a louça lavada e a roupa limpinha. Ou seja, um verão muito mais confortável. A água não é da Sabesp. É de todos.

Evite o desperdício. Feche a torneira ao se barbear, escovar os dentes ou lavar a louça. Nada de banhos demorados. Só utilize máquinas de lavar com a capacidade máxima de uso. Verifique os vazamentos. Os conselhos são os mesmos de sempre. E são mais válidos do que nunca. Porque, além de conforto, água encanada e tratada é saúde pra você e sua família. Gosto não se discute, mas falta d'água dá discussão pra um verão inteiro.



Ondas sonoras

Por Marcos Bocayúva

Remando contra a maré, selos e gravadoras independentes buscam um lugar ao sol.

Em tempos de Internet, Napster e mundo globalizado, os pequenos selos e as gravadoras independentes ganham mais força para promover suas bandas e ocupar os espaços não preenchidos pelas "majors" com seus esquemas megalomaniacos. Tendo a Internet e o MP3 como fortes aliados, não param de surgir novas alternativas fonográficas e, por consequência, novos artistas e bandas. Com a saturação do grande mercado com seus subgêneros (Axé, Pagode, etc.), e com a força da democracia (Internet, Mp3, bancas de

jornal), as gravadoras independentes estão ganhando espaço com lançamentos, muitas vezes, superiores aos "fenômenos" musicais e às bandas, pré-fabricados pelas gravadoras. Preenchendo diferentes espaços, e veiculando novos ritmos dentro do universo do Rock, a Gravadora "Rock it" e o Selo "Midsummer Madness" são dois bons exemplos cariocas do fortalecimento do chamado "mercado alternativo". A "Rock it" é um projeto do guitarrista Dado Villa Lobos - ex-Legião Urbana - que, junto com o produtor artístico Vitor Kelly, há quase uma década vem revelando bandas e ralando nas trincheiras independentes. Com uma boa estrutura, Dado e Vitor já colhem os frutos do bem-sucedido álbum de estréia de Tony Platão (Calígola FreeJack) que, além de boas vendas, conseguiu agradar à crítica. Agora, a "Rock it" está trabalhando no segundo disco dos gaúchos do Ultraman.



O novo petardo tem o nome de "Olelé" e está bem mais variado que o primeiro. Sob forte influência do "hip-hop" e do "funk", os caras fazem um som criativo, que pode servir tanto para instigar um surf pressão, quanto ser usado como trilha sonora na hora de curtir um rolê noturno. Do mesmo lado da moeda, só que num esquema um pouco menor, está o sangue-bom Rodrigo Lariú e o seu selo "Midsummer Madness". Rodrigo é figura carimbada no "underground" carioca desde o começo da década passada. Lariú está atrás de revelar novos talentos no esquema do selo "MM". Nessa conexão, muita gente conheceu bandas legais por intermédio do "Midsummer Madness". Não faltam bons exemplos como "Stellar", "Brincando de Deus", "Pelvs" e muitas outras. Neste momento, os focos da gravadora estão sobre uma simpática "guitar band" de Campinas: "Astromato". A banda produz um Rock honesto, sem muitas firulas. Com direito a boas letras e um clima meio psicodélico. O tipo do som perfeito para a turma que curte "Teenage Funclub" e os extintos "Jesus and Mary Chain". Seja você um amante do "swing" (Ultraman) ou da psicodelia (Astromato), o que importa por aqui é que, enquanto as grandes gravadoras estiverem boiando nos seus megaesquemas, as independentes estarão mantendo o nível e revelando novos artistas, responsáveis pela renovação da música produzida no nosso país. Independência, acima de tudo!

Rony Bonetti
Hawaii 2001



www.badboy.com.br

www.badboysurfdivision.com.br



REVENDEDORES AUTORIZADOS:

REZUMO	CAXIAS
SB CALÇADOS	FLORIANÓPOLIS
KILLER	LONDRINA
SURF SHOP SURF	FÓZ DO IGUAÇÚ
WEAR	SÃO VICENTE / SÃO
HAWAII SURF POINT	SEBASTIÃO
ÁGUA DO MAR	CARAGUÁ / SÃO SEBASTIÃO
HOT WATER	SANTOS / SP CAPITAL
TENT BEACH	SP CAPITAL / ABC
SUN ROCHA	SP CAPITAL
QUILHA'S	SP CAPITAL
RADICAL VEST	CAMPINAS / AMERICANA
WAIMONALOO	LIMEIRA / RIO CLARO
PONTO E VIRGULA	TATUÍ
PAVILHÃO 3	BH
TEAM SABOTAGE	RIO DE JANEIRO
MAY LAY	MACAÉ
LOCAL SURF	VITÓRIA

STCOMP
SURF / TRAINING / COMPETITION

São Paulo / Marésias / Guarujá / Porto Alegre / Florianópolis / Rio de Janeiro
Belo Horizonte / Brasília / Curitiba / North Shore - Haleiwa - Hawaii

GARRET MCNAMARA
BAD BOY SURF TEAM
FOTO:

CENTRAL DE VENDAS
11-5584-6316 RAMAL 241

BAD BOY